

Francisco

Candido

Xavier

**REPORTAGENS
DE
ALÉM TUMULO**

Do Espírito de
Humberto de Campos

Livraria Editora da Federação
AV. PASSOS, 30 - RIO



OBRAS DE

**ERNESTO
BOZZANO :**

**PENSAMENTO E
VONTADE**

Br. . CR\$ 4,00
Enc. . CR\$ 7,00

**OS ENIGMAS DA
PSICOMETRIA**

Br. . CR\$ 5,00
Enc. . CR\$ 8,00

**METAPSIQUICA
HUMANA**

Br. . CR\$ 5,00
Enc. . CR\$ 8,00

**A CRISE DA
MORTE**

Br. . CR\$ 4,00
Enc. . CR\$ 7,00

**XENOGLOSSIA
(MEDIUNIDADE
POLIGLOTA)**

Br. . CR\$ 5,00
Enc. . CR\$ 8,00

**FENOMENOS
PSIQUICOS NO
MOMENTO DA
MORTE**

Br. . CR\$ 5,00
Enc. . CR\$ 8,00

**ANIMISMO OU
ESPIRITISMO?**

Enc. . CR\$ 12,00
Br. . CR\$ 9,00

Reportagens de Além Túmulo



Produções mediúnicas de Francisco Candido Xavier:

PARNASO DE ALÉM TUMULO

Poesias ditadas por varios Espiritos de poetas brasileiros e portugueses.

EMMANUEL

Trata-se de mensagens ditadas por esse bondoso espirito ao médium Francisco Candido Xavier, cheias de colorido que nos enchem de consolo e suavidade. —

Br. CR\$ 5,00; enc. CR\$ 8,00.

A CAMINHO DA LUZ

Historia da Civilização, á Luz do Espiritismo. Obra prima ditada pelo Espirito lucido de EMMANUEL.

— Br. CR\$ 5,00; enc. CR\$ 8,00.

BRASIL, CORAÇÃO DO MUNDO,

PATRIA DO EVANGELHO

(Ditado pelo Espirito de HUMBERTO DE CAMPOS).

Br. CR\$ 7,00; enc. CR\$ 10,00.

CRONICAS DE ALÉM TUMULO

(Ditado pelo Espirito de HUMBERTO DE CAMPOS).

Br. CR\$ 5,00; enc. CR\$ 8,00.

NOVAS MENSAGENS

(Ditado pelo Espirito de HUMBERTO DE CAMPOS).

Br. CR\$ 4,00; enc. CR\$ 7,00.

HA DOIS MIL ANOS

(Ditado pelo Espirito de EMMANUEL).

Br. CR\$ 9,00; enc. CR\$ 12,00.

50 ANOS DEPOIS

(Ditado pelo Espirito de EMMANUEL).

Br. CR\$ 9,00; enc. CR\$ 12,00.

O CONSOLADOR

(Ditado pelo Espirito de EMMANUEL).

Br. CR\$ 7,00; enc. CR\$ 10,00.

BOA NOVA

(Ditado pelo Espirito de HUMBERTO DE CAMPOS).

Br. CR\$ 6,00; enc. CR\$ 9,00.

PAULO E ESTEVAM

(Ditado pelo Espirito de EMMANUEL).

Br. CR\$ 18,00; Enc. CR\$ 22,00.

RENÚNCIA

(Romance de EMMANUEL).

Br. CR\$ 12,00; Enc. CR\$ 16,00.

REPORTAGENS DE ALÉM TUMULO

(Ditado pelo Espirito de HUMBERTO DE CAMPOS).

Br. CR\$ 8,00; Enc. CR\$ 12,00.

Francisco Cândido Xavier

Reportagens De Além Túmulo

Ditado pelo
Espirito de

Humberto de Campos



1943

LIVRARIA EDITORA DA FEDERAÇÃO
ESPIRITA BRASILEIRA

Avenida Passos, 30

Rio de Janeiro

INDICE

<i>Do noticiarista desencarnado</i>	7
I — Amarguras de um santo	11
II — O irmão Severiano	16
III — A videncia esquecida	20
IV — Espiritos protetores	24
V — O Natal diferente	29
VI — O drama de André	34
VII — O transporte revelador	40
VIII — O livre pensador	45
IX — Desapontamento de um suicida	52
X — O investigador inconciente	59
XI — O apêlo inesperado	65
XII — A cura complexa	70
XIII — O trabalhador fracassado	76
XIV — Invocações diretas	82
XV — A grande surpresa	87
XVI — Caridade e desenvolvimento	93
XVII — A experiencia de Catarino	99
XVIII — Narrador apenas	105
XIX — Quando Felisberto voltou	111
XX — O valor do trabalho	116
XXI — A molestia salvadora	123
XXII — O remedio á preguiça	129
XXIII — A solução caridosa	135
XXIV — A estranha indicação	140
XXV — Tragedia oculta	147
XXVI — Assistencia espiritual	153
XXVII — Dois companheiros	160
XXVIII — A queixosa	165
XXIX — O diagnostico	171
XXX — Mania de enfermidade	177
XXXI — O doutrinador rigorista	184
XXXII — A crente interessada	191
XXXIII — Obsessão desconhecida	198
XXXIV — A conselheira invigilante	203
XXXV — Proselitismo de arrastamento	209

DO NOTICIARISTA DESINCARNADO

A sepultura não é a porta do céu, nem a passagem para o inferno. É o bangalô subterrâneo das células cansadas — silencioso depósito do vestuário apodrecido.

O homem não encontrará na morte mais do que vida e no misterioso umbral, a grande surpresa é o encontro de si mesmo.

Falar, pois, de homens e de espiritos como se fôsem expoentes de duas raças antagônicas, vale por falsa concepção das realidades eternas. As criaturas terrenas são, igualmente, Espiritos revestidos de expressões peculiares ao planeta. Eis a verdade que o Cristianismo restaurado difundirá nos círculos da cultura religiosa.

Quanta gente aguarda a grande transição para regenerar costumes e renovar pensamentos? Entretanto, adiar a realização do bem, é sempre menosprezar patri-mônios divinos, agravando dificuldades futuras.

O deslumbramento que invadiu as zonas de intercâmbio entre as esferas visível e invisível, operou singulares atitudes nos aprendizes novos.

Em círculos diversos, companheiros nossos, pelo simples fato de haver transposto os umbrais do sepulcro, são convertidos pelos que ficaram na Terra, em oráculos supostamente infalíveis; alguns amigos, porque encontraram benfeitores na zona espiritual, esquecem os serviços que lhes competem no esforço comum; médiuns necessitados de esclarecimento são transformados em semi-deuses.

A alegria da imortalidade embriagou a muitos estudiosos imprevidentes. Dorme-se ao longo de trabalhos

valiosos e urgentes, á espera de mundos celestiais, como se o orbe terrestre não integrasse a paisagem do Infinito.

É necessário, portanto, recordar que a existencia humana é oportunidade preciosa no aprendizado para a vida eterna. Ensina-se-nos aqui, que Espiritos prototeres e perturbados, nobres e mesquinhos, podem ser encontrados nos planos visiveis e invisiveis. Cada criatura humana tem a sua quota de deveres e direitos, de compromissos e possibilidades. Zonas felizes e desventuradas permanecem nas consciencias, na multiplicidade de posições mentais dos Espiritos eternos. Tanto na Terra como no Céu, a responsabilidade é lei.

Neste quadro de observações, o Consolador é a escola divina destinada ao levantamento das almas. Urge, pois, que os discipulos se despreocupem do Espiritismo dos mortos, para colocar acima de todas as demonstrações verbalísticas o Espiritismo dos vivos na eternidade.

Dentro de cada aprendiz ha um mundo a desbravar.

A Terra é tambem a grande universidade. Ninguém despreze a luta, o sofrimento, a dificuldade, o testemunho proprio. A luz e o bem, a sabedoria e o amor, a compreensão e a fraternidade, o cerebro esclarecido e as mãos generosas, dependem do esforço pessoal, antes de tudo.

O sol ilumina o mundo, a chuva fecunda a terra, a árvore frutifica, as aguas adoçam a aridez do deserto; mas o homem deve caminhar por si mesmo. As maravilhas e dádivas da natureza superior não eximem a criatura da obrigação de seguir com o Cristo, para Deus.

Quando tantos companheiros dormem esquecendo o serviço, ou contendem por ninharias copiando impulsos infantis, trago-te, leitor amigo, estas reportagens despretenciosas — lembrança humilde de humilde jornalista desincarnado.

As experiencias relacionadas nestas páginas singelas, falam eloquentemente de nossas necessidades individuais. Não devemos continuar na condição de meros

beneficiarios na Casa de Deus, reincidentes nas dívidas e falhas criminosas. A Providencia nos oferece tesouros impereciveis. O Pai repartiu a herança com magnanimidade e justiça. Não ha filhos esquecidos e todos somos seus filhos.

Trazendo-te, pois, meu esforço desvalioso, feito de coração para corações, termino afirmando que todas estas reportagens são reais e que, se os nomes dos personagens obedecem á convenção da caridade fraterna, aqui não ha ficções nem coincidencias. Cada história representa um caso individual no imenso arquivo das experiencias humanas, para compreensão da vida eterna.

Pedro Leopoldo, 8 de dezembro de 1942.

HUMBERTO DE CAMPOS.

REPORTAGENS DE ALÉM TÚMULO

AMARGURAS DE UM SANTO

Falava-se numa roda espiritual, da melhor maneira de cultivar a prece, quando um amigo sentenciou:

— “Uma herança perigosa dos espiritistas é a de transformar a memória de um companheiro desincarnado numa espécie de culto de falsa santidade. O bom trabalhador do Cristo não faz mais que cumprir um dever, e não é justo se lhe perturbe a serenidade espiritual com a repetição de cenas mundanas, perfeitamente idênticas às cerimônias canônicas. Não raro, a morte arrebatada do convívio terrestre um irmão consciencioso, dedicado, e imediatamente os amigos da doutrina o transformam num tabú de fictícia inexpugnabilidade.

— “E’ verdade — exclamou um dos presentes — em todas as questões é justo perguntarmos qual foi o procedimento de Jesus, e no caso da prece, não se vê, nos Evangelhos, um culto particular, a não ser a contínua comunhão entre o Cristo e o Pai que está nos Céus”.

Um ex-padre católico, com o sorriso da bonança que sempre surge depois das grandes decepções, acrescentou em tom amistoso:

— “E’ razoável que os homens do mundo não interrompam as tradições afetuosas com aqueles que os precedem na jornada silenciosa do túmulo, conservando nas almas a mesma disposição de ternura e de agradecimento, na recordação dos que partiram. Entretanto, no capítulo das rogativas, das solicitações, dos empenhos, convém que toda criatura se dirija a Deus, ciente de que a sua vontade soberana é sempre justa e de que a sua inesgotável bondade se manifestará, de um ou de outro

modo, através dos mensageiros que julgue conveniente aos fins colimados. Em minhas experiencias nas esferas mais proximas do planeta, sempre reconheci que os Espíritos mais homenageados na Terra são os que mais sofrem, em virtude da pouca prudencia dos seus amigos. Aliás, neste particular, temos o exemplo doloroso dos "santos". Sabemos que raros homens canonizados pela igreja humana chegaram, de fato, á montanha alcançada e luminosa da virtude. E essas pobres criaturas pagam caro, na espiritualidade, o incenso perfumoso das glórias de um altar terrestre".

A palestra tomava um carater dos mais interessantes, quando o mesmo amigo perguntou de repente, depois de uma pausa:

— "Vocês conhecem a história de São Domingos González?"

E, enquanto os presentes entreolhavam-se mudos, em íntima interrogação, continuou:

— "Domingos Gonzalez era um padre insinuante, dotado de poderosa e aguçada inteligencia. Sua carreira sacerdotal, dado o seu carater flexivel, foi um grande vôo para as posições mais importantes e elevadas. Dominava todos os companheiros pelo poder de sua palavra quente e persuasiva, cativava a atenção de todos os seus superiores pela humildade exterior de que dava testemunho, embora a sua vida íntima estivesse cheia de penosos deslises.

A verdade é que, lá pelos fins do século XV, era ele o Inquisidor Geral de Aragão; mas, tal foi o seu método condenavel de ação no elevado cargo que lhe fôra conferido, que, por volta de 1485 os israelitas o assassinaram na catedral de Saragoça, em momento de sagradas celebrações.

O nosso biografado acordou, no além tumulo, com as suas chagas dolorosas, dentro das terriveis realidades que lhe aguardavam o Espírito imprevidente; mas, os eclesiásticos concordaram em pleitear-lhe um lugar de destaque nos altares humanos e venceram a causa.

Em breve tempo, a memória de Domingos transformava-se no culto de um santo. Mas, aí, agravaram-se,

no plano invisível, os tormentos daquela alma desventurada. Envergonhado e oprimido, o ex-padre influente do mundo, sentia-se qual mendigo faminto e coberto de pustulas. Nós, porém, sabemos que as recordações pesadas do planeta são como forças invencíveis que nos prendem á superfície da Terra, e o infeliz companheiro foi obrigado a comparecer, embora invisível aos olhos mortais, a todas as cerimônias religiosas que se verificaram na instituição de seu culto. Domingos Gonzalez assombrado com as acusações da propria consciência, assistiu a todas as solenidades da sua canonização, sentindo-se o mais desgraçado dos seres. As pompas do acontecimento eram como espadas intangíveis que lhe atravessassem, de lado a lado, o coração vencido e sofredor. Os cânticos de glorificação terrena ecoavam-lhe no íntimo como soluços da sombra e da amargura.

E, desde essa hora, intensificaram-se-lhe os padecimentos.

Sua angustia agravou-se, primeiramente, em virtude da nova posição do círculo familiar. Os que lhe eram afins pelo sangue entenderam que não mais deviam o tributo comum de trabalho e realização ao mundo. Como parentes de um santo, não mais quiseram trabalhar. E essa atitude se estendeu aos seus mais antigos companheiros de comunidade. Os poucos valores da agremiação religiosa a que pertencera desapareceram. Seus colegas de esforço estacionaram voluntariamente na preguiça criminosa e no habito das homenagens sucessivas. O grupo havia produzido um santo: devia ser o bastante para garantia de uma posição definitiva no céu.

O Espírito infeliz contemplava semelhante situação, banhado em lagrimas expiatorias. E o seu martirio continuou.

Sabemos que um apêlo da Terra é recebido em nosso meio tão logo seja expedido por um coração que se debata nas lutas redentoras do mundo. Se o serviço postal do orbe que pode estar sujeito aos erros de administração, ou á má vontade de um estafeta desviando do

seu destino uma mensagem, no plano espiritual não se verificam semelhantes perturbações. A solicitação justa ou injusta dos homens vem ter conosco pelos fios do pensamento, na divina claridade do magnetismo universal. E Domingos começou a receber os pedidos mais imprudentes dos seus numerosos devotos.

A alma desventurada ficou absolutamente presa á Terra e, de instante a instante, era obrigada a atender aos apelos mais extravagantes e mais absurdos.

Se um criminoso desejava fugir á ação da justiça no mundo, valia-se de Domingos, invocando-lhe a memória, entre receios e rogativas. As mães desassizadas, que não cogitaram da educação dos filhos, em pequeninos, lhe rogavam de joelhos, a correção tardia desses filhos transviados em maus caminhos. Os velhacos lhe faziam promessas, afim de realizarem um bom negócio. As moças casadoiras lhe imploravam a aliança do noivo rebelde e arredo. Os sacerdotes pediam-lhe a atenção dos superiores. E, finalmente, todos os sofreadores sem consciencia lhe suplicavam o afastamento da cruz de provações que lhes era indispensavel.

Chumbado ao mundo, Domingos, durante mais de um seculo, perambulou pelas casas dos devotos, pelas estradas desertas, pelos circulos de negócios, pelos covís dos bandidos.

Seu aspecto fazia pena.

Foi quando, então, dirigiu a Jesus a súplica mais fervorosa de sua vida espiritual, implorando lhe permitisse voltar á Terra, afim de esconder no esquecimento da carne as suas enormes desditas. Queria fugir do plano invisivel, detestava o título de santo, aborrecia todas as homenagens, atormentava-o o altar do mundo. Suas lagrimas eram amargas e comovedoras e o Senhor, como sempre, não lhe faltou com a bondade infinita.

Assim como um grupo de amigos influentes procura colocação para o homem desempregado e aflito no mundo, alguns companheiros dedicados vieram oferecer ao pobre Espírito sofredor uma reencarnação como escravo, no Brasil.

Domingos González ficou radiante. Chorou de júbilo, de agradecimento a Jesus e, em breve tempo, tomava a vestimenta escura dos cativos, sentindo-se ditoso e confortado, cheio de alegria e reconhecimento".

O nôsso amigo fizera uma pausa na sua narrativa. Estavamos, porém, altamente interessados e eu perguntei:

— "E o santo está hoje nos planos mais elevados da espiritualidade? Seria extremamente curiosa a palavra direta de sua desilusão e de sua experiência valiosa..."

— "Não, ainda não — replicou o narrador, com ar discreto — Domingos tem vivido sucessivamente no Brasil e, ainda hoje, continua, aí, a esforçar-se pela sua redenção espiritual, guardando instintivamente o mais terrível receio de chegar ás esferas invisiveis com o título de santidade.

Mas, as obrigações comuns dispersaram o grupo em palestra e, dentro de pouco tempo, estava eu novamente só, com o meu trabalho e com a minha meditação. E nesse dia, impressionado com a história daquela amarga experiência, não pude retirar da imaginação aquele santo que trocara os incensos do altar pela atmosfera nauseante de uma senzala do cativo.

O IRMÃO SEVERIANO

Severiano Fagundes era dos melhores doutrinadores de Espiritismo numa das grandes capitais brasileiras. Sua palavra vibrante era muito admirada nas tribunas doutrinarias, sua presença um estímulo aos companheiros. Temperamento expansivo, era portador de expressões alegres e vivas. Ótimo organizador dos serviços de intercambio com o invisível, tinha especial aptidão para convencer as entidades recalcitrantes, embora não as convencesse de todo, relativamente aos deveres espirituais. Sabia elucidar os médiuns, formar as sessões práticas, transmitir verbalmente os ensinamentos recebidos. Surgiam obsidiados? Lá estava o Severiano combatendo os agentes da discordia, esclarecendo obsessores infelizes.

Entretanto, o poderoso doutrinador, além de profundamente arbitrário em seus modos de agir, parecia comprazer-se em certas irregularidades da vida. Se algum companheiro se aproximava, prudentemente, e lhe falava dos perigos que semelhante situação poderia acarretar, Severiano dava de ombros e interrogava: — “Ora, mas que tem isso? São futilidades da existencia humana. A verdade é que nunca me viram faltar aos deveres para com a doutrina. Compareço pontualmente ás reuniões, não me furto ao trabalho de esclarecimento dos irmãos perturbados, nem me nego ao concurso fraternal nas atividades mais pesadas do nosso grupo”.

E a vida passava.

O nosso amigo tinha os seus casos tristes, suas

situações escabrosas, mas continuava impávido no arrojo da prégação.

Não faltava ás sessões, mas esquecia a familia; doutrinava os espiritos mais cruéis, entretanto, alegava não tolerar a espôsa que Deus lhe havia confiado, porque não pudera compreender o Espiritismo á sua maneira; preparava bem os médiuns e contudo não se interessava pelos filhos, como devia.

E era um companheiro valente o Severiano. Sabia animar, corrigir, resolver problemas difíceis, lançar incentivos eficazes.

Os anos passaram sôbre o quadro de seus serviços e o ardoroso doutrinador foi chamado á esfera espiritual.

Em virtude de seus conhecimentos, relativamente á doutrina, Severiano percebeu que não mais pertencia ao numero dos adormecidos na carne. Estava plenamente convencido da transição fenomênica da morte do corpo. No entanto, como no plano invisível cada criatura somente poderá ver através da luz que acendeu na propria alma, o grande propagandista dos principios doutrinarios, com imensa surpresa, não encontrou os amigos espirituais com que contava, não obstante o esforço de todos em seu favor. Viu-se sem rumo, entre sombras e paisagens confusas. Ao contrário de suas ilusões no periodo de atividades que lhe antecederam ao desprendimento do mundo, começou a refletir mais seriamente na vida particular que a esponja do tempo havia absorvido. Revia, agora, os minimos detalhes das occurências pequeninas. Ter-se-ia portado bem nessa ou naquela circunstancia? A conciencia dizia-lhe que não, que ficaram muitas tarefas por fazer, em virtude da deficiencia de seu esforço, sempre tão pronto para ensinar aos outros.

A' medida que se escoavam os dias, observava a multiplicação dos remorsos e dores intimas. O pobre amigo não sabia como explicar o seu mal-estar, qual o motivo da paisagem escura que o cercava.

Certo dia, Severiano chorou como criança, nas súplicas que procurou elevar a Deus. Lembrou as reuniões em que ensinara austeras disciplinas, via-se á frente das entidades perturbadas que se comunicavam, e recordava as exortações que lhes dirigia corajosamente.

Severiano chorou. E' verdade que, como homem, havia errado muito, fugindo aos trabalhos proprios de sua vida; no entanto, devotara-se á doutrina dos Espíritos, espalhara consolações e conselhos. Nesse instante, sua sincera compunção parecia arrebatá-lo a lugar diferente. Viu-se numa paisagem mais leve, á frente de uma entidade de semblante divino, que o contemplava carinhosamente.

— Irmão querido — perguntou o ex-doutrinador, sensibilizado — por que soffro tanto, em caminhos sem luz?

— E' que acendeste muita claridade nos outros, mas te esqueceste de ti mesmo — esclareceu a nobre entidade com amoroso sorriso.

Severiano começou a explicar-se: lamentou a situação propria, falou longamente, mas o mensageiro de Jesus interrogou com solicitude fraternal:

— Irmão Severiano, serviste de fato ao Evangelho?

— Sim — replicou o misero, hesitando — disciplinei muitos Espíritos perturbadores, fazendo-lhes sentir os deveres que lhes competiam.

A generosa entidade tomou então de um grande volume e afirmou com bondade:

— Temos aqui o Evangelho, tal como o estudaste no mundo. Observemos o que nos diz a lição de Jesus, com respeito á tua primeira alegação.

E o livro abriu-se, automaticamente, impulsionado por energias luminosas, apresentando o versículo 4 do capítulo 23, de Mateus: — "Pois atam fardos pesados e difíceis de suportar e os põem aos ombros dos homens; eles, porém, nem com o dedo querem move-los".

Severiano Fagundes ficou muito pálido. Recordou, instintivamente, tudo o que deixara de fazer no círculo de suas obrigações justas. Como o generoso amigo espi-

ritual o contemplava em silencio, sorrindo com amor, o pobre irmão que lembrava as lutas da Terra, murmurou:

— Sei que não cuidei de mim, como deveria; entretanto, tive muita fé.

Essas palavras foram proferidas com enorme desapontamento. Mas o emissario do Cristo voltou a dizer:

— Vejamos, então, o que nos diz o Evangelho, relativamente á tua segunda alegação.

E surgiu o versículo 17 do Capítulo 2 da Epistola Universal de Tiago, em caracteres radiosos: — "Assim tambem a fé, se não tiver as obras, é morta em si mesma".

Severiano baixou os olhos e começou a chorar amargamente, pois só agora reconhecia que ensinara muito Evangelho aos outros, lendo-o com leviandade, mas não applicara o código divino á propria vida. Nada mais disse ao mentor carinhoso e justo que, abraçando-o fraternalmente, murmurou com bondade inifinita:

— Irmão Severiano, levanta os olhos para o Mestre e anima-te! Voltarás á Terra para o serviço redentor; mas, não te esqueças de que, como incarnado, serás tambem Espírito em doutrinação. E' preciso escutar o dever, a luta e o sofrimento... São mensageiros de Jesus que ensinam o Evangelho na Terra. Precisamos ser canal de verdade para os outros; mas não é só isso, porque é indispensavel sejamos canais e reservatórios ao mesmo tempo, a-fim-de que, como discipulos de um Mestre tão rico de sabedoria e amor, não venhamos a sucumbir pela miseria propria.

A generosa entidade continuou a exaltar a beleza das obrigações cumpridas e, cheio de lagrimas e esperanças novas, Severiano Fagundes começou a preparar-se para recommear a lição na vida humana.

A VIDENCIA ESQUECIDA

Benicio Fernandes era assiduo frequentador de um grupo espiritista, mas, nunca se furtara a enorme contrariedade por não participar da visão direta, dos quadros movimentados da esfera invisível. Desejava, ardentemente, os dons mediunicos mais avançados. Fazia inumeros exercícos por obte-los. Iniciavam-se os trabalhos habituais e lá estava o nosso amigo em profunda concentração, ansioso por surpreender as visões reveladoras. Tudo, porém, em tórno do seu mundo sensorial, era expectação e silêncio. Terminada a reunião, ouvia velando a propria mágua, certas descrições de alguns companheiros. Este observara a presença de Espíritos amigos, aquele contemplara maravilhoso quadro simbólico. Falava-se de mensagens, de painéis, de luzes entrevistas. Dentre os visitantes comuns, de passagem pelo grupo, surgiam preciosos casos de fatos vividos. Havia sempre alguém a comentar um acontecimento inesquecível, de sabor doutrinário, ocorrido no seio da familia. Benicio não conseguia disfarçar a inveja e o desgosto e despedia-se, quase bruscamente, nervoso, fisionomia estranha e taciturna, para entregar-se em casa a pensamentos angustiosos.

Por que razão não conseguia perceber as manifestações do plano espiritual? Seria justo acompanhar o esforço dos companheiros, quando a seu ver, sentia-se desatendido em suas necessidades?

A cousa ia assumindo carater de terrível obsessão. Nosso amigo não mais ocultava o mal-estar intimo. Se

alguem, depois de uma prece o interrogava sôbre as observações proprias, esclarecia em tom desabrido: — “Nada vi, nada sinto. Acredito que sou uma pedra!...”

Aquelas atitudes revelavam profunda desesperação aos companheiros preocupados. A situação agravava-se cada vez mais, quando, uma noite Benicio sonhou que aportava ao mundo espiritual, convocado por um amigo deseioso de receber suas noticias diretas. Na paisagem de intraduzível beleza, o desvelado mentor abraçou-o e cogitou das suas amarguras. O pobre homem estava deslumbrado com o que via, sem encontrar meios de expressar a sensação de gozo que lhe aalma; todavia, respondeu sem hesitação:

— Meu grande benfeitor, não me posso queixar das minhas lutas terrenas, mas, não devo ocultar minha grande mágua...

A respeitável entidade fez um gesto interrogativo, enquanto Benicio continuava:

— Desgraçadamente, para mim, embora participe dos esforços de uma nobre agremiação de estudos evangélicos, nunca vi os Espíritos!...

— Mas não estás com a luta temporária da cegueira? — objetou o amigo venerando, afavelmente. — Esqueces, acaso, que teu plano de trabalho está igualmente povoado de espíritos em diversos gráus da ascensão evolutiva?!... Crês, porventura, que os habitantes da Terra sejam personalidades estranhas á comunidade universal?...

Benicio Fernandes experimentou imenso choque. Aquela interpretação inesperada lhe desnorteava os pensamentos. Como se desejasse retificar o engano de suas cogitações, acentuou com algum desapontamento:

— Sinto ânsia ardente de contemplar os Espíritos protetores, beijar-lhes as mãos todos os dias, manifestando-lhes meu reconhecimento.

— Esqueceste tua velha mãezinha? — perguntou o mentor solícito. — Ha quanto tempo não te recordas de orar com ela, osculando-lhe as mãos carinhosas?... Acreditas, talvez, que os cabelos brancos dispensam os carinhos? E teu tio, exgotado nos trabalhos mais gros-

seiros do mundo, por ajudar tua mãe, na viuvez? Olvidaste, Benicio, esses espíritos protetores de tua vida?

O discípulo da Terra experimentou frio cortante na alma; no entanto, prosseguiu:

— Compreendo... Mas não posso furtar-me ao desejo de entrar em contacto com as nobres entidades que nos dirigem as tarefas e conhecer-lhes os superiores designios...

— Não recordas teu chefe de trabalho diário? — interrogou o benfeitor veneravel. — Ele é um bom espírito dirigente. Supões que a tua oficina e a sua administração estivessem no mundo, a esmo? Não desdenhes a possibilidade de integrares elevados programas de ação do teu diretor de trabalhos terrestres. Auxilia-o com a boa vontade sincera. Antes de examinar-lhe as decisões com pruridos de crítica, procura algum meio de contribuir com o teu esforço, honrando-lhe os propósitos.

E, como o interlocutor estivesse, agora, profundamente emocionado, o amoroso mensageiro continuou:

— Olvidaste os diretores da instituição doutrinária onde buscas benefícios? Aqueles irmãos muitas vezes são caluniados e incompreendidos. Considera-lhes os sacrificios. Quase sempre, sofrem os ataques da malícia humana e necessitam companheiros abnegados para a obra generosa de suas fundações fraternais. E' justo que não sejas apenas mero socio contribuinte de despesas materiais, e sim participante ativo do trabalho evangelico, isto é, sincero socio de Jesus Cristo.

O aprendiz da Terra sentia-se extremamente envergonhado. Suas idéias modificavam-se em ritmo vertiginoso. Entretanto, na sua feição de homem do mundo, pouco inclinado a ceder das proprias opiniões, redarguiu em tom de mágua:

— Sim, meu bondoso amigo, reconheço a justiça e a grandeza das vossas observações; entretanto, nas minhas atividades terrenas, queria ver, pelo menos, algum espírito sofredor, alguma entidade necessitada, ou ignorante...

Valendo-se da pausa que se fizera espontanea com os derradeiros argumentos, o carinhoso emissario voltou a dizer:

— Almas desalentadas, entre feridas e angustias? Sêres necessitados de assistencia e de luz? Não te lembras mais dos filhinhos que o céu te concedeu? Penetras cégame os portais da tua instituição, a ponto de não veres os enfermos e derrotados da sorte que ali procuram o socorro do Evangelho de Jesus Cristo? Nunca viste os que se aproximam da fonte das bençãos, tomados de intenções mesquinhas e criminosas, terríveis obsessores dos operarios fiéis?

Benicio estava agora extatico, demonstrando haver afinal compreendido.

— Andas assim tão esquecido da videncia preciosa que Deus te confiou? — prosseguia o mentor espiritual, sólicitamente. — Se ainda não pudeste contemplar os espíritos benfeitores, ou malfeitores, que te rodeiam na Terra, como queres conhecer e classificar as potencias do céu? Volta para casa e procura ver!...

Nesse instante, Benicio sentiu-se perturbado pela explosão de um ruido imenso.

Era o relógio que o despertava. Acordou, esfregou os olhos e preparou-se para tomar o trem suburbano, dentro de alguns minutos.

Nessa manhã, Benicio Fernandes levantou-se, tomou o café, abraçou mais afetuosamente a espôsa e os filhinhos. Cada cousa da sua habitação modesta apresentava, agora, aos seus olhos, uma expressão diferente e mais preciosa. Antes de sair foi beijar as mãos de sua mãe paralítica, o que ha muito não fazia; perguntou pelo velho tio que saíra mais cedo, e, engolfado em grandiosos pensamentos dirigiu-se para o trabalho, meditando na Providencia Divina que lhe havia permitido receber uma lição para o resto da vida.

ESPÍRITOS PROTETORES

Jehul, elevada entidade de uma das mais belas regiões da vida espiritual, foi chamado pelo caricioso apêlo de um nobre mensageiro da Verdade e do Bem, que lhe falou nestes termos:

— Uma das almas a que te vens devotando particularmente, de ha muitos seculos, vai agora ressurgir nas tarefas da reencarnação sôbre a Terra. Seus destinos foram agravados de muito em virtude das quedas a que se condenou pela ausencia de qualquer vigilancia, mas o Senhor da Vida concedeu-lhe nova oportunidade de resgate e elevação.

Jehul sorriu e exclamou, denunciando sublimes esperanças:

— E' Láio?

— Sim — replicou o generoso mentor — ele mesmo, que noutras eras te foi tão amado na Etrúria. Atendendo as tuas rogativas, permite Jesus que lhe sejas o guardião desvelado, através de seus futuros caminhos. Ouve, Jehul! — serás seu companheiro constante e invisível, poderás inspirar-lhe pensamentos retificadores, cooperar em suas realizações proveitosas, auxiliando-o em nome de Deus; mas, não esqueças que tua tarefa é de guardar e proteger, nunca de arrebatrar o coração do teu tutelado das experiencias proprias, dentro do livre arbitrio espiritual, afim de que construa suas estradas para o Altíssimo com as suas proprias mãos.

Jehul agradeceu a dádiva derramando lagrimas de reconhecimento.

Com que enlêvo pensou nas possibilidades de chegar ao seio aquele sêr amado que, havia tanto tempo, se lhe perdera do caminho!... Láio lhe fôra filho idolatrado na paisagem longinqua. E' certo que não lhe compreendera a afeição, na recuada experiencia. Desviara-se das sendas retas, quando ele mais esperava de sua mocidade e inteligencia; seu coração carinhoso, porém, preferira ver no fato um incidente que o tempo se encarregaria de eliminar. Agora, toma-lo-ia de novo nos braços fortes e o reconduziria á Casa de Deus. Supor-taria, corajosamente, por ele, a pesada atmosfera dos fluidos materiais. Toleraria, de bom grado, os contrastes da Terra. Todos os sofrimentos eventuais seriam poucos, pois acabava de alcançar a oportunidade de erguer, dentre as dores humanas, um irmão muito amado, que fôra seu filho inesquecível.

O generoso amigo espiritual atravessou as paisagens maravilhosas que o esperavam no ambiente terrestre. Ficaram para trás de seus passos os jardins suspensos, repletos de flores e de luz. As melodias das regiões venturosas distanciavam-se-lhe dos ouvidos.

Esperançoso, desassombrado, o solícito emissario penetrou a atmosfera terrestre e achou-se diante de um leito confortavel, onde se identificava um recém-nascido pelo seu brando choramingar. Os espiritos amigos, encarregados de velar pela transição daquele nascimento entregaram-lhe o pequenino, que Jehul beijou, tomado de profunda emoção, apertando-o de encontro ao peito afetuosos.

E era de observar-se, daí em diante, o devotamento com que o guardião se empenhou na tarefa de amparar a débil criança. Sustentou, de instante a instante, o espírito maternal, solucionando de maneira indireta, dificeis problemas organicos, para que não faltassem os recursos da paz aos primeiros tempos do inocentinho humano. E Jehul ensinou-lhe a soletrar as primeiras palavras, reajustando-lhe as possibilidades de usar novamente a linguagem terrestre. Velou-lhe os sonos, collocou-o a salvo das vibrações perniciosas do invisível, guiou-lhe os primeiros movimentos dos pés. O generoso

protetor nada esqueceu, e foi com lágrimas de emoção que inspirou ao coração materno as necessidades da prece para a idolatrada criancinha. Depois das mãos postas para pronunciar o nome de Deus, o amigo desvelado acompanhou-o á escola, afim de restituir-lhe, sob as benções do Cristo, a luz do raciocínio.

Jehul não cabia em si de contentamento e esperança, quando Láio se abeirou da mocidade.

Então, a perspectiva dos sentimentos transformou-se.

De alma aflita, observou que o tutelado regressava aos mesmos erros de outros tempos, na recapitulação das experiencias necessarias. Subtraía-se, agora, á vigilância afetuosa dos pais, inventava pretextos desconcertantes e, por mais que ouvisse as advertencias preciosas e doces do mentor espiritual, no santuario da consciencia, entregava-se, vencido, aos conselheiros de rua, caindo miseravelmente nas estações do vicio.

Se Jehul lhe apontava o trabalho como recurso de elevação, Láio queria facilidades criminosas; se alviava providencias da virtude, o fraco rapaz desejava dinheiro com que se desvencilhasse dos esforços indispensaveis e justos. Entre sacrificios e dores ásperas, o prestimoso guardião viu-o gastar, em prazeres condenaveis, todas as economias do suor paternal, assistindo aos derradeiros instantes de sua mãe que partia da Terra, ferida pela ingratidão filial. Láio relegara todos os deveres santos ao abandono, entregando-se á ociosidade destruidora. Não obstante os cuidados do mentor carinhoso, procurou o alcool, o jôgo e a sífilis, que lhe sitiaram a existencia consagrada por êle ao desperdício. O dedicado amigo, entretanto, não desanimava.

Após o exgotamento dos recursos paternos, Jehul cooperou junto de companheiros prestigiosos, para que o tutelado alcançasse trabalho.

Embora contrafeito e subtraído-se, quanto possivel, ao cumprimento das obrigações, Láio tornou-se o auxiliar de uma empresa honesta, que, ás occultas, era objeto de suas criticas escarneckedoras. Quem se ha-

bitua á ociosidade criminosa costuma caluniar os bens do espírito de serviço.

De nada valiam os conselhos do guardião, que lhe falava, solícito, nos mais profundos recessos do sêr.

Daí a pouco tempo, menos por amor que por necessidade, Láio buscou uma companheira. Casou-se. Mas, no desregramento a que se entregava de muito tempo, não encontrou no matromínio senão sensações efemeraras que terminavam em poucas semanas, como a potencialidade de um fósforo que se apaga em alguns segundos. Jehul, no entanto, alimentou a esperança de que talvez a união conjugal lhe proporcionasse oportunidade para ser convenientemente ouvido. Isso, todavia, não aconteceu. O tutelado não sabia tratar a espôsa senão entre desconfianças e atitudes violentas. Sua casa era uma secção do mundo inferior a que havia confiado seus ideais. Recebendo três filhinhos para o jardim do lar, muito cedo lhes inoculava no coração as sementes do vicio, segregando-os num egoismo cruel.

Quando viu o infeliz envenenando outras almas que chegavam pela bondade infinita de Deus para a santa oportunidade de serviços novos, Jehul sentiu-se desolado e, reconhecendo que não poderia prosseguir sozinho naquela tarefa, solicitou o socôrro dos Anjos das Necessidades. Esses mensageiros de educação espiritual lhe atenderam atenciosamente aos rogos, começando por alijar o tutelado do emprêgo em que obtinha o pão cotidiano. Entretanto, em lugar de melhorar-se com a experiencia, buscando meditar como convinha, Láio internou-se por uma rêde de mentiras, fazendo-se de vitima para recorrer ás leis humanas e ferir as mãos de antigos benfeitores. Acusou pessoas inocentes, exigiu indenizações descabidas, tornou-se odioso aos amigos de outros tempos.

Jehul foi então mais longe, pedindo providencias aos Anjos que se incumbem do Serviço das Moléstias Uteis, os quais o auxiliaram de pronto, conduzindo Láio ao aposento da enfermidade reparadora, afim de que o mísero pudesse refletir na indigencia da condição humana e na generosa paternidade do Altíssimo; aquele

homem rebelde, contudo, pareceu piorar cem por cento. Tornou-se irascível e insolente, abominava o nome de Deus, sujava a boca com inúmeras blasfêmias. Foram necessários verdadeiros prodígios de paciência para que Jehul lhe lavasse do cérebro esfogueado e caprichoso os propositos de suicídio. Foi aí que, desalentado quanto aos recursos postos em prática, o bondoso guardião implorou os bons ofícios dos Anjos que se encarregam dos Trabalhos da Velhice Prematura. Os novos emissários rodearam Láio com atenção, amoleceram-lhe as células orgânicas, subtraíram-lhe do rosto a expressão de firmeza e resistência, alvejaram-lhe os cabelos e enrugaram-lhe o semblante. No entanto, o infeliz não cedeu. Preferia ser criança ridícula nas aparências de um velho, a entrar em acôrdo com o programa da sabedoria divina, a favor de si mesmo.

Enquanto blasfemava, seu amigo orava e desdobrava esforços incessantes; enquanto praticava loucuras, o guardião duplicava sacrifícios e esperanças.

O tempo passava célere, mas, um dia, o Anjo da Morte veio espontaneamente ao grande duelo e falou com doçura:

— Jehul, chegou a ocasião da tua retirada!...

O generoso mentor abafou as lágrimas de angustiosa surpresa. Fixou o mensageiro com olhos doridos e súplices; o outro, no entanto, continuou:

— Não intercedas por mais tempo! Láio agora me pertence. Conduzi-lo-ei aos meus domínios, mas podes rogar a Deus que o teu tutelado recomece, mais tarde, outra vez...

Terminara a grande partida. A morte decidira no feito, pelos seus poderes transformadores, enquanto o guardião recolhia, entre lágrimas, o tesouro de suas esperanças imortais.

E, grafando esta história, lembro-me que quase todos os espíritos incarnados têm algum traço de Láio, ao passo que todos os espíritos protetores têm consigo os desvelos e os sacrifícios de Jehul.

O NATAL DIFERENTE

Muito raro observar-se temperamento tão apaixonado, quanto o de Emiliano Jardim. No fundo, criatura generosa e sincera, mas as noções materialistas estragavam-lhe os pensamentos. Debalde cooperavam os amigos em renovar-lhe as idéias. O rapaz reportava-se a umas tantas teorias de negação, e a molestia espiritual prosseguia do mesmo jeito. O casamento, realizado entre pompas familiares, em nada melhorara a situação; quando, porém, Emiliano experimentou a primeira dôr da paternidade, ao ver o filho arrebatado pela morte, esse golpe profundo lhe abalou o espirito personalista.

Justamente por essa época, generoso padre metteu-lhe nas mãos um livro de consolação religiosa, á guisa de socorro.

Em semelhante fase do caminho, o contacto com os ensinamentos de Jesus lhe encheu a alma de serena doçura. Estava deslumbrado. Como não compreendera antes a beleza da fé? Fez-se católico, sob aplausos gerais. Os afeiçoados se entreolhavam satisfeitos.

Emiliano, contudo, embora seduzido pelas verdades luminosas do Mestre, trazia a sua lição através da vida, como lhe acontecera ao tempo dos antigos postulados negativistas. Acreditando servir ao ideal divino do Evangelho, terçava armas cruéis contra todos os que entendiam Jesus por prismas diferentes. Acusava os protestantes, malsinava os espiritistas.

Os anos, porém, correram na sabedoria silenciosa do tempo.

Ralado pelas desilusões de todo homem que procura a felicidade longe da redenção de si mesmo, o nosso amigo, certo dia, passou-se de armas e bagagens para o protestantismo. Entretanto, por mais que se esforçassem os companheiros, Emiliano não conseguia realizar a visão interna do Cristo, como Divino Amigo de cada instante, através de seus imperecíveis ensinamentos.

Tornou-se anti-clerical violento e rude. Esquecera todos os bens que a igreja católica lhe proporcionara, para recordar apenas suas deficiências, visíveis na imperfeição da criatura. Alguns amigos menos vigilantes o felicitavam pelo desassombro; todavia, os mais experimentados reconheciam que o novo crente mudara a expressão religiosa exterior, mas não entregara o coração ao Cristo.

Depois de longa luta, Emiliano sente-se insatisfeito e ingressa nos arraiais espiritistas.

Emiliano, qual sucede á maioria dos crentes, admite a verdade mas não dispensa os benefícios imediatos; dedica-se a Jesus, anseia por vê-lo nos outros homens, antes de senti-lo em si próprio. Sua atividade geral transtorna-se. Enfrenta de armas na mão todos os companheiros antigos. Supõe que deve levar a defesa da nova doutrina ao extremo. A bondade dos guias espirituais, que se comunicam nas reuniões, ele a toma por elogio ás suas atitudes.

Como, porém, a justiça esclarecida é sempre um credor generoso, que somente reclama pagamento depois de observar o devedor em condições de resgatar os antigos débitos, Emiliano, na posse de numerosos conhecimentos e bafejado de tantas exortações divinas, penetrou no caminho do resgate das velhas dívidas. Tempos difíceis surgiram-lhe no horizonte individual. Enquanto se esforçava para remover alguns obstáculos, outras montanhas de dificuldade apareciam, inesperadamente. A molestia, a escassez de recursos, a ironia dos ingratos, visitaram-lhe a casa honesta. A princípio resignado e forte, acabou desesperando-se. Dizia-se abandonado pelos amigos espirituais e acusava os médiuns

cheios de obrigações sagradas, tão só porque não podiam permanecer em longas concentrações, para solução dos seus casos pessoais. Sentia-se perseguido por maus espiritos, e, na sua inconformação maguava companheiros respeitáveis.

A dôr, todavia, não interrompeu sua função purificadora. Depois de penosa enfermidade, sua velha progenitora partiu para a vida espiritual em condições amargas. Não passou muito tempo e a espôsa, perturbada nas faculdades mentais durante três anos, seguia o mesmo caminho. Em seguida, os dois filhos que criara com excessos de carinho, se voltaram contra o coração paternal, com injustas acusações. Ao ensejo da calúnia, os últimos companheiros fugiram. O nosso amigo outrora tão discutidor e tão violento, experimentou desânimo invencível. Nunca mais foi visto em rodas doutrinárias, nas tertúlias da intelligencia; comumente era encontrado, á conta de vagabundo vulgar, escondendo lágrimas furtivas.

Numa radiosa véspera de Natal, em que o ambiente festivo lhe falava da ventura destruída, ao coração, Emiliano chorou mais que de costume e resolveu pôr termo á existencia.

A' noite, encaminhou-se para a praia, alimentando o sinistro designio. Antes, porém, de consumir o erro extremo, pensou naquele Jesus que restituira a vista aos cegos, que curara os leprosos, que amara os pobres e os desvalidos. Tais lembranças lhe nevoavam os olhos de pranto doloroso, modificando-lhe as disposições mais íntimas.

Foi aí, nessa hora amargurada em que o mísero se dispunha a agravar as proprias angustias, que uma voz suave se fez ouvir no recôndito de seu espirito:

— Emiliano, ha quanto tempo eu buscava encontrar-te; mas, sempre me chamavas através dos outros, sem jamais procurar-me em ti mesmo! Dá-me a tua dôr, reclina a cabeça cansada sôbre o meu coração!... Muitas vezes, o meu poder opera na fraqueza humana. Raramente meus discipulos gozam o encontro divino, fóra das camaras do sofrimento. Quase sempre é ne-

cessario que percam tudo, afim de me acharem em si proprios. Tenho um santuario em cada coração da Terra; mas, o homem enche esse templo divino de detritos, ou levanta muralhas de incompreensão, entre o seu trabalho e a minha influencia... Nessas circunstancias, em vão me procuram...

Emiliano estava inebriado. Não ouvia propriamente uma voz identica á do mundo, mas experimentava o coração tomado por poderosa vibração, sentindo que as palavras lhe chegavam ao intimo como aragem celestial.

— Volta ao esforço diario e não esqueças que estarei com os meus discipulos sinceros até o fim dos seculos! Acaso poderias admitir que permaneço em beatitude inerte, quando meus amigos se dilaceram pelo triunfo de minha causa? Não posso estacionar em vãs disputas, nem nas estéreis lamentações, porque necessitamos cuidar do amoroso esclarecimento das almas. E' por isso que estou, mais frequentemente, onde estejam os corações quebrantados e os que já tenham compreendido a grandeza do espirito de serviço. Não te rebeles contra o sofrimento que purifica, aprende a deixar os bonecos a quantos ainda não puderam atravessar as fronteiras da infancia. Não analyses nunca, sem amar. Lembra-te de que, quando criticares teu irmão, tambem eu sou criticado. Ainda não terminei minha obra terrestre, Emiliano! Ajuda-me, compreendendo a grandeza do seu objetivo e entendendo a fragilidade dos teus irmãos. Dá o bem pelo mal, perdoa sempre! Volta ao teu esforço! Em qualquer posto de trabalho honesto poderás ouvir minha voz, desde que me procures no coração!...

Emiliano Jardim sentiu que as lagrimas agora eram de jubilo e reconhecimento.

Em breves instantes, experimentava radical transformação.

A' sua frente via a imensidade do céu e a imensidade do oceano, sentindo-se qual um mundo em que o Cristo houvera nascido. Recordou que não tinha senão escorias de miseria para ofertar a Jesus, e que seus

sentimentos rudes simbolizavam aqueles animais que foram as primeiras visitas da mangedeira singela.

Deslumbrado, endereçou um pensamento de paz a todos os companheiros do pretérito e começou a compreender que cada um permanecia em sua posição de trabalho, na tarefa que o Senhor lhe designara. Poderosa vibração de amor ligava-o á criação inteira. Não se torturava em raciocinios. Compreendia e chorava de jubilo. Levantou-se, enxugou as lagrimas e retomou o caminho da cidade barulhenta.

O nosso amigo conhecia de longos anos o Salvador, mas só agora encontrara o Mestre. Emiliano Jardim regressou, renovado, ao labor do Evangelho, depois do Natal diferente.

O DRAMA DE ANDRÉ'

Falava-se, entre nós, dos problemas da educação com liberdade irrestrita, quando um dedicado servo do Evangelho observou com justiça:

— Crianças sem disciplina e jovens sem orientação sadia constituem o germen dos imensos desastres humanos. A Civilização e o Estado podem apresentar os seus prejuizos, visto serem organizações perfectíveis nas mãos de homens imperfeitos; contudo, sem a sua influencia, reverteriam á animalidade anterior. Assim ocorre, quanto ao lar e á educação doméstica. A família tem o seu quadro de lutas ásperas; entretanto, se lhe retirarmos o aparelhamento, tudo voltará ás tribus sanguinarias dos tempos primitivos.

— Todavia, ha quem coloque esse problema em plano secundario — retrucou um amigo — a educação com os instintos emancipados tem os seus adeptos ferrosos, mesmo nos círculos do Espiritismo...

— Menos na esfera do Espiritismo cristão — atalhou o mentor respeitavel; nas atividades meramente fenomênicas, sem qualquer proposito religioso, encontram-se companheiros obsecados por essa ilusão. Empolgados pela luz e pela liberalidade da doutrina consoladora, sem aderirem aos ensinamentos de Jesus, costumam andar embriagados nos enganos brilhantes. Não percebem os perigos amargos que lhes sitiam a vida. Desinteressam-se da educação dos filhos mais tenros, com grave dano para o futuro do grupo familiar. No entanto, bastariam ligeiras considerações para o reconhecimento do êrro clamoroso. Porque confiaria Deus determinados filhos a essas ou aquelas organizações paternas, se não fosse necessaria semelhante coopera-

ção no mecanismo da iluminação ou do resgate? O Eterno proporciona o doce licor do esquecimento ás almas culpadas ou oprimidas, e mandou que se criassem os periodos da infancia e da juventude, na Terra, afim de que os senhores do Lar se valham do ensino para a divina semente da bondade e do amor, visando o trabalho da consciencia retilinea do porvir. Para que serviriam, de outro modo, os pais humanos, se abdicassem da posição de sentinelas, entregando os filhos ás tendencias inferiores de ontem? Não seria condenar o instituto domestico a um reduto de prazer vicioso?!

Tais interrogações ficavam no ar. Ninguem se atrevia a intervir no assunto, quando o nosso amigo tecia comentarios tão fascinantes. Observando as nossas disposições mais intimas, o generoso instrutor continuou:

— Aludindo á cegueira de alguns dos nossos irmãos do mundo, tenho um caso doloroso em minhas relações pessoais.

A pequena assembléia colocou-se á escuta, evidenciando justificado interesse.

— No fim do seculo passado — prosseguiu o devotado servo de Cristo — quando os ideais espiritalistas se alastravam no país, em modesto vilarejo do norte um negociante honesto foi dos primeiros a demonstrar simpatia pelos principios novos. André fôra rubro seguidor do positivismo, e, ainda sob a sua influenciação, penetrou os umbrais da doutrina, intoxicado por fortes ilusões no terreno da filosofia transcendente. Bom discutidor, comentava sempre a vasta situação do mundo, tecendo referencias encomiásticas á virtude, á fraternidade e á liberdade. Sua inteligencia não era um diamante lapidado nos bancos academicos; entretanto, apresentava, em suas características, a espontaneidade e a sutileza que assinalam o caboclo brasileiro. Não era rico, mas sua casa era farta e feliz. As remunerações eventuais do comercio ofereciam-lhe vantagens suficientes. Dois pequeninos enriqueciam-lhe o lar; no entanto, por mais que a espôsa insistisse, afim de que tivessem as necessidades espirituais atendidas, quanto ao problema religioso, André zombava, murmurando:

— Nada disso! — meus filhos hão de crescer sem tais prejuizos. — Quero vê-los distantes dos preconceitos dogmáticos de todos os tempos. Problemas religiosos cheiram a catecismo. Acaso ignoras que esses enganões já foram relegados aos clérigos caducos?

— Sim — explicava-se a companheira sem irritação — compreendo teus escrúpulos, no sentido de preservar os meninos da exploração e do abuso do nome de Deus; todavia, não podemos eliminar as necessidades justas da alma. Já que não permitiremos a influencia dos padres junto dos nossos filhinhos, precisamos criar um ambiente de ensino doméstico, onde aprendam conosco a cultivar o respeito e a obediência ao Altíssimo.

André exibiu um risinho vaidoso e asseverava:

— Esquece as velharias, mulher! A razão resolverá isso. A mentalidade de agora reclama independencia. Nossos filhos não serão escravos das disciplinas impiedosas que nos torturaram a infancia.

— Mas — voltava a espôsa, sensatamente — se Deus nos transformou em pais, neste mundo, é para que sejamos orientadores dedicados de nossos filhos. Quando não vigiamos, André, a liberdade pode transformar-se em libertinagem.

O marido parecia impressionar-se, momentaneamente, com as respostas; contudo, dava de ombros, sem maior consideração. E o tempo foi passando. Na obediência ao regime paterno, os rapazinhos cresceram voluntariosos e rudes. Sómente abandonaram o curso primário após os quinze anos, em razão da ociosidade e indisciplina. Empenhavam-se, comumente, em atritos ásperos, dos quais apenas se afastavam, em sangue, depois de longas súplicas maternais. Odiavam os livros sérios, mas estavam sempre atentos ás anedotas deprimentes.

Por essa época, o progenitor começou a entender as dificuldades da situação, lamentando a leviandade de outros tempos, quando descurara a educação religiosa e moral dos filhos que Deus lhe havia confiado. Era, porém, muito tarde. Léo e Oscar, os dois rapazes, guardavam uma observação revoltante para cada colinho paternal. O nosso amigo tentou a internação dos

jovens rebeldes em estabelecimento disciplinar, mas foi em vão. Procurou localizá-los em serviço honesto; entretanto, ambos eram admitidos para serem dispensados quase imediatamente. Ninguém lhes tolerava os costumes e palavras torpes.

Certa vez, quando o comerciante chegava ao lar, em noite sombria, percebeu acalorada discussão no interior doméstico. Mais alguns passos e defrontou a cena humilhante. Em atitude ingrata, os filhos espancavam a propria mãe. Na sua indignação, André buscou expulsá-los, mas a espôsa interveio com a ternura de sempre.

Decorridos alguns meses, ambos os rapazes foram apanhados em flagrante de furto. Após a prisão vexatória, o progenitor não conseguiu soffrear a revolta que lhe atormentava o coração e, não obstante as rogativas reiteradas da companheira, baniu os filhos do ninho familiar.

Alma esfacelada por desilusões tão amargas, providenciou a mudança de um Estado para outro. Vendeu a pequena propriedade comercial, as terras, os rebanhos e partiu. Entretanto, os conjuges, apesar da união afetiva, em afinidades profundas, e, embora a modificação da paisagem, nunca mais se avistaram com a tranquilidade primitiva. Ensaivavam o regresso á ventura de outros tempos, mas debalde. A lembrança dos filhos ingratos apresentava-se com as imposições da velhice, multiplicando, porém, as preocupações e as saudades.

Numa noite tempestuosa, André despertou ás primeiras horas da madrugada, ouvindo forte ruído no corredor. Tomando da arma de fogo, levantou-se cautelosamente. Encaminhou-se ao cofre de madeira localizado em aposento contíguo, notando-o arrombado. Era um ladrão o visitante imprevisto. Como sombra no seio das sombras, André acompanha os passos do malfeitor e, antes que pudesse escapar, prostra-o com um tiro, quase a queima-roupa. Ergueu-se a espôsa, assustada. Acendem a luz. E quando o comerciante, muito trêmulo, aproxima a lanterna do rosto da vítima que se esvaía em sangue, cruzam ambos o olhar.

— Meu pai!... meu pai!... — grita, em tom rouco, o malfeitor moribundo.

— Meu filho!... — exclamam, a um só tempo, marido e mulher, entre lágrimas de desesperação. Era Oscar que, ignorando o novo sítio da habitação paterna, atacara a residência, nos seus velhos hábitos de pilhagem.

O narrador fez uma pausa mais longa, reconhecendo o efeito de suas palavras no animo geral e continuou:

— É fácil imaginar a tragédia que se seguiu. O casal não teve coragem de revelar á policia a verdadeira condição da vítima, entregando-se André á ação judicial, quase imbecilizado na sua dôr. Sua causa, porém, era simpática. A energia de que dera testemunho livrara o vilarejo de um bandido comum. Enquanto o povo o aplaudia, o negociante chorava, angustiado. E, antes de regressar do carcere, aconteceu o que seria de esperar. A pobre mãe, ralada pelo infortunio extremo, entregou a alma a Deus, assistida pelas dedicações da vizinhança.

O nosso amigo estava, agora, sem ninguém.

Quanto maiores eram as esperanças de liberdade em futuro proximo, mais lastimava a propria dôr. Por fim saíu da cadeia publica, ovacionado pela simpatia popular como herói.

André, no entanto, permanecia inerte, derrotado. Vendeu quanto possuía, afim de pagar as custas da justiça que o absolvera e tornou a partir, sem destino.

Velho, cansado, sózinho, não se sentiu bastante forte para recomeçar a luta. Noites ao relento, dias de fome, roupa em frangalhos e lá se ia, de aldeia em aldeia, vivendo da caridade comum. Parecia idiota, incapaz de qualquer reação. O povo incumbiu-se de completar-lhe a feição de mendigo. Larga bolsa de couro á cintura, rosto hirsuto, grosseiro cajado para os caminhos ásperos e, prosseguia, sem pousada certa, recorrendo á generosidade popular.

Os anos rolavam para o seu coração, em amargoso silêncio, quando num crepúsculo de borrasca forte, o

miserio velhinho aproxima-se de um rio transbordante. O desventurado necessitava ganhar a outra margem, tentando o abrigo na localidade mais proxima. Um homem corpulento, de traços rudes, convida-o com um gesto mudo a tomar a canôa frágil. O pedinte aceita. O barqueiro desconhecido não cessa de fixar a bolsa, onde André recolhe os vintens da piedade pública. Enquanto isso, o desventurado ancião poussa os olhos nevoados pela velhice no seu benfeitor, que remava em silencio. A ternura paterna volve a pintar-se no semblante sulcado de rugas. Se Léo ainda existisse devia parecer-se com aquele homem. Olvidando todas as preocupações para recordar o filho, o desventurado não percebe os movimentos sutis do barqueiro anônimo.

Distante da margem, o remador lança um última olhar aos matagais vizinhos, amortalhados na sombra do crepusculo e, sentindo-se sem testemunhas, avança para o mendigo miseravel, arrebatá-lhe a bolsa e atira-lhe o corpo na corrente tranqüila, murmurando com ironia:

— As aguas não falam!... Vamos, velho imundo, uma bolsa não te pode salvar a vida!...

André compreendeu, afinal; aquela voz era do filho desaparecido. Não hesitou. O sentimento de paternidade não o havia enganado.

— Léo!... Léo! meu filho!... — gritou angustiado.

Entretanto, era tarde. Ambos trocaram o supremo olhar, com estranha sensação de sofrimento e pavor, mergulhando o velhinho para sempre.

Como vêem — concluiu o narrador emocionado — André foi indiferente á educação moral dos filhos, esquecendo-se de efetuar a sementeira da infancia, afim de construir-lhes o carater na juventude. A experiencia resultou-lhe em frutos bem amargos. Depois de eliminar, involuntariamente, um deles, acabou assassinado pelo outro.

Compreenderam, agora, o que significa educação com liberdade irrestrita?

A reduzida assembleia permanecia sob penosa commoção e ninguém ousou responder.

O TRANSPORTE REVELADOR

Jovelino Soares, na sua vida calma de interior, desde algum tempo, andava todo entregue ás primeiras experiencias mediunicas. Não desprezava a pequena officina de mecanica, onde, com a colaboração de alguns auxiliares, era, mais ou menos, o patrão de si mesmo. Entretanto, não se furtava ás prosas longas com os amigos. Raro o cliente que, em trazendo máquinas a concêrto, não lhe ouvisse extensas narrativas de casos pessoais. Andava impressionado, sobretudo, com os fenômenos de desdobramento. Colecionava apreciavel bagagem literaria, nesse ramo dos conhecimentos espiritualistas e lamentava que as suas faculdades incipientes lhe não proporcionassem os grandes vôos. No entanto, dia e noite, procurava efetuar o tentamen. A's vezes, enquanto os empregados iam e vinham, á cata de chaves ou parafusos, lá estava o Jovelino em concentrações reiteradas, no aposento intimo. Queria, a qualquer preço, realizar os transportes de grande envergadura. A' noite, esquivava-se ao serviço humilde do bem, porque não se contentava em confortar um doente, applicando-lhe fluidos curadores ou reconfortantes, nem se conformava com o exame dos ensinamentos morais que as reuniões evangelicas ofereciam. Dava preferencia a tentativas mais vastas. Não se haviam verificado importantes desdobramentos com sensitivos diversos? Os livros científicos estavam repletos de relatorios, nesse particular. Seus estudos e investigações prolongavam-se noite a dentro.

Por vezes, a espôsa dedicada chamava-o a melhores raciocinios.

— Jovelino, não será mais razoavel que te consagres ao trabalho profissional com assiduidade e devo-

tamento?! Chego a afligir-me por tua saude. Creio que é muito justa a tua aspiração de maiores edificações espirituais; contudo, suponho que deves metodizar os teus esforços nesse plano, sem descurar os deveres que condizem com a paz de nosso lar.

O marido, com expressão quase rude nos olhos frios, murmurava com tédio:

— Ora essa! que falta á nossa casa?

E concluia, resmungando:

— Como sempre acontece, não me podes compreender.

A companheira voltava, humilde, a novos argumentos, evidenciando enorme ternura:

— Não me refiro ás tuas experiencias, no sentido de condena-las. Conheço o valor da espiritualidade e não me internaria em considerações descabidas. Não posso, porém, aprovar os excessos a que te vens entregando, desde algum tempo. Não nos falta pão á mesa; todavia, escasseia a nossa tranquilidade doméstica. Teus habitos estão fundamente alterados pelas demasiadas concentrações, sem qualquer observação de tempo ou conveniencia...

Jovelino, todavia, não a deixara terminar:

— Ignoras, acaso, meus propositos? — perguntou irritado. — Desconheces os poderes do homem que se torna senhor dos dons superiores da natureza psíquica? Espero obter os grandes transportes, em breves dias.

E, numa antevisão das experiencias gloriosas, exclamava de olhos parados, fixos na imensidade azul que se podia divisar alem da janela aberta:

— Desdobrar-me! ver os céus ilimitados... conhecer a intimidade dos outros seres!... Oh! que ventura poderá ser igualada á essa?! como tudo será então mesquinho, neste mundo, aos meus olhos!...

A espôsa afastava-se do visionario, procurando disfarçar as torturantes preocupações que lhe ralavam a alma sensivel. E, por muito tempo, Jovelino Soares prosseguiu em suas práticas exhaustivas, indifferente aos prejuizos domésticos. Mantinha-se nas atitudes de recolhimento, num esforço incessante. Entregava-se ás

formulas verbais, multiplicava os jejuns, onde havia muitos compromissos palavrosos, mas nenhuma espontaneidade.

A situação permanecia nessa altura, quando, em noite de enorme esgotamento das energias físicas, o nosso amigo foi arrebatado a um sonho deslumbrante. Sentia-se afinal em prodigioso desdobramento. A região a que aportara em vôo célere, coroava-se de infinita beleza. Palácios de neblina dourada fulgiam a seus olhos; extasiado, no cume de um monte adornado de luz, contemplava a cena, admirando a maravilha, em humilde genuflexão.

Leve ruído denunciou a presença de alguém que parecia procura-lo com interesse. O generoso benfeitor espiritual que se adiantava, mostrou-lhe um sorriso bondoso e interrogou com doçura fraternal:

— Jovelino, a caridade Augusta de Cristo permitiu que viesses até aqui e estou pronto a atender-te. Que desejos do Senhor com impulso tão forte?

Sentindo-se vitorioso, o interpelado redarguiu:

— Valoroso emissario, desejo receber os dons do desdobramento espiritual lá no mundo.

O mensageiro tomou uma atitude benevolente e esclareceu:

— Mas já fizeste as experiencias que a Terra te oferece nesse sentido? E's um espirito desdobrado nas obrigações diversas? Podes ser pai, filho, irmão, amigo, servo ou mordomo ao mesmo tempo, sem inclinações prejudiciais, sabendo amar, corrigir, orientar, administrar, obedecer ou servir, simultaneamente?

Jovelino experimentou um choque intraduzível. Entendeu, de relance, a complexidade dos deveres que lhe eram exigidos e obtemperou:

— Conheço, porém, pessoas que se desdobram sem tão grandes preocupações.

— Em geral — respondeu-lhe o emissario, com solicitude — nem todos os frutos são colhidos na época adequada e, quase sempre, os frutos verdes são presa de crianças que os inutilizam desastrosamente.

Ante a observação justa, que consubstanciava um

feixe de ensinamentos felizes, o visitante da esfera espiritual voltou a dizer, tentando explicar-se:

— Talvez não tenha sido bastante claro. O que desejo é a permissão para os transportes sublimes da alma!...

— Já efetuaste, porém, o aprendizado dessa natureza que o mundo te proporciona? Encóntras-te senhor de semelhante aquisição? Como te transportas da alegria para a dor, da saúde para a enfermidade, da união para a separação, do conforto para as dificuldades? Guardas, em tudo, o mesmo padrão de confiança em Deus, portando-te, em todas as circunstancias, como em serviço de sua vontade e de seu amor? O espirito terrestre não conhecerá os transportes sublimes, sem essa preparação justa.

Jovelino Soares ficou atônito. Francamente, não havia pensado nisso. Embora se esforçasse, não encontrava recursos, afim de responder. O generoso mensageiro percebendo-lhe a confusão natural, acariciou-lhe a fronte com inexcédível carinho e falou brandamente:

— Teus serviços, entretanto, não estão perdidos. Fixa a atenção, porque te conduzirei, neste momento, á melhor região em que te podes manter com benefícios. Mais tarde, poderás atravessar os vastos domínios de outros mundos, o sistema solar exporá aos teus olhos maravilhas indescritíveis; mas, a solução do problema é igual ao da escada ou da montanha — é preciso equilibrar-se e subir. O lugar a que serás agora conduzido não é tão luminoso e todavia possui a sua beleza peculiar. E' a zona compatível com a tua posição atual, mesmo porque, bem sabes que não se pode trair a classificação gradual da natureza. No entanto, se conseguires ver, como se torna necessario, encontrarás aí numerosas maneiras de enriqueceres as tuas faculdades. Reconhecerás as diversas potencias que permanecem a serviço de tua iluminação.

Jovelino exultava. A seu ver, ia enfim descortinar os segredos do céu. Não seria naturalmente arrebatado ás constelações mais altas, contudo seria levado á regiões de sublime surpresa.

O bondoso mensageiro estendeu-lhe á mão e disse em voz firme:

— Vamos!

O mecanico experimentou indefinivel sensação de deslocamento. Guardava a impressão de que tombava sobre um abismo de luz.

Daí a momentos acordou violentamente, no leito.

Como interpretar a visão inesquecivel? Qual se fôra auxiliado por benfeitores intangiveis, começou a fixar a atenção em si mesmo. Contemplou os pés e meditou nos beneficios que poderia deles auferir, caminhando exclusivamente para a bondade; deteve-se no exame das mãos e refletiu na imensidade de tarefas generosas que lhe era possivel cumprir. E os olhos? Não conseguiria com eles realizar o trabalho de seleção perfeita da verdade e do bem, de modo a se afastar de todo o mal? E os ouvidos? Não seria justo converte-los em arquivos de prudencia e sabedoria? Jovelino passou revista ás faculdades comuns, identificando-lhes o valor que, até então, desconhecerá. Não seriam elas as potências preciosas concedidas por Deus para o bem de sua iluminação?

Extremamente reconhecido, parecia tocado de uma vibração nova. Não conseguiu permanecer no leito por mais tempo. Enquanto a espôsa e os filhinhos repousavam, levantou-se e abriu uma janela. Os sôpros da madrugada penetraram a habitação em baforadas frescas. As ultimas estrelas tornavam-se mais palidas. O cantico repetido dos galos chamava os sêres á atividade cotidiana e toda a natureza figurou-se-lhe em marcha jubilosa.

O nosso amigo, experimentando intraduzivel emotividade, sentiui estranha atração para a vida e para o trabalho. Seu coração descobrira uma revelação poderosa. Compreendeu que a região divina, compativel com a sua posição espiritual, a que fôra conduzido por um emissario do Cristo, era o seu proprio corpo terrestre. Era aí mesmo que poderia descortinar belezas sem conta e infinitas possibilidades de iluminação.

O LIVRE PENSADOR

Raimundo da Anunciação viera do materialismo para o conhecimento da doutrina dos Espíritos; entretanto, por maiores que fossem as advertencias dos amigos sinceros, não se furtava ao vício das discussões sem proposito definido. Desde cedo, transformara-se em polemista contumaz, rebelde a qualquer idéia de humildade, ou de compreensão das necessidades alheias. Havia um ponto obscuro em alguma questão intrincada da vida? Não encontrava dificuldade para completar os casos e esclarecer o assunto, a seu modo. Essa mania de julgar precipitadamente e de terçar armas pela imposição de suas idéias, fôra transportada ás suas atividades espiritistas, com enorme prejuizo para a sua edificação interior. Parecia uma pilha humana em permanente irritação contra as demais confissões religiosas.

Funcionario com responsabilidade definida, levava á repartição suas polemicas interminaveis. Enquanto o diretor despachava processos no gabinete, ele permanecia em trabalho ativo, atendendo a papéis que lhe requisitavam esmerada atenção. Contudo, logo que se afastava o chefe immediato, acendia um charuto distinto e toca a explanar a situação do proximo ou dos companheiros.

— E você, Renato — dizia a um colega, em tom de zombaria — ainda não se decidiu pelo Espiritismo?

Em virtude do rapaz revelar-se confuso, mastigando um monossilabo, á guisa de resposta, o valente polemista continuava:

— Ah! esses padres! você anda seduzido pelos lati-

nórios, perdendo tempo. E' um absurdo entregar-se uma intelligencia como a sua á exploração clerical; mas espero que, mais cedo ou mais tarde, toda essa organização detestavel venha abaixo.

Era o início de longa perlanga. O companheiro idoso, da frente, catolico romano fervoroso, vinha em socorro do jovem tímido:

— Mas, Raimundo, que tem você com os padres? Creio que a nossa igreja é tão respeitavel quanto as outras. Alem disso, não podemos ignorar que a maioria está conosco.

O interpelado enrubescia e atalhando, de pronto, exclamava colérico:

— Alto lá! Deus nos livre da influencia do clero! Declaremos guerra aos traficantes do altar. O progresso humano ha de afugenta-los como a luz da manhã expulsa os morcegos sugadores! Nada de transigencia com os falsos sacerdotes. Odeio essa gente de roupa negra, que anda em serviço do interesse mesquinho, abusando da ignorancia popular. Esses biltres hão de ser derrubados mais cedo do que se julga!

E um rosario de injurias era desfiado ali, ante os companheiros assombrados.

Quando se oferecia a pausa natural, o antagonista revidava:

— Desconheço com que autoridade pode você movimentar tamanhas acusações.

— Não sabe? — dizia Raimundo, neurastenico. E depois de mastigar a ponta do charuto:

— Eu sou livre pensador!

A discussão prosseguia acesa, até que um colega vinha pedir calma aos contendores, afim de que o trabalho não fosse excessivamente perturbado.

Semelhantes características seriam facilmente compreensíveis, como indice de fanatismo individual, se fossem limitadas á análise das outras escolas religiosas; mas a situação era mais grave.

Raimundo da Anunciação vivia em controversias constantes com os irmãos de ideal. Depois de algum tempo de frequencia a esta ou aquela instituição espi-

ritista, voltava-se contra os amigos da véspera, numa atoarda de alegações injustas. Aludindo aos diretores da casa, de cujas realizações havia participado, comentava levanamente:

— São intolerantes e arbitrários, não lhes tolero o fingimento.

Referindo-se á assistencia, rematava ironico:

— Jamais vi no mundo tamanha turma de ignorantes e basbaques.

Um companheiro mais sensato chamava-lhe a atenção, com carinho:

— Mas, Raimundo, afinal de contas, ainda somos criaturas em aprendizado num mundo imperfeito. Se tivéssemos as qualidades superiores, exigidas pela existencia nas esferas elevadas, por certo que não permaneceríamos na Terra. E' razoavel que os anjos não povoem os abismos da sombra. Então, porque olvidar o dever da tolerancia recíproca? Nossos companheiros não são maus e sim espiritos incompletos nas virtudes divinas, á maneira de nós outros. Não acredita você que estejamos num processo de aproximação afetiva, em que os defeitos de todos vão desaparecendo pelo concurso amoroso de cada um?

O interlocutor não se dava ao esforço de maior exame e retrucava intempestivamente:

— Detesto a hipocrisia!...

— Não se trata, porém, de hipocrisia — ponderava o irmão na fé — mas de compreender uma situação generalizada, de que não poderemos fugir, sem o testemunho individual, construindo a nossa parte.

— Não tolero confusões, nem subterfúgios — exclamava Raimundo, irado.

— Todavia, por que alimentar semelhante estado dalma?

— Sou livre pensador! — explicava, repetindo o velho estribilho.

Era assim que a rebeldia se lhe assenhoreava, integralmente, do espirito.

Antes de entregar á terra o corpo abatido, sua generosa progenitora chamou-o, um dia, preocupada:

— Raimundo, meu filho, sei que estou a me despedir do mundo; no entanto, desejaria que a morte me surpreendesse sómente quando me fosse possível guardar a certeza de tua renovação.

E com um olhar amoroso e triste, continuava:

— Não discuta esterilmente. Aprenda a reconhecer nos outros necessidades diferentes das nossas. Nem todos os homens poderão partilhar de tuas crenças. Não vemos que a idade assinala as criaturas? Entre a meninice, a mocidade e a decrepitude, ha numerosos gráus de posição física. Não considera você que o mesmo ocorre quanto á situação espiritual das pessoas? Abstenha-se da imposição. A romagem terrestre é tão curta!... Porque lutar, improficuamente, quando se pode semear simpatias para a colheita do amor? Se Deus não tiraniza os seus filhos, que argumento justificaria nossa intransigencia com os irmãos? Modifica o teu temperamento, meu filho! O tempo é um patrimonio sagrado que ninguem malbarata sem graves reparações...

O discutidor renitente estava comovido, mais pela humildade maternal, que pelas reflexões judiciosas.

— Agradeço-lhe, mamãe — disse êle, depois de um ósculo na destra encarquilhada da anciã — reconheço a delicadeza de suas preocupações; mas a senhora sabe que sou um homem sincero e que devo pensar livremente.

A velhinha enfêrma esboçou um olhar de desanimo e murmurou com ternura, desejosa de evitar as contendas habituais:

— Deus te abençõe sempre.

Foram inuteis todos os conselhos. Raimundo da Anunciação chegou ao fim da experiencia terrestre, discutindo irremediavelmente. Cultivou antagonismos ferozes e procurou impôr suas convicções pessoais, no proprio leito de morte, espantando aos que o visitavam por mera cortezia.

Novamente na esfera espiritual, o nosso amigo após lutas enormes no círculo das surpresas que o esperavam, foi admitido ao local mais proximo, onde os

recem-chegados do mundo recebiam solução de certos problemas de natureza imediata.

Conduzido á presença do iluminado diretor da instituição de esclarecimento aos desincarnados, Raimundo rogou, humilde, os informes necessarios, com referencia ao seu caso. Queixou-se em tom amargo. Sentia-se em abandono, sem ninguem.

— Em geral — esclareceu o mentor com generosidade fraternal — os que permanecem aqui, neste estado, são os homens que não cogitaram de um esforço sério.

— Como assim? — perguntou contrafeito — fui na Terra um batalhador das idéias novas.

O instrutor encaminhou-se a um móvel de vastas proporções, de contornos indescritiveis pelo lápis humano e, retirando de seu interior uma folha luminosa, exclamou com bondade:

— Tenho a cópia de suas notas, vejamos.

— Que? — interrogou Raimundo desapontado — as fichas individuais existem aqui?

— Porque não? — respondeu o interpelado serenamente. Acaso terá esquecido que sua repartição fichava processos comuns, preservando-lhes a integridade? Supõe que os espíritos imortais sejam inferiores ao papéis terrenos?

O recém-chegado, observando a mudança da situação, entrou em profundo silencio.

— Leiamos os dados informativos de sua última experiencia no planeta terrestre — prosseguiu o diretor da casa espiritual, com generosidade — você esteve cincoenta e três anos e cinco dias na Terra, excetuado o periodo da infancia e da juventude, que constam de outras anotações, num total de quatrocentas e sessenta e quatro mil e quatrocentas horas. Um terço você gastou em repouso, sono e distrações, nos quais fixaremos a atenção para exames mais complexos, em seguida á análise desta ficha de tempo. Restam trezentas e nove mil e seiscentas horas, das quais cincoenta e oito mil e cincoenta foram utilizadas em serviço mecanico de escritorio, cincoenta e uma mil e quinhentas e cincoenta em

atividades de alimentação do corpo, sobrando duzentas mil horas que você empregou em discussões improdutivas, mentais ou verbais, diretas e indiretas.

Raimundo estava quase sufocado na atitude de doloroso assombro.

— Não fui um preguiçoso, protestou.

O mentor voltou a dizer, serenamente:

— Não se condena um homem que discute edificando. O esclarecimento justo, a seu tempo, constitui coluna poderosa no edifício do Reino de Deus. Entretanto, no seu caso, as circunstâncias são altamente desfavoráveis, porque o esmagador coeficiente de atritos apenas serviu para agravar as suas vaidades, sem nenhuma construção espiritual definitiva, em si mesmo, ou no planeta, dignificando sua passagem.

O interlocutor hesitava, surpreendido. Desapontado, quase em pranto, tentava esclarecer:

— Mas eu... eu...

— Já sei — murmurou o instrutor — já sei que você vai referir-se à sua condição de livre pensador.

Enquanto o recém-chegado se recolhia em pensosa amargura, o benfeitor continuava:

— Quando se julgou livre no mundo, não passava você de servo das mesmas paixões que amesquinham os outros homens. Em geral, na Terra, os livres pensadores são livres dominadores. Porque não se supôs, na experiência humana, um livre servidor de Cristo? Com Jesus, toda independência é enriquecimento de responsabilidade salvadora. Porque não se sentiu liberto do egoísmo inferior para auxiliar, em vez de atacar acerbamente? Só podemos analisar uma obra, Raimundo, depois de a conhecermos intimamente. Todos aqueles a quem você condenou em críticas gratuitas podem alegar que você não lhes conhecia o esforço individual. Não sabe que só aquele que trabalhou tem direito a comentar a tarefa? Além disso, quando consultarmos as demais anotações, ha de observar o numero extenso de pessoas que se afastaram da verdade, adiando momentos de alegria divina, por influenciação de seus atritos inoportunos; conhecerá as faltas de omissão cometidas por seu

espírito, no desprezo aos patrimonios do tempo e das alheias realizações. Se você preferir, podemos examinar agora as demais fichas de sua passagem pela Terra.

— Se possível, desejaria esse conhecimento depois... — respondeu Raimundo, em lágrimas.

E o nosso amigo, por anos consecutivos, entrou em vastas meditações da verdade e da vida, auxiliado por generosos benfeitores espirituais.

Quando dois lustros haviam passado, voltou á presença do instrutor que o tomara á sua conta e suplicou uma nova experiencia na Terra.

— Você já escolheu o genero de trabalho? — perguntou êle bondosamente.

— Sim — explicou o antigo discutidor, hesitante — desejo ser mudo entre os meus adversarios de outros tempos.

— Muito bem — exclamou o mentor abraçando-o — é a tarefa compatível com as suas necessidades atuais. Você renascerá mudo e com ótimos ouvidos, porque, segundo sua ficha de tempo, não lhe será possível entregar-se a qualquer realização mais elevada, enquanto não permanecer em silencio por vinte e dois anos e alguns meses, escutando para aprender e impossibilitado de falar cousa alguma.

DESAPONTAMENTO DE UM SUICIDA

O generoso Rogerio, excelente amigo do plano espiritual, que, desde muitos anos, vem consagrando as melhores energias a serviço das entidades sofredoras, procurou-me para um convite.

— Queres acompanhar-me no trabalho de socorrer um desventurado suicida que sofre nas regiões inferiores, ha trinta anos?

— Trinta anos? — interroguei, admirado.

— Outros existem, nos círculos de padecimentos atroz, com mais dilatado tempo que esse — respondeu serenamente.

Por minha parte, não conseguia dissimular o assombro justo.

— Semelhantes angústias — retorqui — devem ser consequências de romance bem doloroso.

— Não tanto. No presente caso, ao lado do infortúnio, não podemos esquecer a irreflexão e a rebeldia.

A observação de Rogério espicaça-me a curiosidade.

— Gostaria de acompanhar-te, mas não me posso furtar ao desejo de conhecer alguma cousa da história desse personagem que iremos visitar.

— E' interessante — replicou-me — entretanto, não é incomum. Homens numerosos se encontram, atualmente, em suas antigas condições.

E, depois de tomar posição como narrador engraçado e otimista, começou atencioso:

— Ha cerca de trinta anos, Tomazino Pereira era empregado de uma tipografia no Rio de Janeiro. Temperamento singular e atrabiliario, jamais pudera eva-

dir-se ao círculo das lamentações estéreis. Não se fazia ouvir senão para comover os interlocutores com queixas acerbas. Lastimava-se incessantemente. Acusava o mundo, o país, o trabalho, os amigos. Em vão procuravam os companheiro injetar-lhe coragem e otimismo. O mísero estava sempre excessivamente nervoso ou irremediavelmente desalentado. A família numerosa, os deveres cotidianos, as contas mensais do armazem, açougueiro e padeiro, amedrontavam-lhe o espírito. Entretanto, a maior tragédia do Tomazino, na apreciação de si proprio, era o problema conjugal. A espôsa ignorante não o compreendia. E em vez de melhorar-lhe as condições espirituais com carinho e paciência, levantando-lhe as concepções em busca dos horizontes superiores da vida, o infeliz gastava o tempo em promessas de pancada, ameaças de separação, gestos violentos e rudes. A situação enchia os filhinhos do casal de espanto e amargura, pois o chefe da casa, em desespero, dava a impressão de um louco, sem esperança de cura. Quando não esmurrava as mesas, em furia doentia, mantinha-se em atitude de extrema desolação, apático, em prantos angustiosos. No quadro de seus afeiçoados, estava o Oscar Fraga, amigo de infancia e de luta diaria, que se valia das fases de desanimo do amigo para mais aproximar-se, tentando arrancar-lhe a alma das tempestades de incompreensão. O caso, porém, tornava-se mais complicado, dia a dia. Tomazino andava possuido de idéia sinistra. Alimentava o proposito de suicídio com preocupação crescente. No intimo, sempre considerara os que fogem ás tormentas da vida humana como criaturas privilegiadas e corajosas. Não era a melhor maneira de protestar contra o destino, retirar-se do mundo, em silêncio? Não lhe parecia a existencia terrestre enorme banquete, onde alguns se serviam dos manjares, reservando-se a outros as ervas amargosas? Depôr o fardo a meio do caminho, em seu modo de ver, constituia a atitude mais consentanea com a dignidade pessoal. No fundo, acreditava na existencia de Deus, mas a cegueira de espírito não lhe deixava entreger o menor vislumbre das verdades essen-

ciais, que o induziriam á coragem indispensavel no combate comum. A' medida que lhe crescia nalma a intenção de escapar á luta, mais se sentia herói.

Percebendo-lhe tão perigosas disposições, o Fraga que era espirita convicto, aproximou-se com mais vigor, trazendo-lhe a cooperação fraternal de que dispunha. Eram mensagens de suicidas desventurados, exortações evangélicas, paginas de consolação e reerguimento moral.

— Tudo isso é fumo de ilusão — exclamava Tomazino desalentado — ninguém pode regressar da poeira do tumulo. Creio em Deus e estou certo de que ele, mais que ninguém, compreende minha dor.

— Também eu — murmurava o companheiro, pacientemente — não ponho em dúvida o interesse amoroso do Altíssimo em nosso favor. Naturalmente entenderá nossas máguas, mas não poderá tolerar nossas rebeldias.

— E' isso! — gritava mais fortemente o infeliz — estou abandonado, tudo para mim está perdido! a desgraça colheu minha sorte, é preciso morrer. Tudo apodreceu, tudo caíu!...

E, enquanto o desventurado enxugava os olhos com o lenço, o companheiro retrucava com larga dose de bom humor:

— O nervosismo costuma também fugir á verdade. Não estás sendo reto.

— E ainda me acusas? — perguntava Tomazino, desgrenhado.

— Nem todas as cousas permanecem derrubadas — esclarecia o Fraga, calmamente — pelo menos esta casa, que Deus transformou em ninho de teus filhos e onde encontramos refúgio para a conversação afeetuosa, ainda está de pé.

A resposta parecia suavisar os abafamentos do interlocutor, pela nota de humorismo. Depois de alguns minutos pesados de meditação, Tomazino voltava em desalento:

— Mas... e Olinda?! se minha mulher compreen-

desse as necessidades justas, talvez que a vida se equilibrasse...

— Porque não lhe auxilia a alma inculta, empenhando nisso as melhores forças do coração? — inquiria o companheiro, sensatamente. — Olinda não é má. Como sabes, a ignorancia tem arestas que é necessário desgastar. Além disso, nunca deverias esquecer que se trata da mãe de teus filhinhos. Deus não vos teria unido sem razões fortes, na estrada da vida imortal. Vejo, em tudo isso, a representação de teus débitos espirituais no passado e que se torna imprescindível resgatar.

Tomazino atalhava em tom irado:

— Não tens outro argumento senão esta história de reencarnações?

— Tenho, sim... — murmurava o Fraga, sem se perturbar.

E enquanto o outro o contemplava espantado:

— E' indispensavel que cada um saiba carregar a sua cruz redentora.

— E's sempre fecundo nos conselhos! — clamava o mísero, desesperado.

O amigo, porém, sem qualquer irritação, prosseguia de bom humor:

— Estás enganado. Este conselho não é meu, é de Jesus Cristo. Não me sinto devidamente iluminado para orientar a quem quer que seja; no entanto, creio que concordarás comigo quanto á competencia do Salvador.

A verdade, contudo, é que o Fraga sempre se retirava sem obter nenhum resultado satisfatório. Irascível, teimoso, impermeavel aos beneficios da fé religiosa, Tomazino Pereira manteve-se inacessível a todos os processos de socorro espiritual. E na idéia orgulhosa de que poderia enfrentar o proprio Deus, afim de inquerir o Criador, quanto aos enigmas do destino, uma noite tranquila, sem que ninguém esperasse, estourou os miolos irrefletidamente.

A narração movimentada levou-me a recordar al-

guns companheiros das tarefas humanas, impressionando-me, vivamente.

— Esse é o Espírito que encontraremos daqui a alguns instantes — concluiu Rogério com um sorriso generoso.

De fato, sem despender maior esforço, descemos a uma região de sombras muito espessas. Assemelhava-se, antes de tudo, a uma grande caverna pestilenta e humida, como deveriam ser os calabouços da Idade Média. Viam-se ali criaturas estiradas, em gemidos lancinantes.

Conservando-se á distancia, Rogério exortou-me a permanecer em sua companhia e enviou alguns auxiliares em busca do desventurado Tomazino.

O infeliz aproximou-se, de rastros. Parecia um monstro, tal a desfiguração pelo sofrimento. Observando os fluidos luminosos que envolviam Rogério a espera-lo, o mísero supôs que defrontava um dos mais altos emissários de Deus. Enganado ainda pelas falsas concepções da Terra, começou a chorar, convulsivamente, acreditando que o Altíssimo lhe dispensava honrosas deferencias, como se fôra um herói esquecido, em revisão de processo.

— Anjo celeste — murmurou prostrando-se ante Rogério — eu sabia que Deus me faria justiça. Fui um infortunado na Terra, vaguei como cão sem dono entre aqueles que desfrutavam o banquete da vida humana; atravessei a existencia incompreendido e aqui estou, em abandono, em pavorosa caverna de martirios, aguardando a Providencia Divina...

As lagrimas caíam-lhe em suprema desesperação. O interpelado, porém, mantinha-se em serenidade impassível e disse-lhe com firmeza:

— Tomazino, esquece o vício da queixa. Não sou um anjo celestial, sou teu irmão no mesmo caminho evolutivo. Não vim até aqui para arquivar as tuas lamentações, mas para sugerir-te calma e boa vontade, atendendo a muitas rogativas dos que se interessam por tí. Não consta, no plano espiritual mais elevado, que hajás sido tão infeliz e sim que sempre foste

rebelde aos alvitres divinos, quanto preguiçoso nas realizações para a vida eterna.

O suicida experimentou indifarsavel surpresa. Esperava que todos os emissários do mundo superior fossem portadores de uma doçura de mel. Viciado como criança necessitada e exigente, não entendia a bondade fôra dos prismas da ternura. Assustado, Tomazino assumiu atitude diversa.

— Venho para ser util ás tuas necessidades presentes — continuou Rogério sem emoção — prestando-te este ou aquele informe que julgues necessario ao soergimento do teu espírito.

Via-se que o choque fôra benéfico a Tomazino. Começando a compreender que a responsabilidade não dispensa a energia, fazia esforços para esquecer as velhas lamurias e enveredar por expressões sérias, condizentes com a sua posição espiritual.

— Desejaria receber notícias de meus filhos! — disse num gesto mais digno.

— Todos realizam as suas tarefas satisfatoriamente — esclareceu Rogério, generoso. Como deves saber, as obras de Deus não sofrem solução de continuidade, porque este ou aquele dos trabalhadores delibere escapar aos compromissos assumidos. Teus filhos são homens de bem, uteis á sociedade de que são parte integrante e ativa; tuas filhas, nos dias que correm, são mães devotadas e generosas. Eles confiavam em ti, quando não possuías nenhuma parcela de confiança em ti mesmo. E porque hajás fugido ao lar, desamparando-os, nunca te esqueceram nas intercessões amorosas.

— Infeliz que fui! — exclamou o suicida com acento amarguroso.

— Devias afirmar, antes de tudo, que foste tólo! Extremamente desapontado, Tomazino quis desviar o assunto e interrogou:

— Creio que tendes poder para auxiliar-me. Que devo fazer para melhorar esta situação? Sinto a cabeça tonta, sem direção... Desejaria, pelo menos, alcançar um tantinho de saude...

— Perguntaste bem — disse-lhe o meu amigo —

esse desejo evidencia as tuas melhoras espirituais. O que te poderá restaurar a saúde e o equilíbrio é a nova aplicação de terra.

— Aplicação de terra? — revidou Tomazino assombrado.

— Sim, terás de ser revestido novamente de um corpo terrestre. No planeta encontrarás o remedio para teus males. Despedaçaste o cranio e voltarás a exhibir, no mundo, o cranio despedaçado. Não te faltará a medicação...

— Medicação?

— Perfeitamente — esclareceu Rogério — o idiotismo, a loucura, o desequilíbrio nervoso...

— São doenças — atalhou o suicida prontamente.

— E' verdade, Tomazino, os seres terrenos ainda não compreenderam; mas, enquanto curam as enfermidades, acabam curados por elas. Aceitas, pois, o remedio do porvir?

Reconhecia-se o pavor do infeliz, em face da indicação, mas, ao cabo de longos minutos de meditação, murmurou humilhado:

— Aceito... Quando deverei voltar?

— Quando nossa irmã Olinda estiver em condições de te receber nos braços maternos.

O suicida compreendeu e entrou em profundo silencio.

Daí a instantes, era novamente recolhido ao seu carcere de dor. Acerquei-me, então, de Rogério, admirado. Meu amigo trazia agora os olhos humidos, revelando enorme piedade e comoção. Antes que lhe fizesse qualquer pergunta, tomou-me delicadamente o braço e murmurou compungido:

— Imensa é a tragédia dos espiritos soffredores. Mas, no auxilio efetivo, é indispensavel considerar que cada doente reclama o seu remedio. A maioria dos suicidas requisita a dureza e a ironia para que possa entender a verdade. Até que se verifique a proxima experiencia terrestre, Tomazino Pereira estudará sinceramente a propria situação e não se queixará mais...

O INVESTIGADOR INCONCIENTE

O velho operario, em companhia da filha, identificou a placa brilhante no saguão do enorme edificio e galgou a escada, de olhos serenos e confiantes. Depois de bater respeitosamente á porta, atendido por distinto cavalheiro, apresentou a jóvem enferma e explicou:

— Doutor, minha filha ha muito vem apresentando sintomas perturbadores. Frequentemente apresenta-se tomada por fôrças estranhas, absolutamente incompreensíveis. Parece alucinada e no entanto patenteia o dom da adivinhação, com elementos irrefutaveis. Uma carta, um cofre fechado, não lhe oferecem segredos. Já procuramos ouvir alguns médicos, que, afinal de contas, apenas me agravaram as preocupações. Soube, porém, que o senhor é espiritista, e como já temos recorrido aos préstimos de alguns vizinhos, estou certo de que a sua ciencia nos dará a solução necessaria.

O Dr. Matoso Dupont fixou o olhar percuciente na doentinha e apressou-se a esclarecer:

— Não sou propriamente espiritista, mas um observador dos fenómenos comuns; sou metapsiquista...

O consulente, naturalmente acanhado, guardou silencio, enquanto o médico atacava a enferma numa saraivada de perguntas. E revelava, no olhar, a alegria do pescador quando fiska o peixe inocente, ou do experimentador que encontra uma cobáia preciosa. O pai acompanhava a cena com interesse. O Dr. Dupont esfregava as mãos, visivelmente surpreendido. Após cerrado interrogatorio, procedeu a experiencias com resultados positivos. Objetos, cartas, livros, fôram tra-

zidos á prova. O médico não dissimulava o enorme assombro.

Homem do trabalho e de horas contadas, o velho operario resolveu intervir e perguntou respeitoso:

— Doutor, que me diz o senhor? Que conselhos nos dá para o caso?

O profissional coçou o queixo e falou solene:

— Sem dúvida, estamos diante de um caso espantoso de criptestésia pragmática.

O cliente esboçou um gesto de timidez, como que a desculpar-se da propria ignorancia, e aventurou:

— Não poderá o senhor fornecer-me esclarecimentos mais simples? Leio muito pouco, o trabalho não me dá folgas...

— Trata-se de manifestação metapsíquica.

O pobre homem diante da complicada terminologia científica, mostrou-se algo desanimado e pediu licença para sair, afim-de trazer um amigo ao consultorio. O Valdemar, rapaz inteligente, versado no Espiritismo e empregado na farmacia proxima, ajuda-lo-ia a interpretar os pareceres médicos. Fôra tão difficil conseguir ensejo para a consulta ao Dr. Matoso; tão elevado o preço da mesma, que o amoroso pai não hesitou. Não deveria perder a oportunidade. Precisava recolher as opiniões da ciencia. O ensejo era unico.

Daí a minutos, regressava ao gabinete, com o amigo prestativo e diligente. O doutor compreendeu as preocupações paternais e passou a esclarecer o assunto com todas as côres científicas da respectiva técnica. Referiu-se aos investigadores do psiquismo mundialmente consagrados; ás experiencias européias; falou do ectoplasma, do magnetismo, do subconciente desconhecido, dos disturbios organicos, rodando pela neurologia, pela fisiologia, pela psicologia experimental.

Enquanto a jóvem conservava uma expressão de idiotismo e o progenitor esboçava gestos de justificavel assombro, Valdemar aguardou a pausa do falastrão e ponderou com inteligencia:

— Doutor, estou convencido que o senhor tem suas razões; mas, não concordará que estes fenómenos são

velhos quanto o mundo? Não admite que o caso da pequena se resuma em simples manifestações de mediunidade?

— Ah! naturalmente deseja aludir ás novas descobertas — ao sexto sentido — tornou o esculapio como quem necessita fazer uma retificação indispensavel.

— Sim, pode ser, referindo-nos á ciencia actual — esclareceu o rapaz serenamente — todavia, ha milhares de anos a India e o Egito conheciam iniciados, os judeus reverenciavam os profetas. Ha vinte seculos o mundo assistiu a iluminação do Pentecostes. Não concorda que todas estas manifestações sejam fórmãs diversas da revelação espiritual espalhando no mundo a luz de Deus?

— Ora — retrucou o metapsiquista contrafeito — que motivo nos levaria a meter a religião em problemas desta natureza?

E a palestra animou-se vivamente. Valdemar prosseguia tranquilo, enquanto o Dr. Matoso atingia o auge da exaltação. O primeiro defendia a lógica da fé racionalizada; o segundo acusava os espirítistas de béocios, doentes, histéricos, fanáticos.

Ao terminar a discussão, o velho retirou-se desalentado, levando a menina enfêrma e resolvido a contentar-se com o processo lento da cura, mediante as instruções evangélicas da agua efluviada e dos passes ao alcance da familia, no grupo dos vizinhos.

Tal occorrença constituia, porém, pequenina amostra do investigador renitente. O Dr. Matoso não saía nunca dos seus dominios de experimentador. Visitava nucleos doutrinarios, atormentava os médiuns; fazia questão de exhibir o cartaz de inimigo declarado de todas as expressões religiosas. Afirmando-se discipulo de Richet, adotava a dúvida com attitude preceitual. Em qualquer observação, preocupava-o a possibilidade da fraude e, fôsse onde fôsse, preferia comentar a exploração grosséira, o charlatanismo, a má fé. A sociedade o conceituava entre as grandes intelligencias do meio e ninguem lhe negava títulos de competencia. Entretanto, á força de contacto com os detalhes anatomicos, ele

enrijara as fibras emotivas. Méro caçador de fenômenos, tratava as mais belas sugestões da espiritualidade á maneira de fatos banais, sem maior significação. Não suportava as reuniões onde se fizessem rogativas a Deus, e aos companheiros de indole religiosa preferia os amigos levianos, prontos ao comentario científico, entre um sorriso de mulher sem escrúpulos e um trago de vinho capitoso.

Nada obstante, em todos os acontecimentos os homens dispõem o jôgo da vida, mas Deus é que distribue as cartas. Ninguém vive sem contas, indefinidamente. Chegou, afinal, o dia em que o Dr. Matoso foi compelido a recolher a bagagem material ao cofre vasto da Terra, entrando em nova modalidade de existencia. Achava-se, porém, atonito, estarecido. Em vez de experimentar, sentia-se agora objeto de observação, por parte de gigantes ocultos e intangíveis. Ele que tanto falara de ectoplasma e subconciente, via fórmias indescritíveis, completamente estranhas ás suas tabelas de classificação. Aqueles fantasmas que despertavam tamanho sensacionalismo nas sessões de materialização, passavam-lhe ao lado sorridentes e tranquilos, sem lhe dispensarem a minima atenção. Estaria louco? Que forças misteriosas o haveriam arrebatado áquella região sombria e desconhecida? Perseguira materiais de observação durante a existencia inteira, dilacerara instrumentos da verdade, procurara fraudes e proclamara desafios e, agora ali, sem qualquer intermediario, verificava êle proprio a multiformidade de revelações da vida. Tentava manter a attitude do experimentador que dispensa a cooperação religiosa, mas os reinos psicquicos multiplicavam-se, os materiais novos excediam a qualquer possibilidade de exame. Sózinho, sem o estímulo de companheiros com quem pudesse trocar impressões, o antigo investigador experimentou enorme cansaço. Ele que sempre fôra avesso a orações, andava deseioso de recolher-se ao mundo intimo, afim-de solicitar a contribuição do mais alto. No fundo, admitia que semelhante attitude representava capitulação; entretanto, a seu ver, não rogaria á maneira de outros crentes. Formularia

simplesmente um pedido de auxílio; mas... a quem? Na secura das experimentações do mundo, jamais cultivara afeições quaisquer. Agravando-se-lhe, porém, as necessidades no meio de situações que não conseguia definir nem compreender, sentiu-se fraco e implorou a Deus lhe concedesse luz para os enigmas que o cercavam. Não demorou muito e um orientador generoso fez-se visível, atendendo a súplica:

— Amavel benfeitor — solicitou humilhado — por quem sois, não me negueis mão amiga no labirinto em que me encontro.

— Escuta, Matoso — respondeu o interlocutor com intimidade — que fizeste de tanto material precioso concedido a tua alma no mundo?

— A ciencia transformou-me num investigador inconciente — explicou, evidenciando grande embaraço.

— Não desejo saber que titulos gratuitos te proporcionou a ciencia convencionalista e sim o que fizeste da cultura enorme, e como usaste os patrimonios vultosos que te foram conferidos na Terra.

O interpelado impressionou-se com a profunda observação e, ganhando alguma coragem, relacionou as antigas inquietações, aludindo aos grandes cientistas do século e ás rigorosas preocupações que adotara pessoalmente nas pesquisas efetuadas. Ao termo da longa exposição, o orientador espiritual falou bondosamente:

— Falas de Crookes, de Flournoy, de De Rochas, de Lombroso, de Richet, mas esqueces que precisas de construção propria. Tanto vacilaste no planeta, que terminaste a última experiencia duvidando de ti mesmo. Quando procuravas ansiosamente a fraude nos outros, não vias que fraudavas a propria alma. Desafiaste médiuns e trabalhadores; entretanto, não atendeste aos desafios que a luta nobre te facultou em cada dia terreno.

— Não, não é bem isto — contestou Dupont buscando justificar-se — o que nunca pude tolerar foi a manifestação religiosa.

— Por que? Detestavas a religião, malsinavas a préce, zombavas da fé; contudo, em que lugar do Uni-

verso a vida não é ato religioso? Considerando-se o laço imperecível que une o Criador ás criaturas e as cousas do caminho evolutivo, tudo é permuta e atividade divina. O sapo coaxando no pantano, a estrela enfeitando o céu no deserto, o diamante oculto nas pedras abandonadas não estão á procura de admiração humana, mas de identificação com a Divindade. Anotaste, pesaste, classificaste como simples escravo da estatística, porque a cultura espiritual não se constitue apenas de terminologia técnica. A côr é aspecto, nunca o objeto em si mesmo. E' incontestavel que sabedoria e amor representam as asas sem as quais é impossivel ascender aos cumes da perfeição eterna; mas, sabedoria não significa cristalização no círculo individual, antes é penetração no país infinito da verdade divina, cuja luz palpita no maravilhoso plano de unidade, através de todos os séres. Não te detenhas no exterior. Busca o teu mundo de belezas ignoradas e observa a ti mesmo. Meu amigo, meu amigo, Deus é Amor, Vida, Suprema Luz!...

Nesse momento, o benfeitor desapareceu numa torrente de claridades infindas. Sem explicar o que se passara, Dupont achou-se de joelhos, face lavada em lagrimas abundantes. O cérebro febril banhava-se em energias desconhecidas. Pela primeira vez, sentia a grandeza divina e parecia constituir, êle proprio, harmoniosa nota de amor no cantico universal. Por quanto tempo demorou em adoração indefinivel? Não poderia responder.

Quando, porém, examinou a necessidade de integração no trabalho redentor, uma voz carinhosa e familiar lhe timbrou brandamente os ouvidos:

— Vamos, meu filho! o Pai jamais regateia a oportunidade de retificação e servigo. Voltemos para o mundo. Tu que observaste tanto os semelhantes, sem finalidade justa, regressarás agora afim-de seres observado.

O APÊLO INESPERADO

— Espero nos ajude a vencer tão grande obstaculo — dizia uma senhora inquieta, ao Firmino. Sua co-
operação fraternal é a minha última esperança. Minha filha precisa de conselhos urgentes.

— Quem sabe estará a pobrezinha perseguida de algozes das trevas? — lembrava o interlocutor sorridente. Conheço casos dessa natureza, em que tudo não passava de simples influenciação de elementos inferiores.

— Estou disso convencida, não tenho mesmo qual-
quer dúvida. A menina sempre pautou seus atos pelo sincero desejo de acertar. Nunca desprezou o trabalho, nunca deu mostras de rebeldia. Agora, entretanto, parece obsecada por pensamentos indignos.

— Hoje mesmo solucionaremos o assunto — asseverava o doutrinador prestativo — irei á sua casa, logo á noite, fique tranquila. Esses maninhos da sombra preparam ciladas a torto e a direito, mas havemos de vencer o mal, dirigindo energias para o bem.

Enquanto a senhora se despedia evidenciando gestos desordenados de inquietude, outro cliente assomava á porta, requisitando orientação.

— Firmino — exclamava atencioso — a situação de minha mulher continua desesperadora. Tenho a impressão de que ela permanece insensível a qualquer advertencia. A obsessão empolga-lhe o sistema nervoso de maneira absoluta. Ainda ontem vi-me em situação vexatória, na Polícia, devido a sérias denúncias de vizinhos. Até quando suportarei este martirio domés-

tico, meu bom amigo? Não poderia você ir hoje á nossa casa, afim-de ministrarmos algum esclarecimento?

O interpelado inclinou a frente em sinal de assentimento e acrescentou:

— Poderemos fazer, á noite, alguma doutrinação. Espere-me depois de onze horas.

Mal não se havia retirado o espôso aflito, um velho batia á porta, em companhia de um rapaz renitente e preguiçoso. Admitido ao interior, começou a desfiar o longo rosario de queixas comuns.

— Este meu filho, senhor Firmino, de ha muito vem perseguido por entidades perturbadoras. Ninguém mo disse; mas, não se engana o meu coração de pai. A princípio, recorremos á medicina, gastei o que pude, batendo a consultorios e farmacias; todavia, não colhi qualquer resultado animador. O rapaz continua fazendo loucuras sôbre loucuras. Disseram-me que o senhor dá conselhos como ninguem e venho apelar para a sua caridade. Por favor, veja se nos pode prodigalizar o beneficio de uma orientação.

O jovem mirava os interlocutores de soslaio, dando a entender mais peraltice que demencia; entretanto, o conselheiro em vez de receitar-lhe um susto adequado, começou a dizer levemente:

— E' incontestavel. O pobrezinho está obsidiado. Não é de estranhar, visto que as influencias maléficás povoam todos os lugares deste mundo.

E rematava, imprudente, após longa pausa:

— Você, meu filho, está envolvido nas perigosas malhas de perseguidores invisíveis, mas de amanhã em diante faremos serviços de auxílio a seu favor. Qualquer pessoa, nas suas condições, pode cometer os mais negros crimes. Não conhece os escandalos do noticiário comum? E' a obra destruidora dos maus Espiritos. Assassinios, suicidios, erros, paixões, resumem a perigosa atuação dos seres diabolicos das sombras.

O progenitor, embalado pela idéia de socorro gratuito, não ocultava a satisfação em largos sorrisos, enquanto o rapaz dissimulava gestos cínicos.

E era esse o feitiço daquele ingenuo e bondoso Firmino da Conceição. Premido pelas contínuas solicitações, abandonara a atividade profissional, passando a viver a expensas das duas filhas, que definhavam nos trabalhos afanosos do bordado e da costura. Sempre vigilante no círculo das necessidades dos vizinhos e conhecidos, como que se habituara á desordem do proprio lar. Ambas as moças sentiam-se á frente da maré invencível. As remunerações incertas mal chegavam para as despesas inadiáveis. E a velha espôsa, quando os cobradores rondavam a porta, aguardava o marido pacientemente, alegando em tom afavel:

— Ora, Firmino, esta situação precisa modificar-se. Nossas filhinhas parecem cansadissimas. E seu emprego? Você não esperava colocar-se este mês?

— Sim, sim, mas não podemos esquecer a tarefa.

Os apelos são muitos e não posso desatender a essa boa gente que me procura. Imagina que, presentemente, estou a serviço espiritual para beneficio de vinte e duas familias.

— Mas, lembre-se igualmente que é chefe desta casa e que não estamos isentos de responsabilidade familiar.

Notando que a generosa companheira estava a ponto de irritar-se, o doutrinador afagava-lhe a frente cismarenta e dava-se pressa em buscar meditações e leituras, acentuando:

— Deixe-se de idéias tolas. Perdeu então a fé em Deus?

Meses e anos corriam para o abismo do tempo e Firmino era sempre o mesmo homem, determinado a satisfazer pedidos importunos e extravagantes. Diariamente, entregava-se a demorados exercicios espirituais, a-fim-de multiplicar os valores positivos de sua doutrinação. Desenvolvera a visão psíquica. Agora, recebia apelos do visível e do invisível. Espiritos ociosos, ou inquietos, deste e do outro lado da vida, procuravam-no incessantemente. Vendo-se em tal situação, julgou-se dono de vastos poderes e a vaidade não demorou a surgir como escalracho invasor. O nosso homem não

admitia orientação estranha, no seu modo de interpretar julgava-se detentor de dons infalíveis.

Chegou, porém, a ocasião de ser abalado nas convicções profundas. Quando a família esgotava o enorme cálice de sofrimento, eis que uma noite, feita a oração habitual, Firmino é visitado por entidade desconhecida. Auréolas de luz cercavam-na inteiramente. Estampando amoroso sorriso, aproximou-se do velho doutrinador que se ajoelhara, e falou com bondade:

— Venho da parte de Jesus fazer-te um apêlo.

Firmino, quase em extase, parecia esmagado de júbilo. Solicitação do Cristo?! Que não faria por atender imediatamente? Desde muitos anos, empregava as menores possibilidades na solução dos problemas alheios. Certo, Jesus premiava-lhe a boa vontade, designando-lhe nova tarefa. Enquanto essas reflexões lhe vagavam na mente, o sábio mensageiro continuou:

— Trata-se de pessoa que requer auxílio urgente; alguém que precisa do teu interesse efetivo e desvelada atenção. Não te negues a cooperar, meu amigo. Essa criatura guarda a melhor intenção nos serviços comuns, mas ha muito tempo internou-se pelos abismos da incompreensão. Jesus, porém, observa os discípulos generosos e sinceros e jamais lhes faltará socorro celeste. O teu concurso é, todavia, indispensável. Esse irmão bem amado permanece em perigo. Ervas daninhas lhe cresceram no campo espiritual, ameaçando as flores da esperança e os frutos da verdade. Viajor descuidado, apesar de bondoso, numerosas sereias tentam encanta-lo. O pobrezinho começou a dormir, mas é preciso arranca-lo do sono. Ainda que seja necessário, submete-o a disciplinas, acorda-o a golpes de força, dada a hipótese de necessidade premente. Não o deixes a meio da estrada, longe de si mesmo. Jesus confia em ti. Dize-lhe que o Mestre não deseja ver os seus serviços fraternos sujeitos a solução de continuidade e sim, que acima de tudo, conserve o trabalho da propria iluminação. Não se interrompa a atividade carinhosa do irmão, mas não se olvide, tampouco, a realidade do homem. Ensina-o a respeitar a beneficencia de Deus, a clarear os proprios

horizontes e a estruturar a personalidade do discipulo perfeito em si mesmo, a-fim-de que socorra os necessitados com as medidas da justiça e do amor. Jesus dissemina a caridade, todos os dias, nos mais ínfimos recantos do globo, e espera que cada habitante do mundo lhe estenda os dons sublimes; entretanto, essa caridade constrói, retifica, educa, eleva e redime. A bondade não endossa a preguiça, nem suprime o valor da necessidade de luta, na evolução das almas. Vai, meu amigo, ainda é tempo. Corrige, amando, a quem adormeceu inadvertidamente na estrada tentadora.

O interpelado guardava profunda impressão. Debalde tentava localizar o necessitado nos escaninhos do pensamento. A quem se referia o emissario solícito? Algum dos obsidiados em estudo? Habitudo a fixar o exterior, lembrou repentinamente o irmão de nome Donato, que nascera sob o mesmo teto, velho companheiro de trabalho terrestre, o qual, apesar de generoso, nunca lhe aceitara os conselhos e pontos de vista.

Penetrando-lhe a idéia recondita, falou ainda o mensageiro:

— Refiro-me á unica pessoa a quem deves e podes impor a necessaria reforma espiritual, mesmo a custa de ásperas disciplinas...

O doutrinador ergueu os olhos preocupados e interrogou:

— Trata-se do mano Donato?

A entidade lúcida sorriu, entre a compaixão e a serenidade e, como quem necessita atirar o golpe a descoberto depois de esgotados os recursos da delicadeza fraternal, acentuou com firmeza:

— Não, Firmino; ainda uma vez estás equivocado; a pessoa necessitada a que aludi, és tu mesmo. O apêlo de Jesus refere-se a ti.

A CURA COMPLEXA

Aquele lar fundamentado em bases solidas de amor e trabalho, desde algum tempo parecia invadido por tempestades incessantes de dor.

Feliciano Azevedo, na idade madura, era iniciado nos mistérios da lágrima, envolvido em terríveis tormentas de desventura. A filha amorosa, que resumia as esperanças paternas, perdera o equilibrio mental logo após um curso escolar brilhante, assim anulando alegres espectativas familiares. A espôsa sensível baixara ao hospital, com a saude abalada para sempre.

Desarvorado, qual viajante cujo barco vai impedido para as ondas revoltas, antevendo os momentos do naufragio cruel, Feliciano agarrava-se á fé em Deus, em supremo despêro do coração. As economias fartas de outro tempo dissiparam-se em poucos meses. Agora, dividia as horas entre o hospital e o manicómio. Os empréstimos asfixiavam-no. Quando a situação assumia aspectos ainda mais graves, eis que surge inesperadamente um amigo, aconselhando:

— Ora, Feliciano, por que não tenta o Espiritismo? E' possível que o caso da jóvem seja simples obsessão. Os benfeitores do Além, quando podem, costumam ligar-nos o coração ignorante com a Fonte infinita das bênçãos. Experimente...

Feliciano ponderou a advertencia amiga e deliberou atender sem delongas. Na noite desse mesmo dia, foi á casa da familia Macedo, que mantinha um grupo espiritista muito intimo.

Recebido com muita simpatia, pela sinceridade de

suas expressões, ouviu por intermedio de jóvem sensitiva a palavra de generoso amigo da espiritualidade, que lhe falou mais ou menos nestes termos:

— Meu irmão, não olvides a coragem para o exito necessario. A passagem pela Terra pode ser um aprendizado angustioso, mas é parte de nossa marcha para a sabedoria infinita. No curso dos maiores infortunios, lembra que Deus é Pai bondoso e justo. O caso da tua filhinha procede de tenaz perseguição, do plano invisível. Irmão nosso, perturbado e cêgo, ha lançado amarguras na tua estrada dos tempos que correm. Não desespere, porém. E' razoavel que a justiça trabalhe, enquanto houver necessidade de reparações. Contribuiremos para que se aclarem os horizontes. Esforça-te, pois, conosco, atendendo á Providencia Divina.

Aquelas palavras, pronunciadas com imensa ternura, lhe balsamizaram o coração entristecido. Tinha a impressão de que imergia o espirito sequioso em fonte cristalina, ardentemente esperada no deserto da sua angustia. Os amigos presentes incumbiram-se de lhe consolidar as esperanças. O chefe da casa relatou a difficil experiencia doméstica, em que se valera do socorro espiritista. Cada companheiro trouxe á baila o seu caso pessoal, revelando a excelencia do auxilio oriundo das mãos intangíveis dos desincarnados.

Feliciano exultava. Pela primeira vez, depois de longos e laboriosos tempos de luta, dormiu sossegadamente, empolgado por singulares pensamentos de paz.

Os Macedos, aliando-se á boa vontade de outros irmãos, começaram a prolongada série de reuniões intimas, destinadas ao esclarecimento do infortunado obsessor, consagrando, nesse mister, as suas melhores energias. Três vezes por semana reuniam-se os benfeitores incarnados. O pai e espôso aflito mantinha-se firme na sua fé, presente a todos os trabalhos. O irmão perturbado, mal se pronunciava a prece inicial, incorporava-se prèstemente, apossando-se por completo do aparelho mediunico. Bertoldo, o diretor da reduzida assembléa, falava-lhe com sincera dedicacão fraternal e

contudo, o infeliz parecia aferrado a sinistros propósitos.

— Este homem é um criminoso — apontava o Feliciano com sarcasmo — em outro tempo destruiu-me o lar, escarnecendo das minhas sagradas aspirações familiares. Companheiro desleal e ingrato, esqueceu a mão amiga que o erguera da miserável condição de servo infimo!...

E com lágrimas de odio continuava, depois de mordentes acusações:

— Malvado!... Monstro! Seguirei no teu encaço, onde quer que te escondas!...

— Mas, meu irmão — replicava o orientador bondosamente — quem de nós outros estará sem erros? Todos procedemos de um passado sombrio e delituoso. Na longa jornada, por trás de nossos passos, ha rios de lama e sangue, que precisamos purificar com a tolerancia reciproca. Comecemos novo dia de fraternidade. Deus, que é Pai e Senhor Supremo do Universo, renova incessantemente as nossas oportunidades de serviço e edificação. Se Deus atende, assim, que razão nos assiste para eternizar a vingança nos caminhos da vida? Esquece o mal, meu amigo. Contempla o nosso Feliciano humilhado, torturado, vencido!... Não te doerá vê-lo assim, de cabelos nevados prematuramente? Que prazer poderás sentir martirizando uma pobre mãe no hospital e uma criança no manicômio? Sejam quais fôrem as tuas máguas de existencias anteriores, olvida o mal e perdôa...

O diretor amavel dizia essas palavras, de olhos molhados, convencido de que esclarecer não é ordenar, é que doutrinar não significa impôr violentamente. Aquele generoso Bertoldo não ignorava a extensão das miserias, nas experiencias humanas, sabia conjugar os proprios conhecimentos, ofertando-os ao proximo como ramalhetes de flores luminosas. O perseguidor chorava, entre o odio e o desespero, e a reunião terminava sempre num mar de emoções reconfortantes e profundos ensinamentos, porque os companheiros ali se uniam, antes de tudo, nos élos cariciosos da humildade e do

amor. Ao fim de alguns meses, o infeliz cedia terreno, demonstrando-se transformado á luz do Evangelho do Cristo, não pelas palavras ouvidas, mas pela vibração do sentimento coletivo.

Em breve, a espôsa e a filha, convalescentes, regressavam ao ambiente doméstico. A pequena familia não podia traduzir o intenso jubilo. Trazidas igualmente aos trabalhos espirituais, mãe e filha pareciam banhadas por ondas reconfortantes de energia nova. O antigo obsessor convertera-se em benfeitor solícito. A tranquillidade agora revelava maravilhoso conteúdo de fé e alegria.

Decorridos seis meses sôbre a nova situação, eis que o lar de Feliciano parece envolvido em novas tormentas. A precariedade de recursos financeiros levava o chefe da casa a experimentar diversos labores sem resultados favoraveis. Todos os objetos valiosos fôram levados ás casas de penhor e, por fim, após difficil experiencia numa oficina de acessórios, Feliciano cái no leito, desolado e paralítico. Em vão, recorre a filha a relações prestigiosas, em busca de colocação condigna. Todas as portas se apresentam impenetraveis. Nos concursos a que compareceu, esperançosa, era invariavelmente mal classificada. Diariamente, á noitinha, voltava á casa, desanimada, pernas trôpegas e olhos inchados de chorar. Enquanto isso, a progenitora precisava agarrar-se á máquina de costura, para que lhes não faltasse o pão cotidiano.

A pequena familia começou a peregrinar de rua em rua, pela carencia de dinheiro com que pagar o aluguel da casa.

A esse tempo, Feliciano voltou ao país sombrio do desespero. Os generosos irmãos na fé buscavam-lhe a companhia, semanalmente, reunindo-se em préces, no seu aposento de dor. Por maior que fôsse, porém, o carinho fraternal, o enfermo não mais se livrou de angustioso abatimento. Os pensamentos lhe erravam pesadamente da queixa incessante para o desalento sem limites. Por que motivo lhe fôra reservado um cálice tão amargo? Não aceitara a fé? Não se esclarecera o

obsessor terrível? Assim se mantinha ele mergulhado num mar de inquirições dolorosas.

Após dois anos pesados de infortunio, valeu-se do momento em que se reuniam os amigos, no quarto estreito, para indagar ao sábio Instrutor espiritual a causa dos longos padecimentos. O benfeitor invisível, procedendo delicadamente, à maneira de alguém que, embora percebendo uma ferida, não lhe acusa a existência, esclareceu com intimidade e doçura.

— Não percas a coragem, meu amigo. A fonte das bênçãos divinas não estanca a distribuição dos benefícios. Resigna-te na dor, como quem lhe conhece as utilidades sublimes. O catre do sofrimento é um barco de salvação, nas tempestades do mundo, para o crente identificado com a própria fé. Usa a provação como termómetro da confiança em Deus e não desanimes!...

O doente estava comovido mas não satisfeito. Incapaz de perceber a sutileza fraternal do comunicante, voltou a considerar:

— Agradeço as vossas palavras generosas, mas, não me posso furtar a duvidas amargosas. Não era o sofrimento de minha família um simples caso de obsessão? Não trabalhamos, meses a fio, afim de esclarecer o irmão perturbado? Não se tornou êle nosso amigo e colaborador? Todavia, tenho mesmo a impressão de que nossos tormentos se agravaram pesadamente. Minha mulher saiu do hospital para internar-se na miséria mais dura; minha filha regressou do hospício para transformar-se em pedinte sem esperança...

Engasgado de pranto, fez longa pausa e continuou a dizer:

— Como chegar a uma conclusão aceitável? Não estamos curados da obsessão, meu amigo?

O benfeitor espiritual, incorporado na jovem médium, levantou-se e denunciando a imensa sabedoria que lhe brilhava na alma, acentuou depois de afagar o doente com um gesto de amor:

— Feliciano, é verdade que tens sofrido muito, mas não esqueças que os amigos incarnados e desincarnados te ofereceram andaimes; as dificuldades e padecimen-

tos te proporcionaram pedras; a fé carregou cimento divino para o teu coração; entretanto, a construção é tua. Nunca reclames ante a justiça de Deus, porque se estás curado da obsessão, ainda não saldaste as próprias dívidas.

Foi então que o enfermo revelou novo brilho no olhar e, enquanto os companheiros choravam de alegria com o profundo ensinamento, Feliciano Azevedo beijou a mão que o sábio mentor lhe oferecia, e baixou humildemente a cabeça.

O TRABALHADOR FRACASSADO

Na paisagem de luz, antes da imersão nos fluidos terrestres, Efraim recebia as ultimas recomendações do Guia veneravel:

— Vai, meu filho. Seja a proxima experiencia na Terra uma estação nova de trabalho construtivo. Recorda que és portador de nobre mensagem. A tarefa a que te propões é das mais edificantes. Distribuirás o pão do conforto espiritual, no esforço de amor em que te inspiras. Não olvides que energias diversas se conjugarão no mundo, para distrair-te a atenção dos objetivos traçados. E' indispensavel que te fortaleças na confiança em Deus, a todos os momentos da vida humana. Cada homem permanece no planeta com a lembrança viva dos compromissos assumidos, revelando singularidades que a ciencia das criaturas considera vocações espontaneas. A luta começa na infancia, porque raros pais, na Terra, estão aptos a orientar concientemente os filhos confiados á sua guarda. Resiste, porém, e aprende a conservar tuas energias nos altiplanos da fé. Lembra a tarefa santificante, cometida ao teu esforço e não escutes vozes tentadoras, nem desfaleças ante os tropeços naturais, que se amontoam nos caminhos da redenção. Ha operarios que, embora possuidos de belas intenções, estacionam inadvertidamente, por darem ouvidos aos enigmas que o mundo inferior lhes propõe cada dia. Segue na estrada luminosa do bem, de olhar fixo no trabalho conferido as tuas mãos. Não olvides que Deus ajuda sempre; mas, nem

por isso, poderás prescindir do proprio esforço em auxilio de ti mesmo.

O candidato á nobre missão, reconhecido e feliz, osculou as mãos do benfeitor e partiu. A esperança lhe acariciava os sentimentos mais puros. Não cabia em si de contentamento, pois recebera a formosa tarefa de repartir esclarecimento e consolação entre os sofredores da Terra. Com que enlêvo e satisfação lhes falaria das verdades sublimes de Deus! Mostraria a função aperfeiçoadora do sofrimento, enaltecendo o serviço generoso da dor. Enquanto fornecesse testemunhos de fé na redenção propria, exemplificando no esforço dos homens de bem, reuniria materiais divinos para melhor atender ao imperativo do trabalho conferido á sua responsabilidade individual.

Todavia, consoante as observações ministradas pelo mentor compassivo e sabio, o trabalhador encontrou as primeiras dificuldades no proprio lar a que foi conduzido pelas teias de carinhosa atração. Ao passo que os amigos da esfera invisivel buscavam multiplicar-lhe as noções de ordem superior na recapitulação do periodo infantil, os progenitores inutilizavam diáriamente o serviço espiritual, com a ternura viciosa e imprudente. Na libertação parcial do sono, Efraim era advertido pelos amigos do caminho eterno, a respeito da preparação necessaria, mas logo que regressava á vigilia no corpinho tenro, a mamãe o tratava como bebê destinado ás guirlandas de uma festa inutil; e o pai, voltando da repartição, preocupava-se em aumentar entretenimentos e frioleiras. Assim que, a criança aprendia os nomes e gestos da giria, acostumava-se a repetir as expressões menos dignas, a atacar com as mãosinhas cerradas, a insultar por brinquedo.

Quase reduzido á condição de papagaio interessante e voluntarioso, foi instado pelos amigos da esfera invisivel a reconsiderar as obrigações assumidas. Entretanto, quando falava dos sonhos que o visitavam durante a noite, a mãezinha ralhava descontente: — “E' pura imaginação, meu filho! Vives impressionado com as historias da carochinha”. O pai ajuntava de pronto:

— Esquece os sonhos, Efraim, lembra que o mundo sempre pediu homens praticos.

O rapazelho daí por diante começou a dispensar menos atenção ao plano intuitivo. No fundo, porém, não conseguia traír as tendencias proprias. Dedicava inexcelsível carinho aos livros de sabor espiritual, onde a elevação de sentimentos constituísse tema vitorioso. Exaltava-se facilmente no exame dos problemas da religião, como se quisesse, resistindo ás incompreensões domésticas, desferir os primeiros vôos. No intimo, adivinhava a realidade das obrigações que lhe competiam, mas a ternura excessiva dos pais contribuía a favor da preguiça e da agressividade. Onde Deus tirava sementes divinas, os responsaveis humanos cultivavam héras sufocantes.

No colégio, Efraim não era mau companheiro; os genitores, porém, desenvolviam tamanho esforço por destacar-lhe a condição, que, em breve, a vaidade sobressaía como estranha excrecencia na sua personalidade.

E a experiencia humana continuou, marcando o conflito entre a vocação do trabalhador e o obstáculo incessante do mundo. O plano invisível buscava insistentemente conduzi-lo ao clima espiritual adequado ás realizações em perspectiva.

Enquanto na igreja católica-romana o rapaz não encontrava senão motivos para acusações e xingamentos, transportado ao ambiente do culto protestante, apenas fixava expressões humanas, esquecido das substancias divinas. Intimamente, Efraim experimentava aquela necessidade de instruir e consolar as almas. As vezes, não conseguia sopitar os impulsos e desabafava em longas conversações com os amigos. Guardando, porém, os títulos academicos em vez de usa-los como forças ascencionais para um conhecimento superior, convertia-os em entulhos lastimaveis, mantendo futilidades pouco dignas. Embalde a esfera espiritual o convidava á luta enobrecedora, em profundos apêlos do pensamento.

Agora casado e fundamente modificado pelas cir-

cunstancias, Efraim parecia impermeavel aos conselhos diretos e indiretos.

Enfim, depois de costear o continente infinito da Revelação divina em diversas modalidades, foi dar ás praias ricas do Espiritismo cristão. Estava deslumbrado. A fé lhe revelava perfumes ignotos ao coração, semelhando-se a olorosa flor de mata virgem. Experimentou imediatamente a certeza de haver encontrado o lugar proprio. Alí, cêrtamente, desenvolveria o plano construtivo de que lhe falava a intuição nos recessos do espirito. Esqueceu, no entanto, que o trabalho é fruto do esforço e que todo operario precisa improvisar ou manejar ferramentas. Com dois anos de observação, êle que se habituara á ociosidade, recolhia-se ao desalento. Queixava-se de tudo e de todos. Tinha a convicção de que necessitava edificar alguma cousa a beneficio dos semelhantes, mas não se conformava com os obstaculos.

Quando um dos velhos amigos vinha convida-lo ao serviço espiritual, replicava enfaticamente:

— Ora "seu" Cunha, quem poderá destringir essa meada de mediuns charlatães e exploradores sem consciencia?! Francamente, sinto-me cansado...

Depois que o visitante encarecia as excelencias da cooperação e a necessidade do testemunho, Efraim exclamava desanimado:

— Não posso ocupar-me com ficções nem partilhar dessa batalha invencível.

Os amigos da vida real são, contudo, infatigaveis na esperança e no otimismo; para que o trabalhador encontrasse concurso fraterno, formou-se repentinamente um grupo mais íntimo, na vizinhança de sua residencia, onde reduzido numero de companheiros se propunham estudar os problemas de auto-aperfeiçoamento, colimando elevados serviços no futuro. Efraim prometia cooperar na tarefa, mas em vão o chamavam ao esforço diariamente. Estava sempre solícito na indicação dos tropeços, mas nunca resolute na execução da propria tarefa. Cada dia, apresentava uma desculpa aparentemente mais justa, afim-de justificar a ausencia no tra-

balho. Para ele a chuva estava sempre gelada e o calor sufocante; os resfriados chamavam-se amigdalites, bronquites, febres, dispnéias; os desarranjos do estomago classificavam-se como hepatites, estreitamentos e gastralgias. A mente viciada exagerava todos os sintomas. Quando assim não era, aludia ás contrariedades com o chefe de serviço no instituto em que lecionava, referia-se ás enxaquecas da espósa, dizia das enfermidades naturais dos filhinhos em desenvolvimento. A hora, a situação ocasional, o estado físico, a condição atmosférica, eram fatores a que recorria invariavelmente por fugir á contribuição fraternal.

Por fim, embora experimentasse o desejo sagrado de realizar a tarefa, chegou ao isolamento quase completo, num misto de tristeza e ociosidade.

Foi nessa estação de amargura que a morte do corpo o requisitou para experiencias novas.

Durante anos dolorosos, Efraim errou sem destino, qual ave desesperada da sombra, até que um dia, esgotado o cálice dos remorsos mais acerbos, conseguiu ouvir o antigo mentor, após angustiosas súplicas:

— Meu filho, não te queixes senão de ti mesmo. O Dono da Vinha jamais esqueceu os trabalhadores. Materiais, ferramentas, possibilidades, talentos, oportunidades, tudo foi colocado pela bondade do Senhor, em teus caminhos. Preferiste, porém, fixar os obstáculos, desatendendo a tarefa. Reparaste o máu tempo, a circunstancia adversa, o tropêço material, a perturbação física e todavia, nunca prestaste maior atenção ao serviço real que te levara ao planeta. Esqueceste que o trabalho da realização divina oferece compensações e tonicos que lhe são peculiares, independentemente dos convencionalismos do mundo exterior. O Senhor não precisa de operarios que passem o tempo a relacionar óbices, pedras, espinhos, dificuldades e confusões, e sim daqueles que cooperem fiélmente na edificação eterna, sem interpelações descabidas, desde as atividades mais simples ás mais complexas. Enquanto olhavas o chão duro, a enxada enferrujou-se e o dia passou. Choras? O arrependimento é bendito, mas não remedeia a dila-

ção. Continua retificando os desvios da atividade mental e aguarda o futuro infinito. Deus não faltará, jamais, á boa vontade sincera!

— E quando poderei voltar á Terra, afim-de renovar meus esforços? — perguntou Efraim soluçando.

O benfeitor demorou a responder, esclarecendo finalmente:

— Por agora, meu filho, não posso precisar a ocasião exata. Todo trabalho edificante, em suas expressões diferentes, tem órgãos orientadores, executivos e cooperativos. Ninguém pôde iludir a ordem na obra de Deus. Ante os novos caminhos tens largo tempo para amadurecer os arrependimentos sinceros, porque, sómente aqui, nesta zona de serviço a que te subordinas presentemente, temos duzentos mil e quinhentos e vinte e sete candidatos ao trabalho de consolação e esclarecimento, no qual fracassaste no mundo. Como vês, não podes regressar á Terra antes deles.

INVOCÇÕES DIRETAS

Nos primeiros movimentos de intercambio com a esfera invisível, Casimiro Colaço experimentara sensações de indefinível inquietude. Aquelas comunicações com o Alem assombravam-no. Povoavam-lhe a alma profundas indagações. Aquele novo mundo que se lhe descortinava aos olhos, trazia maravilhosas incognitas para cuja solução daria, de bom grado, todas as possibilidades terrestres. Casimiro não se contentava com as reuniões de experimentação mediunica, num esforço metódico e gradativo. Embora o arraigado amor á família, vivia mentalmente muito distante dos deveres inadiáveis e justos. Viciado pela curiosidade doentia, esperava a noite com singular ansiedade. Ao regressar do estabelecimento bancário, após a luta do ganha-pão, trancava-se a sós no quarto, dilatando observações por catalogar conhecimentos novos, no vasto círculo de entidades espirituais. Longe d'è aceitar com proveito as manifestações espontaneas, preferia impôr os proprios caprichos, perdendo-se em longas evocações directas e ignorando sistematicamente se possuía credenciais ou merecimento para isso.

Entre as entidades que costumava invocar impertinentemente, contava-se um velho tio — o ex-sacerdote Leão Colaço, que partira do mundo, anos antes. Padre inteligente e devotado ao bem coletivo, Leão converteira-se em ídolo dos parentes. Por isso mesmo o sobrinho, ao menor obstaculo, utilizava a concentração, pedindo-lhe esclarecimentos. O ex-sacerdote era obrigado a abandonar trabalhos sérios, no plano de ação onde se localizara e, quasi sempre, para solucionar espantosas futili-

dades. Decorrido algum tempo em que Leão se destacou pela paciencia e o sobrinho pela leviandade, reconheceu o nobre emissario que a situação requeria outros rumos. Muito delicado, falou confidencialmente em mensagem carinhosa:

— Meu filho, nas relações com o invisível, não queiras impôr a vontade caprichosa, quando não identificas, ao certo, as proprias necessidades. Faze a préce, observa, medita e espera com paciencia. A oração e o esforço mental, por si sós, valem imensamente, ainda mesmo que não recebas conselhos directos dos amigos. Por que invocar violentamente os desincarnados, se não desconheces que tambem eles assumiram certas responsabilidades de serviço ante os designos de Deus? Por que insistir nominalmente no comparecimento de quem sofre ou de quem trabalha? Submetes o primeiro á dor da vergonha e ao segundo impões o pernicioso esquecimento do dever. Não recordas a lição de Jesus na prece dominical? O Mestre ensinou ao homem rogasse a Deus o cumprimento da Vontade Divina, assim na Terra como no Céu. Trabalha, meu filho, e sê atento ás obrigações proprias. Se não é justo pedir o aluno aos instrutores a necessaria solução de problemas condizentes ao aprendizado em curso, tambem não é razoavel abandone a criatura a possibilidade de novas luzes, recorrendo, nas ocorrências mais fúteis, á bondade daqueles que a seguem de mais alto. Organiza reuniões, continua observando os planos invisíveis, mas não olvides a espontaneidade. Se o irmão infeliz bate á tua porta, consola-o; se recebe a visita generosa de respeitavel instrutor, pondera-lhe os conselhos e guarda-lhe a sabedoria. Aprende a interpretar os designos de Deus, no local de serviço ou testemunho onde te encontres, nas horas mais diversas. O trabalho divino sempre requisitou devotamento mas dispensa a provocação, por desnecessaria e inconveniente.

Casimiro leu e releu a mensagem e contudo, continuou agindo com a mesma leviandade que o caracterizava antes dela. A qualquer frioleira, repetia o antigo estribilho:

— Chamemos o tio Leão Colaço e teremos a solução precisa.

Submergia-se a generosa entidade em verdadeiro mar de preocupações, atenta a confusão que se desdobrava, quando certo amigo lhe observou:

— Não te entregues a exagerada inquietação. Se o sobrinho vem buscar-te tantas vezes por semana, compelindo-te á dilatação de serviços tão graves, por que não o invocas igualmente? Se é verdade que os companheiros do mundo podem chamar-nos, não desconhecemos a possibilidade de lhes retribuir no mesmo grau. Experimentando a inconveniência das invocações directas, o Casimiro renovará as concepções sôbre o assunto. E creio que uma vês será o bastante.

O ex-sacerdote aceitou o alvitre, evidenciando indifarsavel contentamento. Escolheu, por isso, a noite mais oportuna e, reunindo alguns companheiros, invocou o sobrinho de modo a lhe proporcionar excelente lição.

Enquanto se lhe enrijecia o organismo no leito, alarmando a familia, Casimiro Colaço compareceu em espirito ante a reduzida assembléia que o atraía intencionalmente. Revelava-se indisposto e perturbado, o mísero sentindo-se presa de inenarravel angústia. Em frente dos amigos espirituais, rojou-se de joelhos e exclamou em pranto amargo:

— Benfeitores amados, por quem sois, não me deixeis voltar por enquanto ao vosso plano, quando tenho filhinhos a esperar por mim!...

Após doloroso gemido, prosseguiu num véu de lágrimas:

— Ah!... quem me chamou aqui com tamanha insistencia? Deixai-me regressar á Terra, por amor de Deus!

Aproximou-se então o bondoso tio e esclareceu:

— Sou eu quem te chama, Casimiro.

— O' sois vós, meu tio? Porque? Desconheceis, porventura, a bagagem dos meus deveres? Tendes seguido carinhosamente meus passos e compreendeis, cértamente, que me não posso furtar ao cumprimento de obrigações intransferíveis. Não me retenhais aqui por mais tempo!...

Depois de soluços convulsivos, rematava diante do ex-sacerdote que sorria bondoso:

— Afinal, porque me buscastes assim nesta violencia terrível?

Colocou-lhe a entidade a mão paterna no ombro, evidenciando amorosa solicitude e respondeu:

— Chamei-te por amor e porque não devia desprezar o ensejo de entregar-te novos valores educativos. Aprende a considerar as situações alheias, meu filho! Também nós, aqui, temos deveres e trabalhos, responsabilidades e compromissos. Não somos figuras aéreas, catalogadas entre seres ociosos ou vagabundos. Já que percebeste quanto dói a perturbação infligida ao homem no trabalho honesto e intransferível, não procures desorientar serviços de nossa esfera de ação, onde colaboramos na estruturação espiritual de um mundo melhor. Tanto se pode invocar a entidade celeste, quanto atrair a criatura terrestre, na mesma lei que rege o constante intercambio das almas. Não olvides, pois, estas preciosas verdades!

E mergulhando o olhar penetrante no sobrinho angustiado, concluia:

— Voltarás, imediatamente, ao serviço que Deus te confia no mundo; entretanto, faze tudo por não esquecer a valiosa lição desta noite.

Em casa de Casimiro, todavia, observava-se o vai-vem dos familiares alarmados. Durante quatro horas, permanecia o pobre rapaz no leito, pálido, ofegante, semi-morto. Multiplicavam-se cataplasmas e injeções, sob o olhar atento do médico que o assistia. Quando o suposto enfermo revelou os primeiros sinais de melhora, o facultativo chamou em particular o velho progenitor de Casimiro e esclareceu, demonstrando justificada alegria:

— Felizmente o problema está resolvido.

— E que pensa o senhor? — interrogou o ancião aflito.

— Trata-se de caso para observar — retrucou o interpelado, confidencialmente — aplicarei tratamento

decisivo, pois a meu ver a molestia tem todos os característicos de fenômeno epileptoide.

Mas Casimiro Colaço, daí a dois dias estava refeito para o trabalho comum. E embora não recordasse o ensinamento senão na tela mágica de sonho mal definido, jamais se atreveu a repetir invocações diretas e nominais, renunciando á imposição da vontade caprichosa em relação ao plano invisível.

A GRANDE SURPRESA

Quem poderia definir a perturbação do desventurado Léo Marcondes, confinado em tenebroso círculo de angustia? Seria difícil relacionar-lhe as lágrimas e padecimentos. Comerciante abastado, no Rio de Janeiro, nos derradeiros anos do século XIX, não pudera furta-se ao portal escuro do suicídio. Temperamento fogoso e personalista, nunca se acomodara ao benefício da fé religiosa e, atirando-se ás teorias do materialismo demolidor, dera-se aos mais estranhos distúrbios ideológicos, como quem se perde na sombra, caminhando a esmo pela noite dentro. Sempre fizera questão de espalhar os principios dissolventes. Em casa, na rua, nos cafés, tornara-se proverbial sua atitude iconoclasta e desrespeitosa. Saturado de conceitos dos filosofos pessimistas, destacava-se-lhe a palavra pelas afirmativas ingratas e improprias, a respeito da Providencia Divina. Longe de apreender nos escritores cétricos verdadeiros doentes intellectuais, interessados em seduzir atenções alheias do eatre de idéias enfermigas, internava-se, sem maior exame, no cipoal das mentiras brilhantes. Ao seu ver, o mundo era vasta casa de miseria e trevas sem limites. A' menor contradita, desmanchava-se ele em considerações amargas e venenosas:

— Valores na Terra? Onde o desgraçado que poderia manter a perigosa ilusão? Não tivessem qualquer dúvida. Se existisse um Criador — e acentuava essas palavras ironicamente — deveria ser expulso da natureza. Que viam na humanidade infeliz senão loucura, desolação e sombra impenetravel? Tudo caminhava para

a morte, para a eterna extinção. Flores apodrecidas disfarsam os tumulos, que escarnecem da esperança mais pura. A carne moça era fantasia ocultando caveiras de amanhã, nos mais belos rostos. Vemos cadáveres em toda parte. Raia o dia para transformar-se em noite; cresce a arvore por sepultar-se na terra, ou para queimar-se em terrível desolação. Que é nosso destino senão a cópia burlesca desses movimentos viciosos e destruidores? Que seria a alegria humana senão a luz fragil que se apaga no vendaval das trevas? E que seria a existência senão jornada angustiada para o continente de cinzas sepulcrais?

Era inutil qualquer esforço por arranca-lo a semelhante estado mental. Léo reduzira-se á condição de cego voluntario, segregado em sombras, apesar da alvorada permanente de luz. Desprevenido de socorro intimo, em vista da situação de miseria moral a que se votara, num momento de excitação profunda cometeu incompreensivel homicidio, eliminando antigo companheiro da infancia. Dominado de cegueira fatal, não resistiu ao remorso incoercivel e suicidou-se pouco tempo depois.

Anos amargosos e escuros abateram-se-lhe sôbre o espirito desventurado. Embalde chamava familiares queiridos, invocando auxilio espiritual. Tinha a impressão de neblinas geladas cercando-lhe o caminho, no meio de trevas indevassaveis, caíndo... caíndo sempre.

No circulo de angustias em que se via algemado, recordava a Terra, experimentando revolta infinita. Atribuia ao planeta a causa de todos os fracassos, a fonte de todas as amarguras.

Na sua desdita, jamais pôde, entretanto, esquecer a espôsa, alma simples e generosa, inteiramente consagrada ao bem-estar dele, nos minimos incidentes da jornada humana. Lembrava-lhe a figura humilde e melga, com verdadeiros transportes de amor e reconhecimento. Essa recordação se convertera na unica estrela a lhe brilhar no abismo de sombras indefiniveis.

Mais de cincoenta anos assim decorreram, de pade-

cimentos incalculaveis, quando o mísero foi convocado a reorganizar caminhos, referentemente ao futuro.

Enfrentando o sabio instrutor que o atendia afeitoso, o infeliz exclamava angustiado:

— Concientemente, devo dizer que nunca fui homem perverso. A Terra, todavia, deprimiu-me e inutilizou minhas forças, com fatalidades tremendas e paisagens tenebrosas!...

— Cala-te, amigo! — observava a entidade generosa — a queixa no serviço divino nem sempre será rogativa honesta. Por vezes, não passa de manifestação de revolta ou indolencia de nossa escassa compreensão do dever sagrado. Aqui estou para atender-te, á face do porvir.

— Abomino a Terra!... — soluçou o desventurado.

— Esclarece teus projetos quanto ás oportunidades futuras. Não nos percamos em lamentos ou palavras ociosas.

Após meditar longos minutos, Léo interrogou hesitante:

— Magnanimo instrutor, poderei reencontrar a inolvidavel companheira de luta?

— Porque não? Deus nunca nos fechou a porta da bondade infinita.

— Oh! — gemeu o infeliz, quase esmagado por um raio de júbilo — concedei-me a possibilidade de procura-la no paraíso que terá merecido pela imensa virtude; dai-me a ventura de esquecer, por momentos, os quadros escuros da Terra, a-fim-de acariciar a idéia do reencontro... Em que estrela maravilhosa permanecerá minha santa?

O veneravel orientador contemplou-o, benigno e explicou intencionalmente:

Tua companheira se encontra numa escola de Esperança.

— Ah! informai-me relativamente ás grandezas dessa paragem sublime! Poderei penetrar-lhe as estradas formosas?

Depois de um gesto afirmativo, que o desventurado

recebeu com transportes de alegria, continuou o bondoso mentor:

— Trata-se de primorosa região de Esperança, onde Nosso Pai tudo preparou, facilitando a edificação das criaturas. Dias deslumbrantes enfeitam-lhe continentes e mares, repletos de vida sublime e vitoriosa. Árvores amigas lá estendem seus ramos pejados de frutos suculentos e saborosos. Água divina corre gratuitamente de mananciais cantantes, e na atmosfera embaladora a claridade e a melodia não encontram obstáculos... Lá se reveste a alma de fluidos adequados ao trabalho, qual operário a receber o traje de serviço, segundo as próprias necessidades, sem preocupação de retribuir a mão generosa e oculta que lhe concede o benefício. No aprendizado de todos os dias, ouvem-se risos infantis, observam-se esperanças da juventude, recebem-se bênçãos de anciãos coroados de alvinitentes lírios. São manifestações sagradas de companheiros que ali permanecem, prosseguindo na grande romagem para Deus, cada qual representando nota de amor e trabalho no cântico universal...

Em razão da pausa mais ou menos longa que o mentor interpusera nas considerações, Marcondes enlevado, solicitou, a demonstrar novo brilho nos olhos:

— Falai, falai ainda desse plano prodigioso!...

— As noites nessa esfera — continuou o benfeitor — são cariciosas estações, destinadas á prece e ao repouso. Astros luminosos povoam o céu, chamando os Espíritos a meditações divinas. Constelações fulgurantes passam no infinito em sublime silêncio. Luzes brandas dão novo colorido ás paisagens. Ainda ha, por lá, pobres e sofredores, pois que se trata duma escola de Esperança; ninguém, contudo, está abandonado por Deus, que manda distribuir as lições segundo as necessidades dos filhos bem amados... Tudo ali é promessa de vida, caminhos de realização, oportunidades sacrossantas!...

— Benfeitor inesquecível — rogou Léo Marcondes, agora sem lágrimas — poderei, ao menos, visitar esse plano divino?

— Não somente visita-lo como procurar a companhia, em seus caminhos, e unir-se novamente a ela, no trabalho de Deus, na elevação e resgate justo — esclareceu o instrutor, mostrando carinhoso sorriso.

O mísero não sabia traduzir o proprio júbilo.

Tomando-lhe a dextra, o amigo espiritual guiou-o carinhosamente através de sombras e abismos. Daí a algum tempo, divisavam larga esfera que, embora sem claridade propria, se movimentava num oceano de luz. A' essa altura, Marcondes prorrompeu em gritos de alegria:

— Salve planeta celeste, santuario de vida, celeiro das bênçãos de Deus!...

— Definiste com sabedoria — acrescentou o mentor sorridente.

Mais alguns minutos e penetraram numa cidade alegre e bulhenta. Observou o pobre Léo que o local não lhe era de todo desconhecido. Os morros, o casario, o mar, identificavam a paisagem. Desapontado, hesitante, premiu a mão do generoso amigo e indagou:

— Será que estamos na Terra? Não é esta cidade o Rio de Janeiro?

— Justamente.

— Nunca observei antes tanta magnificencia e beleza!...

— Eu bem o sabia — disse o mentor bondosamente — mas é que nunca procuraste a escola de Esperança que o Pai oferece ás criaturas neste plano. Escutaste os filosofos pessimistas, mas foste surdo aos cânticos da vida; observaste as letras envenenadas que embriagam o cérebro dos homens de teorias aviltantes, mas foste cego ao traço das charruas no solo. Porque preferias a indolencia das almas rebeldes, o frio te incomodava, a chuva aborrecia, o calor sufocava, o trabalho constituia angustia constante. Em vez de localizar os proprios males, agradava-te identificar os males alheios. Voluntariamente enceguedo ás lições diárias, tropecaste no crime e na amargura; guardavas conceito ironico para o ignorante, repreensões ásperas para o infeliz, olvidando a disciplina de ti mesmo. A' fôrça de viver na

contemplação dos defeitos e cicatrizes do proximo, nada mais viste em tôrno do coração, além de ruínas e trevas. Deus, porém, é infinitamente bom e te concede nova oportunidade de elevação no caminho da vida. Outras experiencias te aguardam nos dias vindouros. Renascerás no mesmo lugar onde levantaste, inadvertidamente, o braço homicida. Transforma as algemas pesadas em laços de amor. Procura a companheira abnegada, que te seguirá os passos amorosamente, na senda redentora. Não olhes para trás. Acende a lampada generosa da fé e não temas o assédio das sombras.

Enquanto o interpelado o observava, reconhecidamente, surpreendido e silencioso, o magnanimo instrutor concluiu batendo-lhe afetosamente no ombro:

— Vai, Marcondes! recomeça a viagem, toma novamente o vagão da experiencia humana, mas não atires o corpo pela janela do comboio em movimento e espera, resignado, a estação do destino.

O ex-comerciante agradeceu num gesto mudo.

E enquanto o mentor solícito voltava ás esferas elevadas, Léo Marcondes era conduzido por outras mãos a uma singela choupana, modestamente erguida num dos bairros mais pobres.

CARIDADE E DESENVOLVIMENTO

No grupo de senhoras inquietas, após a reunião em que se haviam comunicado diversos Espiritos amigos, estalavam ruidosos comentarios.

A palestra não interessava a vida alheia, segundo antiga acusação lançada ás filhas de Eva; contudo, a nota dominante era a leviandade.

Falava-se entusiasticamente a respeito da prática e propaganda dos postulados espiritistas. Um as alegavam perseguições do invisível, outras aludiam ás aventuras dos maridos inconstantes, atribuindo as penas domésticas á influencia dos máus Espiritos. Dentre todas, destacava-se a senhora Laurentina Cardoso pelo fervor sincero que lhe brilhava nos olhos. Divergindo da maioria, seus pareceres demonstravam singular interesse no assunto.

— Sonto-me transportada a região desconhecida — dirigia-se, impressionada, á diretora da feminil assembléia — o mundo invisível nos arrebatava á compreensão nova. Quão enorme é o serviço do bem a realizar!

E cruzando as mãos no peito, gesto que lhe era característico em instantes de profunda impressão, continuava bondosa:

— Que fazer por cooperar no trabalho sublime? Quanto desejava ser util aos infelizes da esfera espiritual!...

— Sim, minha filha — explicava a presidente — é preciso desenvolver-se, aproveitar suas faculdades no esclarecimento de nossos irmãos atrasados. Seja atenta ao dever e alcançará os mais nobres valores.

— Não poderia a senhora consultar os instrutores espirituais nesse sentido? — indagou dona Laurentina ansiosa.

— Perfeitamente.

E, decorridos alguns dias, escrevia-lhe solícito o orientador da reunião:

— Minha irmã, Deus te abençoe o proposito de fraternidade e confiança. Continua devotada ao bem do proximo. A caridade é luminoso caminho de redenção. Não a esqueças na experiencia humana e, afim de entenderes a divina virtude, não desprezes o desenvolvimento proprio. Companheiros abnegados, do plano invisível seguirão teus passos na edificação de ti mesma. Ora, vigia, trabalha, espera e sobretudo confia em Deus.

A senhora Cardoso estava radiante. Figurou-se-lhe a pequenina mensagem verdadeiro bilhete de luz, habilitando-a a conviver com os genios celestiais. Leu, releu, dobrou a folha minúscula, guardando-a na bolsa de passeio; enxugou as lagrimas que a emotividade lhe trouxera aos olhos e agradeceu a dádiva jubilosamente.

Desde esse dia, transformou-se o lar de Joaquim Oliveira Cardoso. O marido de dona Laurentina, homem de negocios ativos nos circulos industriais e financeiros, notou a mudança, assaz surpreendido. A espôsa dedicada e carinhosa multiplicava os pedidos de licença para comparecer ás reuniões variadas e multiplas, destinadas a experimentação mediúnica. Avolumando-se dessarte os pedidos, Joaquim lhe fez ampla concessão a tal respeito. A companheira nunca o desgostara em qualquer circunstancia. Humilde e abnegada, auxiliara-o na construção da fortuna solida. Jamais demonstrara a vaidade ridicula dos novos ricos. Sempre se conduzira á altura da sua expectativa de homem consagrado á cultura intellectual e ás boas maneiras. Desinteressada de exhibições sociais, distante do convencionalismo balofo, dividia a existencia com ele e os quatro filhinhos. Porque impôr-lhe restrições ingratas? Não compreendia aquele Espiritismo que se instalara na mente da esposa, mas não encontrava razão para proibir-lhe manifestações de fé. Além disso, Laurentina se entregava a semelhante

movimento em companhia de relações respeitáveis. Esses raciocinios o tranquillizavam e no entanto, os dias se incumbiram de lhe carrear ao cérebro novas preocupações.

Laurentina parecia obsecada. Não lhe interessava a mudança de cortinas, a limpeza dos quadros, a proteção dos livros prediletos. Aranhas andavam á solta, os espanadores pareciam aposentados. O chefe da casa duplicou o número de criadas, temendo situações mais difíceis.

Decorreram um, dois, três anos. Preocupava-se agora o capitalista, não só com a indiferença da espôsa, no tocante ao ambiente doméstico, como tambem com a conduta maternal. E' que, ao nascer o quinto filho, Laurentina requisitou o concurso da ama de leite. Alegando falta de tempo, o petiz foi entregue aos cuidados de uma pobre senhora que se prontificou ao serviço, mediante remuneração adequada. O marido, todavia, atendeu ao problema, fundamentalmente amargurado. Servidores a mais ou a menos não lhe alteravam o programa econômico, mas a disposição da companheira desgostava-o. Supor-tou, contudo, a situação, sem queixas que a pudessem maguar.

O panorama caseiro prosseguia sem modificações, quando o sexto filhinho alegrou o casal. Decorridos dois meses em que a ama regressara ao serviço ativo, Joaquim valeu-se de momento intimo, na hora da refeição e falou á espôsa, delicadamente:

— Tens observado a saúde do pequenino? Não te parece disposto a anemia profunda?

D. Laurentina não pôde disfarçar o desapontamento ante a observação inesperada, e explicou:

— Ainda ontem ponderei a conveniencia de leva-lo ao médico.

Cardoso fez o gesto de quem não deve adiar soluções justas e acrescentou:

— Creio, Laurentina, que o caso não se prende a consultório, mas propriamente ao lar.

Ela empalideceu e o marido prosseguiu:

— Sinto ferir-te a sensibilidade, mas has de con-

cordar que o leite materno, sempre que possível, não deve ser negado a criança. Reconheço, todavia, que multiplicate talvez excessivamente as obrigações sociais. Tão ligada aos filhinhos, noutro tempo, não hesitas agora em voltar sempre tarde, confiando-os quase absolutamente ás criadas. Não firo o assunto no proposito de reprender; tuas companheiras são respeitabilissimas; entretanto...

— E' que desconheces o serviço da caridade, Joaquim — atalhou melindrada com a delicada repreensão diante dos filhos — minha ausencia de casa obedece a trabalhos importantes, com que procuro atender aos bons Espiritos.

A pequena Luisa, filhinha do casal, com a gracilidade espontanea dos seis anos, obtemperou com interesse e vivacidade:

— Papai, esses Espiritos devem ser máus, porque não deixam a mamãe voltar cedo. Sinto tanta falta dela!

O chefe da familia sorriu significativamente e retrucou:

— Talvez tenhas razão, minha filha. Esses Espiritos podem ser bons para toda gente, menos para nós.

Dona Laurentina esforçou-se para que as lagrimas não lhe caíssem dos olhos, ali mesmo, e retirou-se desolada ao seu aposento. A pobre senhora se desfez em pranto amargo. Sentia-se vitima de angustiosa incompreensão. Não atendia a serviços de caridade? Não tentava desenvolver faculdades mediúnicas por consagra-las ao alívio dos sofredores? Nessa noite, porém, esquivou-se á sessão costumeira. Precisava orar, meditar, ensimesmar-se. Rogou fervorosamente a Jesus lhe permitisse receber inspirações da verdade. E, com efeito, sonhou que se aproximara de amplo e luminoso recinto, onde pontificava generosa entidade a serviço do bem. Guardava, por isso, a impressão de haver encontrado um anjo de Deus. Ajoelhou-se aflita e confiou-lhe as máguas dalma sensível e afetuosa. Não acusava o marido nem se queixava dos filhinhos, mas pedia socorro para que lhe compreendessem o intuito. Ao fim de con-

fidencias angustiosas, o amigo afagou-lhe a frente e explicou:

— Volta ao trabalho, Laurentina, e não te percas em lagrimas injustas. O companheiro é digno e bom, os filhinhos são flores do coração. Atende ao dever, minha amiga.

A interpelada quedara perplexa. Pedia socorro e recebia conselhos? Sentindo-se incompreendida, voltou a dizer:

— Rogo, por amor de Deus, auxiliardes meu espóso, no concernente ás obrigações doutrinárias.

— Joaquim não as tem esquecido — esclareceu o orientador — De ha muitos anos se vem ele revelando mordomo fiél. Responsavel por numerosas familias de empregados que o estimam, trata os interesses de todos eom justiça e honestidade. Não o deixes sem amparo efetivo, em tarefa tão grave. Porque não atenda diariamente a problemas de ordem religiosa, no que toca a letras e cerimonias, não quer dizer que permaneça desamparado de Deus. Entende-se êle com O Pai, no altar da consciencia reta, quando organiza os serviços de cada dia, proporcionando trabalho e remuneração aos operarios do seu círculo, segundo os meritos e necessidades de cada um.

— Não estou eu, porém, ao serviço da caridade? — pergunto D. Laurentina, extremamente surpreendida.

— Sem dúvida, e por isso Jesus não te desampara a alma sincera. Entretanto, existem problemas que não deveriam passar despercebidos. Já observaste que, antes da caridade, permanece a primeira caridade?

D. Laurentina esboçou o gesto de quem interroga sem palavras.

— A primeira caridade da dona de casa — continuou o mentor delicadamente — é atender ao lar; a da espósa é ajudar o companheiro; a da mãe é amamentar e nortear os filhos. Sem isso, o trabalho do bem não seria completo.

Fundamente admirada e sem ocultar o desapontamento que lhe ia nalma, a senhora Cardoso objetou:

— Mas o proprio orientador de nossas reuniões me

aconselhou o desenvolvimento, sempre desejei atender a benefício dos que sofrem nas trevas e, por isso, tenho tentado o desabrochar de minhas faculdades mediúnicas...

— Quando o amigo espiritual te aconselhou desenvolvimento, procedeu sábiamente. Todos nós precisamos desenvolver sentimentos nobres, compreensões justas, noções santificantes. Quanto a faculdades psíquicas, é indispensável considerar que toda criatura as possui, em maior ou menor grau. Ha, sim, trabalhadores com tarefas definidas, nesse particular; no entanto, não podem fugir á espontaneidade, como não escapaste á missão de mãe. E olvidaste, porventura, que ser mãe é ser médium da vida? Ignoras que o lar constitue sessão permanente, onde a doutrinação e a caridade com os filhos pedem, as vezes, sacrificio secular? Não abandones a cooperação de amor junto ás amigas do mundo, prossegue servindo aos semelhantes, dentro das possibilidades justas, alivia o sofrimento dos que choram no plano invisível, mas não esqueças a reunião permanente da família, onde tens evangelizações e testemunhos, a todos os minutos do dia e da noite. Para poder cooperar nos campos imensos da esfera visível e invisível, é preciso saber cultivar o canteiro da obrigação própria. Volta, minha amiga, e que Deus te abençoe.

Dona Laurentina acordou assombrada. Radiosa alegria estampara-se-lhe no semblante. Num transporte de jubilo contou ao marido a curiosa ocorrência.

Ele abraçou-a contente e exclamou:

— Agora, interessa-me de fato essa nobre doutrina. Nunca julguei que pudessem existir Espíritos tão sábios e tão bons.

A EXPERIENCIA DE CATARINO

No início dos trabalhos psíquicos, presididos por Catarino Boaventura, surgiu certa entidade revelando singular carinho e trazendo cooperação interessante, que imprimia novo estímulo á tela viva de cada reunião. Fez-se conhecer pelo nome de Aquiles, que nenhum dos componentes do círculo conseguiu identificar. No entanto, apesar do anonimato, criou um vasto ambiente de simpatia, não pela cultura notável, mas pelo préstimo ativo que demonstrava. Impressionado o grupo, em vista das intervenções espetaculares, não houve mais desejo para o estudo metódico da doutrina.

Debalde o verdadeiro orientador espiritual exortou os companheiros, no sentido de renovarem sentimentos á luz do Evangelho de Cristo. Ninguém dava ouvidos á solicitação insistente. Em vão movimentou-se o mentor dedicado, provocando a vinda de irmãos esclarecidos, no proposito de modificar a situação. A assembléia não se interessava pelos aspectos elevados, que a nova fé lhe oferecia. Livros edificantes, jornais bem orientados, revistas educativas, eram relegados a plano secundario, á conta de inúteis. A amizade de Aquiles representava a nota essencial do agrupamento. Todos os componentes da sessão costumeira recorriam aos seus bons officios, qual se fôra um semi-deus. A entidade prestativa não disseminava maus conselhos, nem menosprezava os principios nobres da vida; contudo, subtraía aos amigos invigilantes a oportunidade de caminharem por si mesmos. Participava de todos os negocios materiais dos companheiros. Opinava em casos particulares e pro-

blemas íntimos. Chamavam-no guia e diretor infalível.

Via-se, porém, que Catarino Boaventura assumira grande responsabilidade na situação algo confusa, porquanto, na qualidade de orientador incarnado, perdia-se frequentemente em questões e perguntas ociosas.

Os legítimos instrutores, em semelhante regime de levandade doentia aliada a forte preguiça mental, afastaram-se discretamente, pouco a pouco.

E Aquiles, parecendo menino bondoso e desajuizado, especie de criadito diligente e humilde, continuou presente aos trabalhos de qualquer natureza. Fortemente ligado a Catarino por vigorosos laços magneticos, não se sabia qual dos dois era mais leviano, no capítulo sagrado da responsabilidade individual.

Na residencia dos Boaventuras, não se tentava solução de problema algum sem audiencia do colaborador invisível.

O chefe da familia jamais se cansava de interrogações e consultas. Frequentemente repetiam-se entendimentos deste jaez:

— Meu irmão, que nos diz relativamente ao meu projeto de sociedade comercial com o Moraes e Silva?

— Referes-te ao projeto da fábrica de doces? — indagava o Espirito, demonstrando bondade fraternal.

— Isso mesmo.

— Espera. Estudarei detidamente o assunto.

Daí a minutos, regressava Aquiles informando:

— E' inconveniente o negócio. Moraes e Silva não é homem de boas intenções. Não possui capital suficiente e pretende lançar emprestimo fraudulento em casa bancária. Aceitar-lhe a companhia constituirá êrro grave.

Catarino não fazia valer as razões nobres da vida, que mandam alijar intrigas e esclarecer intrigantes, no mecanismo das relações usuais, e, olhos vivazes, agradecia:

— Ainda bem, Aquiles, que tive tua cooperação desinteressada. Obrigado, amigo. Amanhã tomarei providencias indispensaveis, compelindo o malandro a dessembaraçar o caminho.

No dia imediato, desfaziam-se os projetos, sem motivos justos. O quadro das oportunidades de trabalho surgia diáriamente, mas o comunicante, instado pelo companheiro, destacava sempre as dificuldades e impedimentos. Se observava pessoas, comentava-lhes os defeitos; se examinava situações, expunha as zonas vulneraveis.

— Que me ordenas hoje, irmão? — perguntava Aquiles, zeloso.

— Faço questão que te fixes no caso, trazendo informes detalhados e francos.

— Queres conhecer os obstaculos existentes?

— Sim, preciso me mostres o lado obscuro, a-fim-de agir em confiança perfeita.

E, em todas as situações, obedecia o emissario, cêgamente.

O menor problema era considerado com esse criterio de relêvo á sombra, com esquecimento das probabilidades de luz.

Enquanto passava o tempo, cresciam as demonstrações de preguiça mental. Aquiles parecia alimentar-se dos fluidos magneticos de Catarino e este, a seu turno, revelava-se cada vez mais dependente do companheiro espiritual. E tão enredada ficou a familia Boaventura, no temor das pessoas e situações, que o dono da casa foi compelido a colocar-se em modesta condição de representante de várias instituições comerciais, para que não faltasse o pão cotidiano.

Toda noite, porém, reunia-se o grupinho, reincidindo o dirigente da sessão nas perguntas invariaveis.

— Aquiles, concordas comigo relativamente á viagem de amanhã?

— Perfeitamente — respondia incorporado á medium — aquelle bairro é futuroso e rico.. Visitei-o ontem á noite, conforme determinaste e posso dizer que o volume de negocios é dos mais promissores.

Catarino agradecia, solícito, e, feita a viagem inicial, recomendava na sessão imediata.

— Terminando as atividades atuais, tenciono visitar a cidade a que nos referimos a semana passada.

Desejaria, meu irmão, que trouxesses informações exatas, por saber se serei bem ou mal sucedido.

Aquiles prometia esforçar-se e, vindo a noite, opinava:

— Não convem tentar o plano formulado. A cidade é pequena e pobre, o jôgo dos interesses ali predominantes não oferece oportunidades lucrativas. A população vive de produtos agrícolas, mas, dada a incerteza da colheita, varios estabelecimentos comerciais aproximam-se da falencia.

— Agradeço-te, amado guia — falava o diretor da reunião extremamente sensibilizado — encontro em ti meu apoio diário.

El não satisfeito com a incuria propria, Catarino fazia ativa propaganda dos méritos de Aquiles. Nunca mais se referiu aos mentores sabios que costumavam cooperar nas reuniões doutro tempo, trazendo exortações sérias e estímulos preciosos ao estudo das grandes leis da vida. Preferia o mensageiro que lhe obedecia ás ordens caprichosas. Afeiçoados, vizinhos, conhecidos, vinham pressurosos associar-se-lhe á attitude negativa. Aquiles atendia as mais estranhas consultas, tornando-se respeitado qual figura miraculosa.

Mas, com o correr inflexível do tempo, Catarino Boaventura acabou entregando o corpo á terra.

Qual não foi, porém, a surpresa que teve, quando, ao entrar em contacto direto com o plano espiritual, divisou lado a lado o comunicante das sessões terrestres! Uma figura comum, sem qualquer expressão notavel que o tornasse digno de veneração. O antigo diretor da reunião estava perplexo. Na cegueira espiritual em que se envolvera no mundo, presumia no amigo obediente qualidades excepcionais de condutor. Aquiles, todavia, aproximou-se humildemente e perguntou:

— Ainda bem que te encontro, meu velho amigo! Quais são as tuas ordens, agora?

— Ordens? — indagou Catarino aterrado — pois não és nosso guia e orientador?

— Não tanto assim — explicou o interpelado — designaram-me para cooperar em tuas atividades na

Terra e, desde então, trabalhando exclusivamente a teu mando, não tenho outra preocupação senão obedecer-te.

— Não te encontros, acaso, em permanente comunicação com aqueles que te designaram? — perguntou o recém-desincarnado ansioso de auxílios novos.

— Fui ajudar-te, comprometendo-me a não cessar o intercambio com esse amigo generoso que me acolheu e proporcionou trabalho nas tuas reuniões — esclareceu o cooperador humilde — no entanto, davas-me tantas preocupações e tantos encargos sobre pessoas, negocios, vilas e bairros diferentes, que, quando tentei receber novas instruções, não mais achei caminho. Sentindo-me só, tratei de unir-me mais e mais contigo e acreditei dever esperar-te, já que me prendeste tanto em tua propria senda.

Catarino experimentou a surpresa angustiosa de quem encontra o fundo do abismo. Sómente aí, compreendeu que os ignorantes não permanecem exclusivamente na Terra e que o pobre Aquiles não passava de servo confiante da indolencia que lhe assinalara a ultima experiencia terrestre.

Movimentando-se tardiamente, inclinou o companheiro a meditar na gravidade da situação e, á maneira de bandeirantes da sombra, puseram-se a caminho, das trevas para a luz. A jornada penosa realizava-se a custa de lágrimas e desenganos. Quanto tempo durou a procura de uma voz abençoada que lhes ensinasse a saída do labirinto imprevisto? Não poderiam responder.

Chegou, todavia, o momento em que Boaventura sentiu a presença de generoso amigo ao lado de ambos. Bradou o reconhecimento que lhe vibrava no coração, quis ajoelhar-se, oscular os pés do mensageiro que lhes vinha ao encontro. Não pôde, contudo, fixar o emissário, mas a voz que os cercava ergueu-se brandamente e falou com emoção:

— Catarino, Jesus não desampara nunca os que se propõem firmemente á retificação. Reconheces, agora, que a vida em todo plano da natureza pede esforço, trabalho, compreensão. Como pudeste acreditar que

Deus ligasse a esfera visível á invisível, na Terra, tão só por subtrair o homem aos problemas e labores necessários? Cada dia, no mundo, levava-te ao coração abundante celeiro de oportunidades que nunca soubeste aproveitar. Aprendeste que os desincarnados são igualmente trabalhadores e nem sempre são missionários iluminados e redimidos. Quando a Providencia permitiu que se encontrassem os irmãos de uma e outra esfera, não foi para estabelecer inércia e sim desenvolver, mais intensamente, a cooperação, a fraternidade e o espirito de serviço. Uns e outros são portadores de necessidades e problemas proprios, que a diligencia e o amor reciprocos podem resolver. Entretanto, transformaste o pobre Aquiles em muleta dos teus aleijões mentais. Fugiste aos problemas, abandonaste o trabalho, renunciaste ás possibilidades que o Senhor do Universo depositou em teus caminhos!...

Calando-se a voz por momentos, Boaventura implorou afogado em pranto:

— Dai-me um guia por amor de Deus!...

— Um guia? — perguntou o mentor invisível — para que? De que modo caminharás neste plano, se não quiseste aprender a caminhar nas estradas do globo? Não posso atender-te agora ao desejo; todavia, Jesus não te deixará ao desamparo... Vamos, segue-me! Regressarás á Terra para aprender que desincarnados e incarnados têm realizações que precisam efetuar conjuntamente. Não desdenhes o desenvolvimento das faculdades proprias! Vamos, Catarino, e não esqueças nunca que a dificuldade, a luta, o obstaculo e o sofrimento são guias preciosos que ninguem poderá dispensar na marcha para Deus.

E Boaventura de mãos dadas com Aquiles perplexo, seguiu, cambaleando, a grande luz que rompia as sombras, voltando ao mesmo lugar donde viera, afim de recommear a lição da vida.

NARRADOR APENAS

— Terminara a leitura — continuou Armando Botelho, na palestra eventual, em casa dos Velosos — e entrei a meditar profundamente, quando o vulto penetrou no quarto, de leve. Fixei-o surpreso e reconheci minha mãe a mostrar-me o sorriso meigo de outro tempo. Não disse palavra, nem se aproximou muito de mim; todavia, pude identificar-lhe as mãos rugosas, o olhar carinhoso e vivo, os cabelos brancos.

Enquanto o narrador distinto se calava bruscamente por acender outro cigarro, a nobre senhora interrogou:

— Mas, se consegui verificar fenômeno tão belo, como pode duvidar da comunicação dos Espíritos desincarnados?

Revelando maneiras apuradas no trato social, Botelho utilizou o cinzeiro, sorriu discretamente e sentenciou:

— Apesar disso, tenho minhas dúvidas. Quem me diz que a visão não era reflexo de minha propria mente? Durante o dia eu pensara em minha mãe, fitara retratos, relera velhas cartas dela. Nada impossivel que meu subconciente padecesse determinadas excitações. Aliás, estes casos são comuns. Nosso problema psíquico é mais transcendente do que se pode imaginar. A ciencia de hoje relaciona observações indiscutíveis.

— Não compreendo bem — atalhou o respeitavel Libório, hóspede da casa — neste passo, o subconciente nos levará a ilações mais inacreditaveis e mais dificeis de exame.

— Sim — voltava Botelho, evidenciando falsa preocupação — precisamos cuidado na investigação de fenomenologia tão extensa e complicada. Além disso, possuímos recursos ignorados e é possível enganarmo-nos a nós mesmos.

— Concordo — explicava o interlocutor, judiciosamente; todavia, em qualquer esforço é indispensável fugir ao absurdo teórico.

A conversação chegava a termo sem que ninguém estivesse de acordo. Armando não cedia. Contudo, ao transpôr a porta, depois das despedidas, surgiam comentários discretos.

— Se Botelho é favorecido com tamanha proteção espiritual, porque não se modifica para melhor? — dizia a senhora Peçanha recostada no sofá — é incrível que homens assim, se entreguem a tantos escandalos na vida particular.

— Ora, ora — alegava o marido, instalado na cadeira em frente — porque se deixará êle incomodar com Espíritos, quando tem vida folgada e dinheiro para esbanjar nos cassinos de luxo? A mulher ainda agora recebeu nova herança. Nessas condições, qualquer homem, ainda que visitado pela Côrte Celestial, preferirá falar em ciência e faculdades ocultas.

Retrucava, entretanto, a companheira tomada de boa intenção:

— Nem tanto. Ha capitalistas generosos, ricos devotados ao bem dos que sofrem. Conhecemos amigos abastados, convertidos inteiramente a Jesus.

O marido tomou uma expressão brejeira e arrancando riso dos presentes, respondeu sem hesitar:

— Mas estes, Raimunda, são os missionários.

Continuaram a distilar o fêl da maledicência. De alguma sorte, porém, Armando Botelho fazia jús a referencias tão ásperas.

Desde muito tempo, a velha e amorosa mãe o chamava do plano invisível. Intimamente, êle reconhecia o carater real das manifestações, mas, amolecido pelo dinheiro, assumira condenáveis atitudes mentais. Se o coração começava a ceder, os vícios falavam mais alto

dentro dele e punham-no em fuga, através de noitadas alegres, onde o jôgo, o vinho e as mulheres desenhavam-lhe quadros deliciosos. Ótimo narrador, prendia os ouvintes com a fraseologia espirituosa, relatando fenomenos que o rodeavam; todavia, se algum amigo buscava inclina-lo a ilações religiosas, Botelho se revoltava. Citava cientistas e filósofos, observações e experiencias. A' religião que consagra e define responsabilidades, preferia sempre a vaidade, que liberta os instintos inferiores.

Comparecendo, certa vez, á humilde reunião espiritista, foi surpreendido com pequena mensagem maternal. Aquela que lhe fôra carinhosa progenitora no mundo, pedia-lhe caminhasse na senda do bem, procurando a inspiração de Jesus e valendo-se da fé na estrada humana; e contudo, enquanto os amigos se rejubilavam, Botelho pôs-se em guarda e declarou:

— Não posso aceitar como idoneo este documento. Os espiritistas costumam precipitar conclusões. Quem afiançará que tudo não passa de alucinação telepática? Pensei na querida morta insistentemente. Não se daria o caso de transmissão de cérebro a cérebro? Além disso, a página é excessivamente impessoal. Minha mãe não se identifica, não se refere aos manos, aos netos, a letra não é expressão fiél.

Debalde, os amigos desapontados tentavam explicar; em vão procurou o medium relatar observações proprias.

— Tudo fragmentario, discutível... — rematava o negador renitente.

Foram inuteis detalhadas elucidaciones. Botelho não aceitou. Chegado á casa, notificou á espôsa a occorrença da noite, objetando-lhe esta docemente:

— Será útil prosseguir observando. Creio que sua mamãe compartilha dos meus cuidados. A mensagem requer atenção ao bem. Não será um apelo justo? Não representará amoroso convite a que deixe você os falsos amigos e o hábito absorvente do jôgo? Temos filhinhos requisitando dedicação e vigilancia. Essa página tem, pois, extraordinario valor a meus olhos. Ignoras talvez

que venho recebendo cartas anônimas denunciando seu proceder, no que se refere a mulheres viciadas. Não costumo tomar conhecimento de qualquer insulto ao lar; no entanto, acredito que deverá precaver-se quanto a companhias menos dignas, ressaltando o próprio nome.

Revelavam essas palavras tamanha generosidade e delicadeza que o espôso se calou, desapontado e vencido.

O acontecimento, porém, não lhe modificou as atitudes.

Depois de algum tempo, hospitalizou-se para tratamento de inesperada pneumonia. Ameaçado de morte, Botelho declarou a fé na intervenção do plano espiritual, implorou assistência materna, prometeu vida nova à companheira, mas quando se restabeleceu, não sabia falar senão de saudades dos companheiros levanos e regressou ao cassino, mais escravizado que nunca.

Continuaram os fenomenos e apelos indiretos, e todavia, êle prosseguiu a examinar teorias científicas mais novas, afim de reforçar argumentação negativa nas discussões habituais.

Transcorridos dez anos após a estada na casa de saúde, voltou a experimentar violentas dores no pulmão. Nova profissão de fé, ante ameaças de morte, novas promessas à companheira paciente e humilde. Restabelecido, porém, não mais se contentou com as extravagâncias noturnas e incluiu as horas do dia nas dissipações costumeiras.

Apesar de tudo isso, aprimorava cada vez mais as qualidades de narrador fascinante e distinto.

Mais de vinte anos haviam passado sôbre a palestra em casa dos Velosos, quando Botelho os encontrou em festividade social.

— Sempre o mesmo! — exclamou o amigo, apertando-lhe as mãos.

— Ainda bem que o vemos de boa saúde! — disse a senhora, gentilmente.

Botelho não disfarçou o contentamento de abraçá-los e, qual acontecia noutro tempo, a conversação caiu no terreno amplo do espiritismo. O perdulario

relatou as ultimas experiencias, referindo-se mais vigorosamente á subconsciencia e ao animismo. Contemplaram-no os Velosos, extremamente desalentados, reconhecendo tratar-se de caso perdido e sorriam ambos, murmurando evasivas.

— Ainda ante-ontem — prosseguia Botelho loquaz — sonhei que me encontrava em largo campo de luz. Avistei, na paisagem maravilhosa, uma arvore de cujos ramos pendia um unico fruto amadurecido. Notei que minha mãe se aproximou tentando colhê-lo, mas, quando o esforço ia em meio, apareceu terrivel monstro e o fruto, grande e belo, como se houvera criado impulso proprio, lançou-se ás garras do animal, em vez de se deixar colher por minha mãe.

Sorriram os amigos, entreolhando-se em silencio.

— E imaginem que minha mulher — continuou êle — teve a coragem de interpretar o sonho, colocando-me no papel do fruto que, apesar de maduro, preferiu a companhia do monstro ao aconchego maternal. Já vi-ram contrassenso tal?

Veloso, entretanto, fugindo á discussões estéreis com quem devia saber muito mais que êle mesmo, pelas experiencias proprias, acrescentou com ironia intencional:

— As esposas são assim, energicas e severas, pelo muito amor que nos consagram. Não se incomode, porém. No seu caso, creio que deve recorrer a Freud, com bastante atenção.

— Isso mesmo, tal qual — concordou o interlocutor entusiasmado — até que enfim vocês também chegaram onde eu queria.

Daí a semanas, contudo, o extravagante Botelho era recolhido ás pressas ao hospital, abatido e agonizante. Desta vez, era o edema pulmonar, irremediavel. Nada valeram cuidados médicos e lagrimas da familia.

Enquanto o corpo esfriava lentamente, gritava o excelente narrador, sequestrado agora aos olhos e ouvidos da esposa e dos filhinhos carinhosos:

— Minha mãe, oh minha mãe!... Valei-me por amor

de Deus! Ajudai-me neste angustioso transe. Creio agora na vida triunfante e imortal!...

A progenitora, todavia, não apareceu.

E' ante o olhar esgaseado do infeliz, surgiu devotado enfermeiro da espiritualidade que respondeu solícito:

— Acalma-te para exames necessarios. Não chames tua mãe. Depois de imensos sacrificios, esperando mais de trinta anos pela resposta de tua alma iludida e ociosa, ela mereceu a benção de Deus em tarefa superior e diferente. Como vês, Botelho, agora é muito tarde...

QUANDO FELISBERTO VOLTOU

Desde muito tempo, Felisberto Maldonado fizera-se espiritista de convicção profunda, quanto a raciocínios; não pudera, porém, compreender a extensão dos deveres que a doutrina lhe trazia, quanto a sentimentos.

A reunião íntima no grupo doméstico, onde o intercambio entre as esferas visível e invisível se podia efetuar harmonicamente, não lhe dava razões a críticas acerbas, nem questões complicadas a fé. A espôsa devotada era médium falante e, criatura maravilhosamente equilibrada, sabia dividir as obrigações mediúnicas e familiares, demonstrando raro senso nas atribuições que Deus lhe conferira. Dona Silvana conhecia o lugar de cada pessoa e de cada cousa, na vida, e collocava os deveres de mãe acima de todas as situações terrestres. A vista disso, sua cooperação tornava-se preciosa, fosse onde fosse. No lar, distribuía afeto e carinho sem preferencias egoisticas; nas reuniões doutrinarias, dava a cada companheiro de ideal o que se tornava justo. Por isso mesmo, os benfeitores da espiritualidade encontravam-lhe no coração o campo reto, sem inclinações e sem abismos, onde se movimentavam confiantes na gloriosa tarefa da fraternidade e da luz.

Contudo, não acontecia o mesmo ao espôso. Felisberto esbanjava o tempo disponível a criticar asperamente. Porque vivia ao lado de pequena máquina espiritista, cujas peças se contavam por cinco a seis pessoas e jamais encontrara dificuldade na sua movimentação, tornara-se inapto a compreender as grandes tarefas. Descuidoso e rebelde, vivia a deslustrar reputações e a

desanimar os fracos, impiedosamente. Tal disposição convertera-se-lhe em mania tão perigosa, que, mal regressava ao lar, após o serviço, lia o noticiário zelosamente, a-fim-de inteirar-se das notas escabrosas. Encontrado o pomo de maledicencia, corria ao companheiro mais proximo e comentava:

— Leu a notícia, Amarante?

— Que notícia, homem de Deus?

— Ontem o João Faria compareceu a polícia, para esclarecer o caso dos vinte contos.

Antes que o amigo se pronunciasse, Felisberto continuava de punhos cerrados e olhos vermelhos:

— Será isto ação de espirita? Sinto-me revoltado com o descaramento. Que cinismo! Quem o visse prégear o Evangelho dar-lhe-ia o nome de apóstolo. Passando eventualmente pelo grupo, em que esse tratante colabora, sempre fiz questão de me interromper, para vê-lo, carinhoso e solícito, diante dos necessitados e sofredores. Muita vez, tomei-o á conta de padrão comparativo. Não é de revoltar os mais tolerantes?! Aquelles gestos de amparo fraternal constituíam capa imunda. Agora, temo-lo aqui retratado na galeria de gatunos. Não é isto infamia e desmoralização sôbre todos nós?

— Sim — replicava Amarante prudentemente — o caso do Faria, sem dúvida, é chocante; merece porê, consideração especial. Quem sabe não será apenas vítima o pobre companheiro? Não são frequentes os terríveis enganos? A quantia desapareceu dentro da repartição. Ninguém surpreendeu o autor do delicto. Alguns colegas o acusaram e o diretor julgou procedente a denúncia. João declarou-se isento de culpa, mas, nada obstante, foi demittido e convocado ao distrito policial. Este o quadro passível de exame aos nossos olhos falíveis. Analisando-lhe, porê, a vida irrepreensível, quem não se compadecerá do acusado? Quem sabe não esteja êle suportando voluntariamente a culpa de outrem? A's vezes, onde nossos olhos suspeitam criminosos, Deus observa missionarios de renúncia.

Maldonado perdia o entusiasmo ardente de acusador, mas objetava renitente:

Sem embargo da sua tolerancia, mantenho cá o meu juizo.

E, incapaz de sentir a grandeza da espiritualidade oculta, rematava:

— Se Faria está sofrendo injustiças voluntariamente, então é porque prefere a mentira á verdade. Será condenavel de qualquer modo. Antes de tudo é preciso viver ás claras.

Não obstante conselhos do plano espiritual e advertencias de amigos generosos, não se cansava do odioso fermento de crítica e intolerancia. Acusava sem reflexões, desabridamente.

Se encontrava associação doutrinária, sólidamente fundamentada, resistindo aos caprichos de companheiros invigilantes, adiantava-se desapiedado:

— Por que conservam tantos patrimonios em detrimento do bem? Não será falta grave reter tão grandes economias esquecendo comezinhos deveres de fraternidade? E' isso. Ouvem-se palavras harmoniosas, mas o coração permanece distante. São todos férteis no aconselhar, negativos no fazer.

Felisberto não se detinha a examinar expressões coletivas, ignorava a luta de velhos companheiros oberrados de responsabilidades e preocupações; não sabia que fôrças necessitavam encontrar por não traír deveres imensos, e longe de lhes estender mãos fraternas na colaboração justa, acusava-os de agiotas, velhacos, negociastas.

Se algum amigo menos firme na fé lhe procurava os pareceres de homem experimentado, relativamente a um que outro companheiro estranho ao seu círculo pessoal, respondia sem hesitação:

— Aquele é sepulcro caiado. Não se iluda. De espiritista só tem a rotulagem, conheço-lhe a vida minuciosamente.

Por vezes, baseava tão áspero critério em mentirosas informações da leviandade popular.

Nas reuniões, ouvia conceitos evangelicos respeitosa-mente, mas o ensinamento sublime não lhe pene-

trava o coração. Arquivava-o no cérebro, apenas, no propósito de exigir alheios testemunhos.

Tão desviada existencia terminou, como era natural, em reduzidissimo círculo de afeições. Felisberto desconhecera o codigo da amizade, esquecera a cooperação fraterna, dissipara a fôrça emotiva em acusações e críticas mordazes. Não edificara obra util e passara na Terra á maneira de alguém que sómente visse lama nos materiais constructivos, que a Providencia espalhou abundante nos caminhos da vida.

Decorrido algum tempo, reconhecendo o íntimo desejo da viuva generosa, o Instrutor espiritual do pequeno grupo annunciou que traria Maldonado na proxima sessão.

Prometeu e cumpriu. Contrariando, todavia, a ansiosa expectativa de todos, o visitante incorporou-se á médium mais joven, vibrando em soluços convulsivos. Não saudou a quem quer que fôsse, não se referiu á vida nova e apenas clamava de cortar o coração mais endurcido:

— Ai de mim! Quem me restituirá o equilibrio dos olhos?! Não vejo senão animais horrendos, casas de lama envolvidas em sombra!...

E após angustiados gemidos, perguntou:

— Quem sois vós que tendes garras em vez de mãos e mergulhais a cabeça entre espinhos?

Observando os benfeitores espirituais que D. Silvana chorava baixinho, retiraram-no imediatamente e, ante a perplexidade geral, o Mentor do círculo tomou a palavra e explicou paternalmente:

— Não vos admireis ante a dolorosa observação desta noite. Nosso Maldonado vem atravessando a prova justa de quantos se esqueceram de preservar a reflexão e a prudencia, que são igualmente dons sublimes, subordinados ao ministerio da vista espiritual. Ele que jamais quis contemplar o lado util e o aspecto louvavel das pessoas e acontecimentos, colhe hoje os tristes resultados. Cada ser e cada cousa, nos planos de perfetibilidade em que nos encontramos, apresentam as facês de luz e sombra, á maneira dos lagos que ofere-

cem o espelho transparente e o leito escuro, de lodo. Felisberto resistiu aos nossos apelos e desdenhou dos amigos vigilantes e generosos. Gastou o tempo e fixou a experiencia nas zonas sombrias. E' natural que não surja á tona da vida eterna empunhando faróis. Passando longos anos, no fundo do lago, sempre calculando, definindo, medindo e pesando a lama, não poderia esquivar-se á fuma sem a lama. E' por isso que ainda não recobrou a visão perfeita. Munido dos velhos oculos de lodo, vê espinhos onde ha dedos, garras em vez de mãos, e sombras onde ha benções de luz e sol.

A viuva bondosa enxugava o pranto copioso, até que o respeitavel amigo sentenciou afetuosamente:

— Não chores, minha irmã. Lembre-se que a perturbação agrava os males e que a serenidade os resolve.

E imprimindo singular acento ás palavras, afirmou ao desperdir-se:

— Sobretudo, que ninguem esqueça a lição preciosa de hoje. Quando Jesus revelou aos discipulos que a candeia do corpo são os olhos, destacava a importancia do nosso desenvolvimento espiritual, pelo modo de ver. Quem se detenha exclusivamente no mal, apaga a lampada e foge á colaboração com a vida; mas, quem vive pelo bem, embora se aproxime do mal, consegue transforma-lo em cousa util, porque encontrará possibilidades divinas em toda parte, cooperando com o Cristo para a luz eterna.

Em seguida á ultima observação, fez-se a préce de encerramento.

Os companheiros tinham os olhos molhados e, ao contrário do que se verificava em ocasiões identicas, ninguem se aventurou a comentarios. Cada qual tomou o seu caminho em profundo silencio.

O VALOR DO TRABALHO

Ninguém contestava os nobres sentimentos de Cecília Montalvão; entretanto, era de todos sabida sua aversão ao trabalho. No fundo, excelente criatura cheia de conceitos filosoficos, por indicar ao proximo os melhores caminhos. Palestra facil e encantadora, gestos espontaneos e afetuosos, seduzia quem lhe escutasse o verbo carinhoso. Se a familia adotasse outros principios que não fossem os do Espiritismo cristão, Cecília propondria talvez a vida conventual. Assim que, não ocultava sua admiração pelas moças que, até hoje, de quando em quando, se recolhem voluntariamente á sombra do claustro. Mais por ociosidade que por espirito de adoração a Deus, entrevia nos véus freiraticos o refúgio ideal. No entanto, porque o Espiritismo não lhe possibilitava ensejo de ausentar-se do ambiente doméstico, a pretexto de fé religiosa, cobrava-se em longas conversações sôbre os mundos felizes. Dedicava-se, fervorosa, a toda expressão literaria referente ás esferas de paz reservadas aos que muito sofreram nos serviços humanos. As mensagens do Além que descrevessem tais lugares de repouso, eram conservadas com especial dedicação. As descrições dos planetas superiores causavam-lhe arroubo indefiníveis. Cecília não cuidava de outra cousa que não fosse a antevisão das glorias celestiais. Embalada a velha mãezinha a convocava á lavanderia ou á copa. Nem mesmo nas ocasiões em que o progenitor se recolhia ao leito, tomado de tenaz enxaqueca, a joven abandonava semelhantes atitudes de alheamento ás tarefas necessarias. Não raro discutia

sôbre as festividades magnificentes a que teria direito, após a morte do corpo. Ao seu pensar, o círculo evolutivo que a esperava devia ser imenso jardim de Espiritos redimidos, povoado de perfumes e zéfiros harmoniosos.

No grupo intimo de préces da familia, costumava cooperar certa entidade generosa e evoluida, que se dava a conhecer pelo nome de Eliezer. Cecília interpretava-lhe as advertencias de modo puramente individual. Se o amigo exortava ao trabalho, não admitia que a indicação se referisse a serviços na Terra.

— Este planeta — dizia enfaticamente — é lugar indigno, escura paragem de almas criminosas e enfermas. Seria irrespiravel o ar terrestre se não fôra o antegôzo dos mundos felizes. Oh! como deve ser sublime a vida em Jupiter, a beleza dos dias em Saturno, seguidos de noites iluminadas de anéis resplandecentes! O pantano terrestre envenena as almas bem formadas e não poderemos fugir á repugnancia e ao tédio doloroso!...

— Mas, minha filha — objetava a progenitora complacente — não devemos adotar opiniões tão extremistas. Não é o planeta inutil e máu assim. Não será justo interpretar nossa existencia terrena como fase de preparação educativa? Sempre notei que qualquer trabalho, desde que honesto, é titulo de glória para a criatura...

— Todavia, antes que a velha completasse os conceitos, voltava a filha intempestivamente, olvidando carinhosas observações de Eliezer:

— Nada disso! A senhora, mamãe, cristalizada como se encontra, entre pratos e caçarolas, não me poderá compreender. Suas observações resultam da rotina cruél, que se esforça por não quebrar. Este mundo é carcere sombrio, onde tudo é miseria angustiosa e creio mesmo que o maior esforço, por extinguir sofrimentos, seria igual ao de alguém que desejasse apagar um vulcão com algumas gotas d'agua. Tudo inutil. Estou convencida de que a Terra foi criada para triste destinação. Só a morte fisica pôde restituir-nos a liber-

dade. Transportar-nos-emos a esferas ditosas, conheçeremos paraísos iluminados e sem fim.

A senhora Montalvão contemplava a filha, lamentando-lhe a atitude mental, e espanando os móveis, por não perder tempo, respondia tranqüila, encerrando a conversa:

— Prefiro crer, minha filha, que tanto a vela de sebo, como a estrela luminosa, representam dádivas de Deus ás criaturas. E, se não sabemos valorizar ainda a vela pequenina que está neste mundo, como nos atreveremos a invadir a grandeza dos astros?

E antes que a moça voltasse a considerações novas, a bondosa progenitora corria á cozinha, a cuidar do jantar.

Qualquer tentativa tendente a esclarecer a jovem, redundava infrutífera. Solicitações energicas dos pais, pareceres criteriosos dos amigos, advertencias do plano espiritual, eram relegados a completo esquecimento.

Fervorosa admiradora da vida e obras de Tereza de Jesus, a notavel religiosa da Espanha do seculo XVI, Cecília endereçava-lhe ardentes rogativas, idealizando a missionaria do Carmelo num jardim de delicias, diariamente visitada por Jesus e seus anjos. Não queria saber se a grande mística trabalhara, ignorava-lhe as privações e sofrimentos, para só recorda-la em genuflexão ao pé dos altares.

Acentuando-se-lhe a preguiça mental, vivia segregada, longe de tudo e de todos.

Essa atitude influiu vigorosamente no seu físico, e muito antes dos trinta anos Cecília regressava ao plano espiritual, absolutamente envolvida na atmosfera de ilusões. Por isso mesmo, dolorosas lhe foram as surpresas da vida real.

Despertou além-tumulo, sem lobrigar vivalma. Depois de longos dias solitários e tristes, a caminhar sem destino, encontrou uma Colonia espiritual, onde, no entanto, não havia criaturas em ociosidade. Todos trabalhavam afanosamente. Pediu, receosa, admissão á presença do respectivo diretor. Recebeu-a generoso ancião em espaçoso recinto. Observando-lhe, porém, as

languidas atitudes, o velhinho amavel sentenciou:

— Minha filha, não posso hoje dispôr de muito tempo ao seu lado, pelo que espero manifeste seus propósitos sem delongas.

Estupefata ante o que ouvia, ela expôs suas máguas e desilusões, com lagrimas amargurosas. Supunha que após a morte do corpo não houvesse trabalho. Estava confundida em angustioso abatimento. Sorriu o ancião benevolo e acrescentou:

— Essas fantasias são neblinas no céu dos pensamentos. Esqueça-as, bondosa menina. Não se gaste em referencias pessoais.

E entremostrando preocupação de serviço, concluiu:

— Por não termos descanso para hoje, gostaria dissesse em que lhe posso ser util.

Desapontada, lembrou a joven a bondade de Eliezer e explicou o desejo de encontra-lo.

O velhinho pensou alguns momentos e esclareceu:

— Não disponho de auxiliares que possam ajuda-la, mas posso orienta-la quanto á direção que precisa tomar.

Colocada a caminho, Cecília Montalvão viu-se perseguida de elementos inferiores; figuras repugnantes apresentavam-se-lhe na estrada, perguntando pelas regiões de repouso. Depois de emoções amargas, chegou á antiga residencia, onde os familiares não lhe perceberam a nova fórmula. Ia retirar-se em pranto, quando viu alguem sair da cozinha num halo de luz. Era o generoso Eliezer que a ela se dirigia com sorriso afetuoso. Cecília caíu-lhe nos braços fraternais e queixou-se, lacrimosa:

— Ah! meu venerando amigo, estou abandonada de todos. Compadecei-vos de mim!... Guiai-me, por caridade, aos caminhos da paz!...

— Acalme-se — murmurou o benfeitor plácido e gentil — hoje estou bastante ocupado; entretanto aconselho-te a orar fervorosamente, renovando resoluções.

— Ocupado? — bradou a joven, desesperada — não sois instrutor na revelação espiritual?

— Sim, sim, de dias a dias coopero no serviço das

verdades divinas, mas tenho outras responsabilidades a atender.

— E que tereis no dia de hoje, em carater tão imperativo, abandonando-me também á maneira dos outros? — interrogou a recém-desincarnada revelando funda revolta.

— Devo auxiliar tua mãezinha nos encargos domesticos — ajuntou Eliezer brandamente — logo mais tenho serviço junto a irmãos nossos. Não te recordas do tintureiro da esquina proxima? Preciso contribuir no tratamento da filha, que se feriu no trabalho, ontem á noite, por excesso de fadiga no ganha-pão. Lembras-te do nosso Natercio, o pedreiro? O pobrezinho caiu hoje de grande altura, machucou-se bastante e aguarda-me no hospital.

A interlocutora estava envergonhada. Sómente agora reconhecia-se vítima de si mesma.

— Não poderíeis localizar-me aqui, auxiliando a mãe? — perguntou suplicante.

— E' impossivel, por enquanto — esclareceu o amigo solícito — só podemos cooperar com êxito no trabalho para cuja execução nos preparamos devidamente. A preocupação de fugir aos espanadores e caçarolas tornou-te inapta ao concurso eficiente. Estiveste mais de vinte e cinco anos terrestres, nesta casa, e teimaste em não compreender a laboriosa tarefa da progenitora. Não é possivel que te habilites a ombrear com ela no trabalho, de um instante para outro.

A joven compreendeu o alcance da observação e chorou amargamente. Abraçou-a Eliezer, com ternura fraternal e falou:

— Procura o conforto da préce. Não eras tão amiga de Tereza? Esqueceste-la? Essa grande servidora de Jesus tem a seu cargo numerosas tarefas. Se puder, não te deixará sem a luz do serviço.

Cecília ouviu o conselho e orou como nunca havia feito. Lagrimas quentes lavavam-lhe o rosto enristecido. Incoercivel força de atração requisitou-a a imenso nucleo de atividade espiritual, região essa, porê, que conseguiu atingir sómente após dificuldades e obsta-

culos, oriundos da influenciação de sêres inferiores, identificados com as sombras que lhe envolviam o coração.

Em lugar de maravilhosos encantos naturais, a ex-religiosa de Espanha recebeu-a generosamente. Ante as angustiosas comoções que paralisavam a voz da recém-chegada, a servidora de Cristo esclareceu amovavel:

— Nossas oficinas de trabalho estão hoje grandemente sobrecarregadas de compromissos; mas as tuas preces tocaram-me o coração. Conforme vês, Cecília, depois de abandonares a oportunidade de realização divina, que o mundo te oferecia, só encontraste sem deveres as criaturas infernais. Onde haja noção justa do bem e da verdade, ha imensas tarefas a realizar.

Vendo que a joven soluçava, continuou:

— Estás cansada e abatida, enquanto os que trabalham no bem se envolvem no manto generoso da paz, mesmo nas esferas mais rudes do globo terrestre. Pedes medicamento para teus males e recurso contra tentações; no entanto, para ambos os casos sómente poderia aconselhar o remedio do trabalho. Não aquele que apenas saiba receitar obrigações para outrem, ou que objetiva remunerações e vantagens isoladas; sim o trabalho sentido e vivido dentro de ti mesma. Este é o guia na descoberta de nossas possibilidades divinas, no processo evolutivo do aperfeiçoamento universal. Nele, Cecília, a alma edifica a propria casa, cria valores para a ascensão sublime. Andaste enganada no mundo quando julgavas que o serviço fôsse obrigação exclusiva dos homens. Ele é apanagio de todas as criaturas, terrestres e celestes. A verdadeira fé não te poderia ensinar tal fantasia. Sempre te ouvi as orações; no entanto, nunca abriste o espirito ás minhas respostas fraternais. Ninguem vive aqui em beatitude descuidosa, quando tantas almas heróicas sofrem e lutam nobremente na Terra.

Enquanto a voz da generosa serva do Evangelho fazia uma pausa, Cecília ajuntou de mãos postas:

— Benfeitora amada, concedei-me lugar entre aqueles que cooperam convosco!...

Tereza sinceramente comovida, esclareceu com bondade:

— Os quadros de meus serviços estão completos, mas tenho uma oportunidade a oferecer-te. Requisitam minha atenção num velho asilo de loucos, na Espanha. Desejarás ajudar-me ali?

Cecília não cabia em si de gratidão e júbilo.

E naquele mesmo dia, voltava á Terra com obrigações espirituais, convicta de que, auxiliando os desequilibrados, havia de encontrar o proprio equilibrio.

A MOLESTIA SALVADORA

Voltara Antonio Tinoco da reunião habitual; entretanto, a palavra amorosa e sábia dos amigos espirituais não lhe aliviara o coração atormentado, como sucedia de outras vezes. Generosas entidades lhe falaram ao intimo, da beleza da consciencia pura, exalçando a felicidade no dever cumprido, e contudo, parecia agora inhabilitado á compreensão.

Aquele vulto de mulher ocupava-lhe a mente, como se fôsse uma obsecção doentia. Não lhe dera Deus o lar honesto, o afeto caricioso da companheira e dos filhinhos? Que lhe faltava ao coração? Agora, sentia-se quase sem fôrças. Conhecera-a numa festa elegante, intima. Recordava nitidamente o instante em que se cumprimentaram pela primeira vez. Não tencionava dansar, mas, alguém insistira, apresentando-lhe Gildete. Entendeu-lhe de pronto o temperamento original. Conversaram envolvidos em simpatia franca, embalados em sons musicais, dentro da noite linda, sob arvores tranquilas e baloiçadas de vento descuidoso.

A historia de Gildete comovera-o e os dias enlaçaram-nos cada vez mais, em repetidos encontros.

Não valeram explicações, advertencias e conselhos de sua parte. Abandonara-se-lhe a joven teimosamente, enredando-o em maravilhosa teia de seduções. Contara-lhe complicado romance de sua vida, que Antonino aceitou com a boa fé que lhe caracterizava o espirito fraternal. Gildete, no entanto, vinha de mais longe. Espirito envenenado de aventuras inconfessaveis, presumia em Tinoco outra presa facil.

A princípio, encontravam-se duas vezes por semana, como bons amigos plenamente identificados entre si; mas a gentileza excessiva embebedara-o, devagarinho, e não se sentiu surpreendido quando entraram a falar de atração, desejos, amor. A partir dessa noite, tornara-se mais assíduo e interessado.

De quando em quando, advertia-o a consciência nos recessos do ser. Seria crível que, integrado no conhecimento de sublimes revelações espirituais, se entregasse inerte a condenáveis aventuras, quando assumira sagrados compromissos de família? Por vezes, acentuava-se-lhe o impulso de resistência, beijava ardentemente os filhinhos, alegrava a esposa renovando delicadezas cariciosas; subitamente, porém, lembrava a outra e, qual animalzinho magnetizado, inventava pretextos para ausentar-se.

Gildete obsecara-o. Cada noite, lia-lhe novas páginas de ternura, que afirmava escritas somente para ele, na soledade do coração. Dirigia-lhe olhares súplices, lacrimosos, tímidos, de criança ingenua e que Tinoco interpretava como carícias de primeiro e único amor. Em vão tentava referir-se á dedicação platônica que lhe competia, os sagrados compromissos que o prendiam. A serêia destacava sempre novas possibilidades e descobria diferentes caminhos para satisfação dos criminosos desejos. Antonino escutava-lhe os apelos, sob emoções fortes, devorando cigarros avidamente. Em determinadas ocasiões, cedera quase. Mas no instante preciso, quando a perigosa criatura se julgava triunfante na batalha oculta, algo lhe ocorria ao espírito bem intencionado, impedindo a total rendição. Eram lembranças vagas dos filhos queridos, recordações de gestos amorosos da companheira; outras vezes, parecia-lhe escutar de novo as preleções evangélicas das reuniões espiritistas que costumava frequentar periodicamente. Gildete exasperava-se, sentindo-se espicçada pela vaidade ferida.

Mais de um ano decorrera, no qual Antonino perdera energias e tranquilidade. Emagrecera. Nunca mais se lhe observara o olhar sereno de outros tempos. Ele

próprio não sabia explicar a causa de sua resistência moral, ante a situação complicada e indefinida.

E' que o abnegado Omar, velho companheiro de existências transcorridas, seguia-o espiritualmente de ha muitos seculos e permanecia vigilante. A' tirania da mulher inconciente, sobrepunha-se uma influencia superior. Se Gildete emitia conceitos tendentes a desintegrar o carater de Antonino, oferecia-lhe Omar pensamentos nobres. A imaginação do rapaz convertera-se em campo razo de luta.

Naquela noite, todavia, Tinoco revelava-se mais fraco. Era-lhe quase impossivel resistir por mais tempo. Em balde aproximou-se o benfeitor trazendo-lhe socôrro. Cérebro escaldando, Antonio refletia: não via tantos amigos, aparentemente respeitaveis, sustentando episodios afetivos longe do lar? Possuindo recursos financeiros para atender ás suas obrigações, como deixar Gildete em abandono? Afinal, não seria generosidade amparar uma criatura sem arrimo e sem familia? O nosso Antonino aproximava-se da capitulação integral.

Preocupado, nervoso, esperou o dia immediato e, á noite, procurou ansiosamente a perigosa diva.

Depois de trivialidades usuais, penetraram o terreno das considerações afetivas. Gildete parecia-lhe mais sedutora que nunca.

— O dever é cruz bem pesada — suspirou êle com amargura.

— Mas não se trata de fugir ao dever — tentou ela esclarecer sutilmente — longe de mim a idéia de comprometer teu nome, arruinar tua paz doméstica. Não achas, porém, que tambem eu tenho direito á vida? Sou o faminto atormentado, junto ao celeiro rico de afetos. Teus escrupulos são naturais e respeitaveis e sou a primeira a louvar a nobreza do teu proceder; entretanto, não podes desconhecer minha condição de mendigo batendo-te á porta. Ha quanto tempo supplico migalhas de amor que te sobram no lar? Encontrando-te, supús-me ao lado do príncipe real das aspirações que sempre me acompanharam a vida e os pensamentos. Nossa primeira noite de baile pareceu-me

a entrada em paraísos maravilhosos. Guardei a impressão de que tua voz chegava de longe, do país delicioso do sonho... Depois, Antonino, informei-me da tua vida. Estavas preso a outra, eras pai de filhinhos que não são meus. A realidade encheu-me de sombras e, não obstante a sorte adversa, nunca desanimei. Amo-te com ardor sempre novo, esperando-te ansiosa.

É porque o rapaz lhe guardava as mãos entre as dele, a revelar mais carinho, Gildete tinha os olhos húmidos, brilhando á luz cariciosa e discreta, e continuava:

— Não exijo que sacrifiques teus deveres, não de-sejo te transformes em marido execrado, mas suplico a migalha de afeto, algo que alivie os pesares imensos desta minha solidão angustiada...

A' essa altura, desfez-se em pranto convulsivo, que Tinoco procurava estancar generosamente. Abraçando-a, comovido, renovou protestos amorosos e tudo prometeu, decidido a todas as consequências:

— Não chores assim; deves saber que vives comigo em toda parte, no coração e no pensamento. Ouve, Gildete! Iremos amanhã para Petropolis, organizaremos nossa vida. Não posso desprezar a família, mas passarei a manter o lar e o ninho, a mãe de meus filhos e a companheira ideal.

A pérfida criatura exhibia gestos de felicidade imensa.

Depois de venturosos votos muitas vezes renovados, separaram-se com a promessa de união definitiva, para o dia seguinte.

Nessa noite, todavia, enquanto Tinoco tentava a custo conciliar o sono, absorvido em projetos de voluptuosa exaltação, Omar aflito trazia um nobre amigo da espiritualidade, mais experiente que êle proprio, a-fim-de opinar na difficil conjuntura.

Anacleto, o venerando guia, examinou Antonino atentamente, meneou a cabeça e esclareceu:

— Toda a zona mental está invadida de larvas venenosas. As zonas de receptividade permanecem fechadas á influenciação superior. Teu protegido está

absolutamente hipnotizado pela mulher que lhe armou o laço de mêl.

Abismando-se Omar em amargurosa tristeza, Anacleto explicou:

— Só ha um meio de salva-lo.

— Qual? — perguntou o generoso amigo.

— A enfermidade grave e longa, algo que, abalando-o nos recessos da personalidade, lhe exgote o terrível conteúdo psíquico.

Trocaram idéias durante alguns minutos e voltando Anacleto á esfera superior podia-se ver Omar em agitação intensa.

Alta madrugada, Tinoco despertou de breve sono, exexperimentando agudas dores. Levantou-se, mas as cólicas e vomitos incoercíveis obrigaram-no a deitar-se novamente.

A espôsa abnegada, depois de mobilizar os recursos possiveis, telefonou inquieta ao médico da casa. O facultativo atendeu prontamente. Após minucioso exame, prescreveu banhos quentes e injeções intravenosas de agua salgada. Ao despedir-se, falou á senhora Tinoco em carater confidencial:

— O caso é muito grave. Tenho a perfeita impressão do cólera morbus. A fraqueza, a algidez, os vomitos e contrações, são sintomáticos. Voltarei mais tarde para colher elementos necessarios ao exame bacteriologico.

Mal clareava o dia e Antonino já apresentava lividez cadaverica.

O dia correu entre inquietudes angustiosas. A' noite apareceu Gildete, acompanhada de amigos para visita aparentemente sem significação. Acercando-se do leito, não dissimulou a surpresa profunda ao ver Antonino palidíssimo, ofegante, aguilhoado de cólicas dolorosas.

Não obstante as pesquisas de laboratorio e renovação de tratamento, Tinoco piorava dia a dia.

Acabrunhado e lacrimoso, na fase culminante do sofrimento, supplicou a presença da mãezinha querida, que desincarnara dois anos antes. Evocado violentamente, o

Espirito materno não se fez demorado. Reconhecendo-lhe os padecimentos rudes, a velhinha veneravel abraçava-o, rezando. Nesse instante, aproximou-se Omar e lhe falou entre energico e compassivo:

— Minha irmã, não implore a Deus providencias contrárias á saude de seu filho.

— Oh! generoso amigo — objetou emocionada — acaso não sou mãe afetuosa? Como poderia ver meu filho atormentado, sem rogar a Deus lhe devolva o equilibrio indispensavel á vida?

— Sim, você foi mãe dele por trinta e cinco anos, mas eu estou em serviço ativo pela saude espiritual de Antonino ha mais de quinze seculos. A moléstia não o abandonará, até que se anulem os perigos. Enquanto ha condensação de vapores, a nuvem não desaparece do céu.

De fato, sómente depois de onze meses voltava Tinoco do consultorio, fisionomia radiante, ao lado da espôsa carinhosa. O médico affirmara abraçando-o:

— Você deve orgulhar-se do organismo que possui. A principio, alarmei-me com os sintomas do cólera; todavia, embora lhe descobrisse a fórmula benigna, eram tantas as complicações que cheguei a duvidar da sua resistencia. Na verdade, a natureza o dotou de reservas vigorosas.

Tinoco restabelecido não sabia como agradecer a Deus a benção da harmonia organica e quando, mais tarde, perguntou por Gildete, soube que a perigosa mulher residia em Madureira, ligada a outro homem. Só então compreendeu que, se o amor é capaz de todos os sacrificios, o desejo costuma extinguir-se ao primeiro sinal de falencia organica, ou de mocidade evanescente.

O REMEDIO A' PREGUIÇA

Assim que Januario Pedroso encontrou a brecha desejada, empenhou relações prestigiosas, multiplicou empenhos, mobilizou a parentela e enfileirou-se no serviço público, desfrutando um título respeitavel. Na grande transformação ministerial que lhe oferecera a oportunidade, coube-lhe atribuições de ordem técnica, interessante a vasta região do País, onde lhe competia orientar o trabalho de pecuarios e lavradores. Entretanto, ao ver-se revestido de autoridade e lendo seu nome nas tabelas de pagamento do jornal officioso, voltou á inércia de outros tempos, de que saíra tão só por conjugar o verbo pedir.

Não era máu companheiro, o Pedroso, mas em materia de serviço era de uma negação absoluta. Assinava o livro de ponto regularmente, sentava-se á mesa de trabalho rodeado de documentos e ficharios volumosos; todavia, se o superior hierárquico tardava em aparecer, ele se erguia vagaroso, mãos no bolso, e procurava o primeiro colega em disponibilidade para conversações ociosas. Visitava as diversas secções de serviço, criticava os que trabalhassem, distribuía anedotas insôssas, e quando o chefe se instalava no gabinete, retomava o lugar, de mãos ocupadas e cerebro vazio.

— Januario, poderá informar-me o que ha com o processo de construção do Parque avícola? — indagava o diretor preocupado.

Aqueles papeis que me entregou no mês passado para guardar? — respondia o funcionario pausadamente,

em longa frase, complicando o assunto em vez de explica-lo.

— Sim, sim, mas não lhos dei para arquivar e sim para informar.

Pedroso fungava ruidosamente, movimentava a mão pesada no monte de documentos, espalhava o olhar preguiçoso e, muito depois, no segundo expediente, aproximava-se do chefe e esclarecia:

— Eis aqui o processado; no entanto, precisa sêlos.

O diretor fixava-o entre a piedade e a impaciência, e dizia:

— Pedroso, não ignoro a falta dos sêlos e creio que quando lhe confiei o trabalho referi-me á providência.

— Sim senhor.

Com estas duas palavras, voltava á mesa e a papelada continuava a esperar solução.

No dia imediato, encontrando-se ambos a sós, o diretor tomava a palavra com benevolência:

— Você, Januario, necessita despertar na profissão escolhida. E' moço, inteligente, culto; contudo, falta-lhe iniciativa e diligência. Não se comove, porventura, ante a perspectiva de serviços que nos requisitam esforço? Anime-se, mobilize energias. Dê andamento aos processos, procure interessar-se pelo trabalho ativo. Deve compreender que não estamos aqui para cruzar os braços ou deixar que as circunstâncias nos governem.

O rapaz baixava a cabeça e respondia:

— Sim senhor.

Ante o silencio e a humildade postiça, rematava o diretor generosamente:

— Pois bem; vamos então pensar e trabalhar. Traça-me a relação dos nucleos pecuarios do norte.

Daí a pouco, Pedroso vinha dizer que a relação estava incompleta.

Quando ouvia advertências diretas do superior, o funcionario mostrava-se tímido; no intimo, porém, andava cheio de considerações tendentes á rebeldia. Que era o serviço público, em seu modo de ver, senão o lugar do menor esforço? Achava-se garantido pelo decreto de nomeação. Não poderia ser aliado sem rumoroso pro-

cesso administrativo e recebia, por isso, as advertências da chefia sem maior preocupação. Concitado energicamente ao dever, curvava-se cuidadoso e prosseguia nos velhos habitos.

Compreendendo a dificuldade, o superior resolveu observar-lhe as possibilidades de outro modo e enviou-o á zona do norte, conferindo-lhe honrosas responsabilidades no fomento da produção agrícola e pecuária. Pedroso demorou-se mais de um ano sem dar notícias de suas atividades.

Impressionado, o chefe chama-o á séde dos trabalhos.

— Então, Januario? — diga-nos alguma cousa. Que fez neste ano de tarefas novas? — perguntou bem humorado.

— Não foi possível realizar cousa alguma — replicou o funcionario preguiçoso — a região é muito sêca. Sorriu o chefe paciente e explicou:

— Mudará, então, de zona: designa-lo-ei para serviços no sul.

E assim foi. Decorrido, porém, um ano, voltou o subordinado informando que o sul não lhe oferecera elementos adequados. O chefe tolerante exclamou, antecipando-se ás justificativas:

— Compreendo. Sê você encontrou tanta sêca no norte, certo foi surpreendido por agua excessiva no sul; todavia, poderei mudar sua róta. Irá agora para oeste.

O funcionario obedeceu, mas decorridos oito meses, regressava declarando que o oeste não passava de florestas selvagens.

Nova designação para leste. No entanto, após dois anos em que Pedroso apenas remetia notificação telegráfica de ponto, para efeito do pagamento mensal, voltava á séde, alegando que nada pudera fazer, devido ás derrubadas extensas e ao espirito ruralista da região, refratario aos metodos modernos de agricultura e criação animal.

O superior olhou-o, consternado, e acentou com resignação:

— Vá ficando por aqui mesmo...

Não queria o subordinado outra cousa, e a velha vidinha continuou entre processos por despachar e obrigações por atender. Concluiu o diretor que Pedroso era impermeável a conselhos e esclarecimentos, e conformado, passou a considera-lo um mal irremediável na repartição confiada á sua guarda.

O tempo correu e Januario sempre se manteve no mesmo lugar. Se lhe perguntassem quanto á preferencias na vida, talvez respondesse que, acima de tudo, apreciava comer e dormir.

A morte do corpo foi encontra-lo nessa atitude de inércia incompreensível. Atirado, então, a verdadeiro torvelinho de necessidades espirituais, em vão buscava esclarecimento nas rodas de serviço, onde permaneciam velhos companheiros.

A' maneira do idiota que acordasse subitamente, ignorando o verdadeiro caminho para compreensão de si proprio, queria explicações e conselhos. Agora, porém, os amigos da Terra não lhe percebiam a presença e estavam muito ocupados para recorda-lo com intercessões espontaneas. Debalde chamou, suplicou, insistiu e não poucos anos gastou na ansiedade penosa.

Sómente muito mais tarde, colhido na desesperação, por entidades caridosas, foi conduzido á presença de antigo orientador espiritual em condições de prestar-lhe ajuda eficiente. Enfrentando o generoso trabalhador da espiritualidade, queixou-se ruidosamente, exteriorizando as máguas íntimas.

— Não necessita expor tão minuciosas explicações — exclamou o mentor sabio — não é você Januario Pedroso, antigo servidor de tarefas rurais no planeta?

— Pois que? Conhecem-me aqui? — indagou boquiaberto.

— Esperava-o ha muito tempo — tornou o benfeitor — e pôde crer que demorou no caminho, porque desejava ainda escorar-se nos amigos incarnados, mesmo depois da transição da morte.

Enumerou Januario as dificuldades, em pranto copioso. Sentia-se desventurado, sem a dedicação de ninguém. Implorou, ansioso, a renovação da experiencia

terrestre. Queria trabalhar, entendia agora o valor do espirito de serviço. O instrutor, porém, depois de ouvi-lo, tolerante, esclareceu serenamente:

— De suas anotações em meu poder não consta motivo para tantas lagrimas e sim apontamentos convidando á reflexões muito sérias, de sua parte. A permanencia no mundo não lhe foi senão longa série de repousos, séstas, licenças, férias, abonos. Poltronas e leitos intruem a história da sua última incarnação.

Assombrado, o ex-funcionario objetou:

— Mas eu trabalhava no serviço público.

— Tal circunstancia lhe agrava a situação. Se houvesse lesado alguém, na esfera particular, a intercessão e a tolerancia facilitariam a solução dos seus problemas; todavia, você é obrigado a prestar contas á coletividade, destacando-se uma classe inteira, sobre a qual sua vida pesou como parasita indesejável.

— Não poderei, entretanto, voltar á Terra, para retificar meus erros? Será crível que se me fechem as portas da renovação?

— Sim, suas lagrimas de arrependimento são dolorosas e sinceras. Não ficará sem recursos.

— Ah! graças a Deus! — falou o misero. — Regressarei ao mundo, voltarei á minha repartição, compreenderei, agora, os meus companheiros!...

— Isto é que não — explicou o mentor com serenidade — na Terra a senha ainda é: "contra a preguiça-diligencia". Agora, porém, não estamos na esfera do globo. Você está enfermo e precisa remedio. A senha ha de ser diferente...

— Como? — interrogou o infeliz, aterrado.

O orientador magnanimo dirigiu-lhe significativo olhar e perguntou:

— Que indicava você, na qualidade de servidor do campo, quando o fogo invadia a pastagem?

Pedroso, embora intrigado, respondeu:

— Aconselhava o contra-fogo.

O generoso amigo esboçou um gesto de bondade tranquila e esclareceu:

— Tenho de partir do mesmo princípio. A ociosidade invadiu sua vida. Contra a sua preguiça devo receitar a imobilidade. Para que aprenda a estimar o trabalho e a criar o sublime desejo de movimentação no mundo, você renascerá paralítico.

A SOLUÇÃO CARIDOSA

Raros amigos seriam capazes de compreender a situação de Joaquim Finisterra, homem dos mais pacientes e conformados do mundo. Pai de sete filhos, rapazes e moças folgazões, Finisterra não encontrava apoio moral nem auxílio material em nenhum deles.

Envergando a roupa surrada de todo dia, engraxando êle mesmo os sapatos, nunca se lhe notava mudança na atitude serena e resignada. Recebia o ordenado mensal de mil e quinhentos cruzeiros, em funções administrativas no escritório de empresa importante, e o salario se evaporava em casa, como pólvora atirada ao fogo.

Não fossem as consolações do Espiritismo cristão, talvez o nosso homem não resistisse. A familia nunca lhe aceitara de bom grado as tendencias espiritualistas. Entre ela e êle havia singular abismo de incompreensão. Não que Finisterra fosse insensível ou indiferente. Não. O velho transbordava de renúncia e dedicação a todos; desfazia-se em carinho paternal; entretanto, carater nobre e sincero; não podia aprovar a irreflexão dos filhos na vida social. Nenhum se dispunha ao trabalho encarando responsabilidades e compromissos. Passavam o dia no leito, pálidos e exgotados, mas á noite, invariavelmente ostentavam trajes do ultimo figurino, compareciam ás festas elegantes, cassinos e pontos *chics*. Alta madrugada regressavam embriagados, ou cansadíssimos.

A princípio, Finisterra tudo fez no louvavel intuito de remediar a situação, procurando impôr-se pela ter-

nura e autoridade; todavia a esposa, Dona Mariana, comprometia esse trabalho com a sua feição de mãe ignorante, embora profundamente afetiva.

Se o progenitor concitava os rapazes a lhe ouvirem conselhos, surgia-lhe a mulher pela frente, bradando nervosa:

— Cala-te Joaquim! Não tens vergonha de advertir nossos filhos dessa fôrma? Que fizeram os meninos? Toda esta tempestade porque não voltaram ontem mais cedo? E se eu quisesse contar quanto já sofri neste mundo por tua causa?

— Ora, Mariana — volvia êle serenamente — sou pai e não desejaria transformar-me em carrasco dos filhos. Falo-lhes por amor, procurando integra-los na esfera dos homens de bem.

A senhora Finisterra, porém, antes que o marido ampliasse o ponto de vista, atalhava furiosa:

— Já sei. Homens de bem, no teu conceito, são burros de carga que aguentam com o fardo alheio. Meus filhos não terão esse destino. Que vivas na escravidão do trabalho, vá lá! Estamos velhos e inúteis. Os meninos, porém, não nasceram cativos. Hão de viver como bem quiserem, e para isso tenho meus braços fortes, caso te negues ao pão de cada dia.

As duas moças abraçavam-na com ares triunfais, os rapazes sorriam vitoriosos.

Joaquim fixava a cena doméstica de olhos humidos e compreendia a inutilidade de qualquer discussão. Dilatar o atrito seria tomar o vagão do escandalo e, por esse motivo, recolhia-se ao quarto, a manusear velhos livros ou renovando a Deus o pedido de socorro espiritual.

No princípio de cada mês, as contas enormes choviam em casa. Lojas e armazens apresentavam débitos quasi fantasticos.

Recebia Finisterra o salario e entregava-o pontualmente á mulher. Frequentemente, contudo, Dona Mariana reclamava:

— Joaquim, com estes pobres vintens acabaremos nas casas de prégo. Por que não te mexes? E' preciso

encarar o futuro. Parece inclivel que um chefe de escritório ganhe esta miseria. Procura o diretor geral, expõe-lhe nossa situação, do contrário eu mesmo assumirei a responsabilidade dessa iniciativa. Este mês o dinheiro não chegou para satisfazer as necessidades mais prementes. Preciso mais novecentos cruzeiros.

— Não tenho — explicava o marido sacrificado.

— Lança novo emprestimo. Devo pagar antes de domingo os vestidos de Helena e Albertina.

Finisterra mobilizando os sentimentos mais justos, ponderava receoso:

— Não tenho dúvida em pedir nova quantia ao meu procurador; mas tu não achas razoavel que as meninas se coloquem dignamente? Ha concursos valiosos para os ministerios públicos e ainda que elas não alcançassem remunerações compensadoras, ganhariam algo para auxiliar-me no elevado padrão de vida que defrontamos atualmente.

A palavra de Joaquim, na inflexão carinhosa que a caracterizava, era de esclarecer o coração mais inculto; no entanto, a companheira replicava colérica:

— Nossas filhas no serviço? Nunca! Sempre foste pai desnaturado e indiferente. Como se haverão as po-brezinhas em face das exigencias descabidas do serviço público? Esqueces que o pai é responsavel pelo sustento dos filhos?

— Não é isto — explicava Finisterra calmamente — trata-se de providencia lógica no mecanismo doméstico. Na juventude não trabalhamos por auxiliar aos pais devotados e generosos? Em que nos tornamos menos dignos? O trabalho nobilita sempre, aproximando-nos de Deus.

Dona Mariana desfechava-lhe um olhar de feroz egoismo e rematava:

— Essas teorias são tuas, reflexo do teu Espiritismo inconsequente. Não reduzirei meus filhos á condição de animais de carga.

Argumentos do espôso tornavam-se inúteis. A companheira comentava o assunto, desabridamente, com os filhos. Na semana que Finisterra conversasse sobre tra-

balho, choviam ditérios, zombarias, observações asperas e ingratas.

O tempo não remediava a situação, antes agravava os problemas. Os rapazes tornavam-se mais vadios, as jovens mais ociosas. Ao atingir sessenta e cinco anos, apresentava-se Joaquim tão recurvado, tão encanecido que aparentava mais de um século de idade.

Foi nessa altura que os negócios da família se complicaram ao extremo. Atirados ao jôgo de azar, os rapazes consumiam somas consideráveis, drenadas do bolso paterno pela falsa ternura maternal. Completamente bloqueado de dividas vultosas, Finisterra não pôde recorrer a novos empréstimos para atender aos caprichos da espôsa e aos desmandos dos filhos. Multiplicavam-se atritos, discussões e queixas amargas.

Quando a tormenta domestica atingiu o ponto culminante, com a insolencia de cobradores exigentes e atrevidos, á porta, Dona Mariana procurou o refúgio da oração, na noite que lhe pareceu mais cruel.

— Oh! meu Deus — clamava a infeliz — porque nos esqueceste em vossa infinita bondade?

E, mãe cega pelo proprio egoismo, continuava:

— Meus filhos sofrem injustiças, são feridos pelo destino humilhante. Acolhei minhas súplicas! Ajudai-me a levantar as energias do meu desventurado esposo, vencido e desanimado deste mundo! Inspirai a seus chefes que lhe aumentem o ordenado miseravel!... Estou cansada de exigencias, Senhor! Dignai-vos ajudar-me o coração aflito de mãe, não me abandonéis! Tende piedade de meus filhos, de meus pobres filhinhos!...

Embargada de lagrimas, soluçou baixinho, terrivelmente desalentada. Não viu, porém, a fôrma luminosa que a abraçou de leve, em sinal de assistencia e carinho.

A prece de Dona Mariana fôra ouvida.

Henrique, dedicado amigo de outras eras, que sempre tentava auxilia-la inutilmente, depois de ungir-lhe o coração de brandas esperanças, reuniu nessa noite

as entidades generosas, cooperadoras assíduas a favor da paz dos Finisterras e explicou generoso:

— Meus irmãos, a súplica de nossa amiga comoveu-me fundamentalmente. Precisamos auxilia-la de forma decisiva. Creio que a solução caridosa e justa será chamarmos o nosso Joaquim á vida espiritual. Roguemos ao Senhor a permissão de romper os laços frageis que o retêm nas esferas do planeta. Subtraíndo-o ao lar, a esposa e os filhos abrirão as portas de receptividade á inspiração superior, curando-se-lhes a cegueira. Vejo na medida a unica providencia aconselhavel.

Ninguém divergiu do alvitre valioso e a amorosa assembléa, após sincera súplica, foi atendida no proposito de libertar o velho companheiro.

Com efeito, dentro de quatro dias Joaquim Finisterra desincarnava repentinamente num ataque de angina.

Sómente nessa hora, reconheceu a família quem era aquele velhinho recurvado, de fisionomia inalteravel.

Dona Mariana lamentava estentoricamente a perda irremediavel, os filhos soluçavam de dor.

Entretanto, semanas depois, vizinhos e amigos notaram a tiranica senhora Finisterra exprimindo-se em gestos nobres e humildes, pela primeira vez, e quando recebeu o premio de seguro deixado por Joaquim, cada filho se encontrava no serviço honesto, consagrando o dia ao suor do trabalho digno, e a noite ao repouso da benção familiar.

A ESTRANHA INDICAÇÃO

A molestia do Acacio Garcia desafiava todos os metodos de cura. Andava o rapaz desalentado, abatido. Estampava-se-lhe no semblante dolorosa melancolia, que parecia irremediavel. Não obstante as convicções espiritistas da familia, a situação agravava-se dia a dia. Filho de negociante abastado, não tivera o agulhão da necessidade a lhe desenvolver amplamente os recursos proprios. Crescera cumulado de mimos, sem a necessaria experiencia da vida, e nessa circunstancia radicava o agente principal de seu desanimo.

Debalde inventavam os progenitores carinhosos viagens, passeios, diversões.

Segregado voluntariamente no quarto, vivia o enfermo a protestar contra o destino e a maldizer o mundo inteiro. Tudo lhe enfarava o espirito voluntarioso. Nos dias secos, preferia a humidade e, ás refeições, reclamava pratos esquecidos da cozinheira.

Havia dez anos que se manifestara o primeiro sinal da enfermidade estranha.

Acacio, entretanto, não revelava lesão alguma. Examinado por vários medicos, de todos recebera advertencias animadoras e os pais chegavam a reconhecer que os facultativos prescreviam medicação mais por gentileza que por necessidade. Referiam-se alguns a depressões nervosas, outros a sífilis hereditaria. E o doente continuava cada vez piór, irritado e quasi intoleravel. Fechava portas com estrondo, esmurrava mesas á menor contrariedade.

Preocupadissimos, os pais resolveram tornar ao tra-

tamento psíquico, procurando, dessa vez, o velho Rodrigues, que se notabilizara como doutrinador eficiente, em conhecidas reuniões doutrinárias. Iniciou-se a peregrinação diaria, difficil e penosa. A' noite, tornava-se preciso arrancar o doente de casa, a automovel. Acacio chorava, debatia-se, resmungava. A' custa de enorme esforço, sentava-se no recinto, ouvindo silencioso preleções evangélicas, ou dissertações mediúnicas.

Na primeira semana, o progenitor dirigiu-se ao orientador das sessões e explicou:

— Precisamos trabalhar a favor de meu filho. A meu ver, a enfermidade do Acacio resulta de tremenda obsessão.

E passando a mão pela fronte em sinal de cansaço, acrescentava:

— Ha dez anos que lutamos desesperadamente. Medicos, remedios, passes mediunicos, distrações, sem falar na fortuna que esse tratamento constante me obriga a dispendir. Não concorda comigo, quanto a certeza de estarmos sob o assédio terrivel de entidades inferiores? Com a molestia do rapaz foi-se-nos a tranquillidade para sempre. Minha mulher não sabe a que atender e eu, de minha parte, sinto exgotar-se-me a resistencia...

O velho Rodrigues, olhar comovido, esboçou um gesto de paciencia, que lhe era caracteristico, e rematou:

— O senhor tem razão. Submeterei o assunto aos nossos protetores. Intensificaremos a devida assistencia e organizaremos sessões práticas, destinadas á doutrinação dos Espiritos perversos.

Contudo, se o bom velhinho começava a observar caso tão velho, a providencia não era nova. Os Garcias, desde os primórdios da molestia, percorriam agrupamentos espiritistas de várias nuances doutrinarias. Ante a afirmativa de Rodrigues, porém, renovava-se a esperança dos pais carinhosos e amigos.

Acacio alimentava-se regularmente, dormia tranquilo, mas chegada a manhã, explodiam descontentamentos e arrufos. A' aproximação de quaisquer visitas,

trancava-se no quarto e, á noite, desencadeava-se verdadeira batalha para reconduzi-lo á reunião habitual. De regresso á casa, apresentava sempre observações menos justas.

— Não ouviram a preleção sôbre resistencia espiritual? — indagava fazendo caretas — tudo aquilo era comigo; mas não sou nenhum ignorante e sei o que significa fortaleza moral. Aquele velho tolo nunca soffreu o que tenho experimentado, em doenças e dissabores. Tive impetos de atirar-lhe em rosto minhas represalias, fazendo-lhe compreender o seu verdadeiro lugar; entretanto...

A progenitora devotadissima atalhava, carinhosa:

— Oh! meu filho, as dissertações do senhor Rodrigues destinam-se a todos nós. Não observaste que êle fala sob viva inspiração do plano superior? Não te entregues a exageros de sensibilidade.

— Exageros? — clamava o doente sob forte exasperação — a senhora não conhece a vida. Como acreditar que um velho tão imbecil seja inspirado por forças divinas? Não suponha tal cousa: Rodrigues é bastante astucioso para abstrair-se dos interesses que o chumbam neste mundo e dar-se a contemplações do mundo invisível. Cêrtamente conhece o que representa o capítulo dos lucros e multiplica advertencias e encaenações. Sou, porém, bastante precavido contra vigaristas fantasiados de apóstolos.

— Cale-se, meu filho! Você não sabe o que diz! — exclamava o progenitor em tom imperativo.

E, fazendo sinal á mulher, obrigava-a a retirar-se discretamente, liquidando a discussão.

De outras vezes, o rapaz interpelava a velha mãe asperamente:

— Sabe a senhora por que motivo tanto falou papai em boas maneiras, durante o almoço?

Enquanto a progenitora se recobrava da surpresa, Acacio prosseguia:

— Aquilo era comigo, referia-se a mim! Acaso falta-me educação? Isso é desaforo. Vivo doente, desanimado, e meu proprio pai busca pretextos para acusar-me

de grosseirão. Fique a senhora sabendo que, tão logo melhore, sumirei de casa, darei sossêgo a todos.

A pobre mãe fixava nele os olhos humidos e esclarecia:

— Porque tamanha suscetibilidade, meu filho? Teu pai é incapaz de fazer-te acusações. Juvencio vive lendo livros educativos. Não terá direito de comentar conosco as valiosas observações dessas leituras?

O rapaz amuava-se, careteava e sumia no quarto, depois de bater com a porta fragorosamente.

Repetindo-se os trabalhos psíquicos sem resultados positivos, Rodrigues, muito bondoso, aconselhou voltassem ao médico.

Lera o senhor Garcia, em jornal da véspera, a noticia de que a cidade fôra honrada com a visita de notavel psiquiatra. Sentiu-se esperançado e deliberou levar o filho a exame do famoso especialista. Na inércia de sempre, Acacio não conseguiu furtar-se ao desejo paterno. Entretanto, o médico depois de auscultação meticulosa e rigoroso inquérito, definiu o caso em poucas palavras:

— Trata-se de esquisofrenia...

O pai do enfermo, apesar de certa cultura, não estava em dia com a terminologia científica e pediu explicações. O facultativo esclareceu que aludira á mais difficil das molestias nervosas e mentais, referindo-se largamente á patologia da loucura e á neurologia, acrescentando após inumeráveis citações:

— Estamos presentemente, no Brasil, com a cifra apavorante de mais de cem mil esquisofrenicos.

Retiraram-se os Garcias levando a receita cheia de complicadas indicações, mas, praticamente, sabiam tanto como ao penetrarem o improvisado consultorio do hotel.

Nada valeram medicamentos exóticos e injeções carissimas.

Agravando-se a situação de Acacio, a familia voltou ao grupo doutrinario. Como sempre, o velho Rodrigues permanecia no seu posto, atendendo na medida das possibilidades justas.

O enfermo, porém, saía das reuniões mais queixoso

do que nunca. Amaldiçoava dissertações, recusava ensinamentos.

Numa das sessões, todavia, estava-lhe reservada bela surpresa. Quando menos o esperavam, surge um espirito amigo, que se dirige ao doente em pagina comovedora. Assinava-se "Philopathos". Depois de aludir aos laços que os uniam, de um passado remoto, prosseguia:

— Lembra-te, Acacio, que recebeste oportunidade santa de trabalhar na Terra a benefício de ti mesmo. Faz-se indispensavel não conceder tamanha importancia ás impressões nervosas. Levanta-te do torpor espiritual de tantos anos. Não te cansaste ainda dessa atmosfera de queixas, isolamento e enfermidade? Aprende a seguir o dia, cada vez que o dia ressurja! A vida é um cantico de trabalho e criação incessantes. Não te detenhas no tumulto das preocupações inferiores. Busca a convivencia dos familiares, dos amigos, dos irmãos de luta, e sobretudo, não deixes a confiança em Deus fóra do coração, recordando que permaneceremos contigo.

A surpresa causou geral satisfação e no entanto, o enfermo apesar de profundamente tocado no íntimo, esforçava-se por manifestar as velhas contradicções.

Em casa, Juvencio Garcia, na qualidade de estudioso da etimologia, sentiu-se na obrigação de oferecer alguma definição do mensageiro, e acentuou:

— Deve tratar-se de entidade muito interessante. Philopathos quer dizer "amigo das doenças" ou "amigo dos doentes".

Os Garcias andavam exultantes, mas o teimoso Acacio repetia a cada momento:

— E' preciso ver para crer e eu só poderia aceitar essa mensagem se me encontrasse com esse Espirito.

Entretanto, as manifestações do mensageiro continuaram noutras reuniões. O doente as recebia de pé atrás.

Decorridos alguns meses, quando a senhora Garcia exaltava o ensinamento sempre novo das páginas recebidas do emissário solícito, o rapaz explodiu:

— Mas, por que Philopathos não dá logo a indi-

cação necessaria á minha cura? Eu só queria encontra-lo, para exigir que o fizesse. Se formula tantos conselhos, por que não formula os remedios de que careço ha mais de onze anos?

Entretanto, para aumentar-lhe a surpresa, nessa mesma noite, a entidade prometeu que se encontrariam pessoalmente ao primeiro ensejo, durante o sono.

E embora a má vontade e a preguiça mental, Acacio Garcia sonhou, após uma semana, que se encontrava junto do amigo, em esfera de grande atividade e beleza. Ante a luminosa auréola que cercava o benfeitor, não sabia explicar o imenso júbilo que o inundava. O generoso Espirito aproximou-se sorrindo, entregou-lhe um papel dobrado e explicou:

— Aqui tem a indicação necessaria á tua cura, meu querido Acacio. Não a transmiti pelo médium, porque devia entrega-la quando nos encontrássemos a sós. Lê e compreende!...

Sumamente emocionado, o rapaz desdobrou o pequenino documento e leu maravilhado:

Indicação:

"Dez horas de serviço ativo por dia. Muitas dificuldades e pouco dinheiro. Nuvens de preocupação e chuvas de suor.

Modo de usar:

"Entregar-se ao trabalho, de boa vontade, a-fim-de encontrar o tesouro do espirito de serviço. Encarar as dificuldades como instrutoras; aprender a alcançar muita espiritualidade com reduzidas possibilidades materiais. Aceitar as nuvens de preocupação e as chuvas de suor como elementos indispensaveis á sementeira e á colheita nas terras da vida".

Acacio, muito desapontado, não sabia que dizer. Philopathos porém, abraçou-o e disse:

— Começa o tratamento hoje mesmo. A-fim-de criar coragem, inicia o esforço com algumas duchas geladas.

Nesse momento, o enfermo acordou, mas a frase "duchas geladas" lhe ressoava no cérebro. Saltou da cama animado de energia diferente, amanhecia. Maquinalmente, tomou a toalha de banho e saiu do quarto.

Surpreendendo aquele impulso, que não ocorria de ha muitos anos, a velha progenitora acercou-se do rapaz e inqueriu aflita:

— Onde vais, meu filho?

— Vou ás duchas. Esta noite marcou meu encontro pessoal com Philopathos.

E desde esse dia Acacio foi outro homem.

TRAGEDIA OCULTA

Nos derradeiros anos da existencia, meu velho amigo Edmundo Figueirôa deixara-se absorver por incessante preocupação. Convencera-se da vizinhança da morte inelutavel, desejava conformar-se, mas doía-lhe fundo a idéia de ficarem a espôsa e duas filhas relegadas ao torvelinho das lutas materiais.

Acumulara fortuna sólida, esforçara-se anos e anos por amealhar recursos financeiros, com vistas ao porvir, conseguira vencer nesse capítulo da experiencia terrestre; entretanto, era demasiado sensível para manter-se calmo nas circunstancias dificeis. Profundamente aferado ao ambiente doméstico, não sabia como afastar-se da convivencia familiar. A enfermidade longa dispusera-o a meditações graves e tristes, e embora a companhia fosse pródiga em gentilezas, Figueirôa permanecia intimamente exasperado.

De quando em vez, o velho Noronha, veterano espirita daquele remoto vilarejo nortista vinha visita-lo, interessado em esclarece-lo.

— Edmundo — dizia solícito — você deve convencer-se de que a decadencia organica é caminho indicado a nós todos, neste mundo. Mais tarde ou mais cedo, precisamos desfazer laços, retificar atitudes espirituais. Que é o corpo senão a veste mutavel da criatura imortal?

O doente fitava-o atencioso e replicava firme:

— Compreendo a lei inelutavel que nos rege os destinos; entretanto, o pai dedicado não poderia abandonar o reduto doméstico sem resistencia. Se somos compelidos á defesa contra os ladrões, por que não com-

bater a morte? Não será ela, por ventura, o derradeiro ladrão a roubar-nos a vida? Não duvido que as transformações constituam fatalidades necessárias; todavia, mesmo em espirito, continuarei ao lado de minha mulher e das filhas.

O Noronha sorria e explicava situações de além-túmulo, consoante as experiências de várias sessões de intercambio com o invisível. Edmundo escutava e respondia:

— Suas opiniões confortam-me sobremaneira, mas, de qualquer fôrma, quando me desprender do corpo, velarei no ambiente doméstico enquanto o Criador me renovar energias. Não me abandonarei ao desapêgo em circunstancia alguma.

O Noronha percebia que a conversa não deveria continuar naquele tom lúgubre e ensaiava outros temas.

Dona Rosalina, a esposa de Edmundo, relativamente moça ainda, aproximava-se e a conversa tornava-se menos triste. Falavam então de politica, de costumes, de esperanças no futuro.

Os cuidados da companheira, porêm, não logravam dilatar a resistencia organica do enfêrmo querido e chegou o dia em que Edmundo Figueirôa se transportou para a outra margem da vida, sem qualquer bagagem material, tal como viera ao incarnar.

O quadro doméstico, nessa emergencia dolorosa, não pedia eximir-se aos gemidos, lágrimas, protestos de eterno amor e saudade eterna. As corôas preciosas que rodearam o cadaver davam á cena triste tonalidades de apoteóse fulgurante. Ninguém se referia a Edmundo senão com palavras santas e gestos solenes. Lembravam suas virtudes, os exemplos de carinho e solidariedade. Até os velhos inimigos da politica municipal descobriam-lhe qualidades superiores, até então ignoradas.

Pouco depois dos funerais, Figueirôa acordou tomado de surpresas angustiosas. Compreendeu, sem dificuldade, a transformação operada. Atigira outra modalidade de vida, a morte atirara-o a plagas diferentes, mas o apêgo ao lar era tamanho que não pôde ouvir amigos velhos e atentos, á sua espera. A retina espi-

ritual não conseguia fixar a nova paisagem afetiva, e como Deus permite experimentarmos nossos caprichos até o fim, desde que nosso impulso não afete a ordenação da Obra Divina, voltou Figueirôa imediatamente ao ninho inesquecível.

Espantado, surpreso, observou que ninguém dava conta de sua presença nos lugares queridos.

Era noite.

Sentou-se ao lado da espôsa, que trajava então rigoroso luto, e fazia-lhe pedidos comoventes. Dona Rosalina, que tricotava tranquila, sentiu de repente a imaginação perturbada. Nada ouvia, mas sentia os pensamentos confusos, recordando o companheiro sob impulsos fortes. A' certa altura, aumentaram as impressões psíquicas e ela gritou para o interior:

— Lilica! Lilica!...

Veiu a filha mais velha, assustada, explicando-se a progenitora aflita:

— Estou a lembrar-me excessivamente de teu pai... Tenho medo, muito medo!... Que será isto? E se Edmundo nos aparecesse?!...

— Que horror, mamãe! — bradou a moça, muito pálida — tenho pavor do outro mundo!

Aproximou-se o pai, cheio de saudade, e quando lhe tomou as mãos esclarecendo que era o mesmo, que a morte do corpo não o transformara, a jóven alarrou-se e bradou:

— Sinto arrepios! estamos sós neste quarto... Vou chamar Titina e a empregada.

Saíu a correr, afim de buscar a irmã e a cozinheira e as horas restantes da noite registaram cenas penosas, no visível e no invisível. Figueirôa desenvolveu o máximo esforço por acomoda-las devidamente, e no entanto, cada gesto de carinho era retribuido com observações rudes e ingratas. Rezaram em voz alta, cantaram hinos religiosos. A criada chegou a tranquilizar a patroa, asseverando que, se o patrão aparecesse, teria coragem de manda-lo para o inferno, e essa declaração sossegou Dona Rosalina e as filhas, que se aquietaram devagarinho. Tão grande, todavia, foi o sofrimento moral

de Edmundo que o desventurado retirou-se a um recanto esquecido do quintal, por desabafar á vontade.

A luta, porém, começara e Figueirôa não era espírito irresoluto. Longe de atender ás inspirações que o bafejavam de mais alto, permaneceu firme no reduto doméstico. Dona Rosalina recorreu a missas, novenas e orações particulares. Contudo, cada noite lhe renovava os receios sem conta. Indignado com a situação, Edmundo insistiu energicamente, tentando senhorear o organismo da filha mais velha, ansioso de ministrar esclarecimentos á companheira. Mas a moça, exibindo singulares perturbações nervosas, apenas lhe assinalava a presença em gritos estentóricos:

— E' meu pai, estou a vê-lo! Oh Deus, tende piedade de nós!

E, olhar esgaseado de louca, prosseguia com acento impressionante:

— Ei-lo que chega!... Abraça-me, diz que não morreu... Tenho medo! Donde vens, papai? Não estás, por ventura, com Deus? Ah! eu morro, eu morro!...

Dona Rosalina, aterrada, chama o médico, este ministra injeções violentas, aconselhando a internação em Casa de Saude. Edmundo vê a oportunidade perdida. Nada mais conseguiu, senão prostrar a filhinha amada.

A situação complica-se cada vez mais. O médico, ativo, passou a frequentar-lhe a casa e quando soube que a viuva Figueirôa era proprietária de algumas centenas de milhar de cruzeiros, passou a fazer-lhe a côrte escandalosamente.

Agravaram-se os padecimentos do atribulado Figueirôa. A' maneira do homem invisível de Wells, o misero passava o tempo a gritar, gesticulando a esmo, sem que ninguem o notasse em casa. Observando que o segundo matrimonio de Dona Rosalina era fato a consumir-se em breves dias, acentuou-se-lhe a desesperação. Voltou novamente a influenciar a filha, obrigando-a então a recolher-se ao leito, por mais de dois meses. Nas primeiras crises nervosas, alarmara-se extremamente o coração materno. Dona Rosalina chamou o padre para exorcizar, e como não bastasse a providen-

cia, requisitou as doutrinações do Noronha. Quanto mais se multiplicavam tais medidas, piór se tornava Edmundo, premido de inenarráveis angústias.

Chegado, porém, o dia das segundas nupcias da viuva Figueirôa, meu velho amigo Cantidiano procurou-me com intimação afetuosa:

— Humberto, providenciamos hoje nova situação para o Edmundo. Se as cousas continuarem no pé em que se encontram, não sei até onde poderá ir esse infeliz.

Pús-me á sua disposição e acercamo-nos do velho companheiro. Depois de enorme esforço, conseguimos que o desventurado nos avistasse. Estava em condições de meter pena ao coração mais endurecido. Quando deu conoseco, correu ansioso ao nosso encontro. Abraçado a Cantidiano, seu antigo colega de letras primárias, desenrolou as desditas de dois anos de incompreensão. O amigo escutou-o pacientemente e falou bem humorado:

— Mas, afinal, que quer você? Rosalina casar-se-á hoje, pela segunda vez; suas filhas terão padraсто; mas olha que ha maridos e meninas sem numero, nestas condições.

— Sei, bem sei — replicou Edmundo lacrimoso — mas a ingrata da minha mulher teve coragem de chamar o sacerdote para excomungar-me e até o Noronha, veja bem, o Noronha veio doutrinar-me a seu chamado. Poderá você compreender tudo isto?

E notando o sorriso manso do Cantidiano, acrescentava:

— Por que não se exorcizou o intruso nem se doutrinou a Rosalina? O tratante é o diabo em pessoa e minha mulher demonstrou coração endurecido e indifferente á minha dor. Ambos tambem são Espiritos e Espiritos excessivamente perturbados.

O companheiro abraçou-o e esclareceu:

— Resigne-se, Edmundo! A maioria dos nossos amados na Terra não nos podem compreender senão como fantasmas. Para eles, quem partiu pelo tunel da sepultura não ama, não vibra, não mais sente. Por enquanto, isso é fatalidade em nossos circulos evoluti-

vos. Esperemos o crescimento mental das criaturas. E' indispensavel conformarmo-nos aos designos divinos.

O interpelado meditou aquelas ponderações sensatas e indagou:

— Como esclarecer Rosalina e explicar ás filhinhas que eu não morri? Que fazer por demonstrar minha repugnancia ao explorador que me invadiu a casa?

Cantidiano estreitou-o mais carinhosamente nos braços acolhedores e respondeu:

— Sosséga! Irás conosco á esferas diferentes, onde alcançarás trabalho redentor e vida nova. Quando os amados nos não podem entender, não seria justo recorrer á violencia. E' preciso entrega-los á vontade de Deus e partir em demanda de outros rumos. Seu apêgo ao lar resultou de louvavel dedicacão, que Deus abençoa. Sua casa, porém, não conseguiu continuar ao seu lado, após a morte do corpo. Dada essa impossibilidade, da qual você não tem culpa, sua tarefa de espôso e pai está finda, para começar a de irmão, no "amai-vos uns aos outros". Compreendeu?

E, para finalizar mais simplesmente, acrescentou sorrindo:

— A mulher, o médico e as filhas serão protegidos de Deus, esclarecidos pela vida e, sobre tudo, não se esqueça que, hoje ou amanhã, eles serão igualmente fantasmas para os que ficarem no mundo.

Pela primeira vez, após a morte física, Edmundo Figueirôa sorriu e, sem mais dizer, seguiu-nos resoluto.

ASSISTENCIA ESPIRITUAL

Constantino Saraiva tornara-se muito conhecido por suas produções mediunicas e, embora sua quota de tempo e possibilidades materiais continuassem exiguas, conquistara amizades numerosas, ensejando involuntariamente enormes expectativas em tôr do seu nome.

Toda missão util, porém, encontra obstaculos nos lugares onde a luz não foi recebida pela maioria dos corações e Constantino, dada a ampliação natural das responsabilidades, tornara-se alvo de fôrças inferiores, no visível e no invisível. Companheiros incarnados seguiam-lhe os passos, ansiosos por saber se dava testemunho pessoal das verdades de que se constituira instrumento, e as entidades vagabundas, deslocadas do vampirismo pelos Espíritos superiores a se fazerem sentir por intermedio dele, anotavam-lhe as mais insignificantes atitudes e não lhe perdoavam a decisão de manter-se firme na fé, apesar de tropeços ou tempestades.

Criou-se, assim, em derredor do médium Saraiva, consideravel bagagem de lutas. De justiça, contudo, advertir que esse movimento hostile não derivava apenas do psiquismo de Constantino, mas por combater o veneravel Fanuel, o Espirito sabio e benevolente que ministrava substanciosas lições por meio de suas faculdades.

Os malfeitores desincarnados desenvolviam todos os recursos de insinuação. Recebia Saraiva propostas de salarios vultosos, convites para mudar de situação; e como não vingasse a sugestão do ouro, tentaram o trabalhador no capítulo do sentimento. Feriram Constantino nos sonhos mais intimos do coração; mas, prepa-

rado contra os alvitres da luxúria, resignou-se o médium e a máquina de serviços continuou sem perturbações. Tal serenidade, todavia, não vinha á superfície por conquistas dele proprio, mas porque Fanuel montava guarda ativa e permanente, cooperando na integridade e desdobramento da tarefa.

A situação caracterizava-se por notavel harmonia, quando os adversarios gratuitos prepararam sutil cilada, na qual o médium seria vitima das proprias intenções.

Grande numero de confrades de uma grande cidade, realizava valioso empreendimento para difusão do Espiritismo evangelico, e contudo, a ambição e o egoismo, a breve trecho acocoraram-se como dois monstros na empresa dos obreiros desprevenidos. A obra ameaçava ruir. Amigos da véspera dividiam-se em campos opostos. Envenenados de personalismo destruidor, brandiam as armas da insidia e da leviandade, através de Tribunais e Secretarias. A obra generosa transformara-se, pela invigilância da maioria num grande movimento de ambições commercialistas. Inegavelmente, havia ali, como em toda parte, trabalhadores honestos e sacrificados, mas, qualquer solução justa só poderia resultar de uma cooperação geral.

No auge da luta, os caricaturistas da zona invisível lembraram o Saraiva. Não seria chegado o momento de lhe inutilizar as energias desferindo golpes no Instrutor espiritual? Alguem chegou mesmo a declarar sutilmente:

— Insinuaremos a vinda do Constantino, e se chamarem Fanuel a esclarecimentos, é natural que não possa êle atender á generalidade, onde ha tantos descontentes. Estabelecida a impressão nervosa nos culpados, entraremos a dominar os incautos e promoveremos atritos fortes. E' de esperar que o escandalo tome proporções devastadoras e, em seguida, Saraiva ha de procurar quem lhe exaltou as qualidades de peão.

Riu-se o grupo gostosamente e deu mãos á obra. Daí a dias, Constantino foi convidado a visitar a grande cidade, onde lavrava a confusão lastimavel. Consultaram o chefe de serviço quanto á licença, e como não houvesse embargos de qualquer natureza, Saraiva po-

deria partir oportunamente. Constantino, porém, assoberbado de obrigações diversas, não desejava empreender a viagem estafante, — mais de mil quilômetros de via-férrea — e manteve-se no retraimento que lhe era peculiar. Os malfeitores, contudo, desejavam atingir seus fins e sugeriram sutilmente que se oferecesse a Saraiva homenagens espetaculares. Mais alguns dias e Constantino soube pelos jornais, que lhe preparavam recepção de grande vulto. Reunir-se-iam os companheiros em preitos honrosos, cada solenidade congregaria numero consideravel de admiradores e amigos.

Constantino, que não conhecia as tramas e dramas distantes, comoveu-se ao extremo. Já que se tratava de movimento tão honroso e distinto, abalançar-se-ia á viagem, sem mais hesitação. Orou, meditou. Fanuel aproximou-se e recomendou vigilância. Não era essa, entretanto, a advertencia comum, de todos os dias? Cheio de emoção, o médium não percebia que fôra beliscado na vaidade de criatura falível. No seu modo de entender, devia sacrificar-se, correr ao encontro dos seus irmãos na fé. Não se organizava homenagens em sua honra? Longe de recordar que semelhantes preitos deviam conferir-se a quem de direito, a começar por Jesus Cristo, e não a êle Constantino, operario a meio da tarefa, ignorando se lhe chegaria a termo, dignamente. Começou por antever as demonstrações de apreço, os aplausos gerais, e iniciou providencias imediatas.

Reconhecendo-lhe a perigosa atitude mental, Fanuel procurou socorre-lo por intermedio do chefe de serviço. Na manhã em que deliberou em contrário, o rapaz procurou o diretor de trabalho e pediu humilde:

— Doutor, mudei de opinião relativamente á viagem e desejo o favor de sua licença.

Avisado intuitivamente de Fanuel, o interpelado obtemperou:

— Não me oponho aos seus desejos, mas olhe que as necessidades do serviço tambem mudaram. Seria difficil autorizar sua ausencia, agora. Não seria possível adiar o projeto?

— Mas, doutor — considerou o médium — os companheiros prepararam-me grandes festividades para as quais, naturalmente, dispenderam recursos e receio passar por ingrato. Além do mais, creio que precisam da minha colaboração nas dificuldades e sofrimentos que arrostando no momento e não desejo parecer indiferente.

Fixou-o o diretor e observou:

— Não tenho interesse em desviar-lo de obrigações que considera sagradas, mas sou de parecer que deve ponderar as próprias disposições. Se pretende viajar em tarefa de auxílio, não esqueça a vigilância. Onde a razão de festivais e homenagens? O regosijo não mora em companhia da angústia.

O médium fôra sacudido pelas forças da verdade, mas não despertou. Fanuel fazia o possível por acordá-lo, mas perdia os melhores esforços. Os dias continuaram registando a insistência de Saraiva e a natural esquivança do chefe de serviço, até que, notando este a firme resolução do rapaz, não quis parecer tirânico e acabou por dizer-lhe:

— Pois bem, Saraiva, pôde ir quando julgar conveniente. Você é dono de si e cada qual deve conhecer as obrigações próprias.

Obtida a permissão, o médium tomou as primeiras providências. Nesse interim, registava-se grande contentamento dos adversários gratuitos e enorme preocupação dos amigos sinceros de Constantino.

A escola de Fanuel, na esfera superior, começou a ser visitada por companheiros esclarecidos, desejosos de informações sobre o assunto.

Um velho amigo perguntou ao respeitável mentor:

— Será crível que Saraiva deite a perder patrimônio tão considerável, inclinando-se a aventuras dessa ordem, só por causa de homenagens barulhentas e ex-haustivas?

— Não é bem isso — explicava o orientador — Constantino sempre confiou em minha assistência. Tal como a maioria das criaturas, êle não compreenderia nosso auxílio fóra da velha ternura terrestre, a exprimir-se em palavras doces. E' claro que ele também é

Espirito e tem as suas responsabilidades. Poderá atender plenamente aos caricaturistas que o alvejam, mas, antes disso, não lhe negarei assistência fraternal. Talvez não nos entenda de pronto, e contudo, nossa cooperação seguiu-lo-á.

Mais tarde, veio a devotada mãe de Saraiva e inquiriu:

— Fanuel, venho rogar seus bons officios. Creio que a situação é difícil e perigosa.

O mentor generoso tranquilizou a entidade materna:

— Minha irmã pôde voltar ás suas tarefas espirituais plenamente confiante. Constantino não estará sem a nossa colaboração.

No outro dia o velho Jerónimo, também grande amigo de Saraiva, depois das primeiras considerações, perguntou:

— Fanuel, por que não procuras eliminar a dificuldade imediatamente? O pobre médium não vive isento da ignorancia peculiar aos incarnados no mundo. Não haverá meios de modificar a situação já, já?

O interpelado, com a serenidade do perfeito otimismo, esclareceu:

— Jerónimo, quando viveste na Terra ouviste falar alguma vez de rézes estouradas?

— Sem dúvida.

— Pois a mente, quando obsecada pelo impulso do proprio capricho, é, como se fôra rez estourada — continuou Fanuel bondoso — não se pôde remediar a situação com exito, senão a longas distancias. O primeiro recurso é a porteira forte; se esta não vinga, recorre-se ao laço e tudo isso, embora magôe e fira o animal, constitúe medida de salvação de morte certa. Pelas amizades que conquistou, vive Saraiva em pastagem muito extensa. Para opôr-lhe uma porteira, necessitamos longa distancia. Ele pretende viajar mais de mil quilometros. Pois bem: não poderei cercar-lhe a mente caprichosa, senão a termo do objetivo. Se falhar a porteira, recorrerei então ao laço, nesse trabalho de assistência.

Jerónimo meditou a explicação sábia e mergulhou em silêncio.

Daí a alguns dias era chamado por Fanuel, que lhe confiava os trabalhos da sua escola ativa, esclarecendo:

— Peço me substituas por três dias. Devo cercar hoje a mente do Constantino. Levarei Natercio, mesmo porque, segundo já sabes, falhando os recursos iniciais, utilizarei outros mais fortes.

E sorrindo bondosamente, acrescentava:

— Quantas vezes o incarnado quebra uma perna ou se esvai em sangue de escoriações quando socorrido? Devemos admitir providencias, que tais, no quadro dos serviços comuns. Assistirei a Saraiva em todas as circunstancias, e talvez me demore.

Com efeito, nessa noite, o médium chegava á cidade grande, depois de rodar vinte e quatro horas a fio, sobre os trilhos. Antes de atingir a estação dos abraços efusivos e dos aplausos superficiais, um amigo vem vê-lo, trazido por Fanuel, relacionando a ocorrência na serie dos casos felizes. Abraçam-se. E' quasi meia-noite, Saraiva cançadissimo aguarda o conforto da cama de hotel.

O companheiro regosija-se e exclama:

— Por aqui, tudo bem. Algumas dificuldades, mas creio que você gozará horas de entretenimento e descanso. Tenho a impressão de que numerosos amigos nossos disputam em tórno de precarios patrimonios materiais, mas isso não turvará o seu horizonte. Enfrentaremos a situação serenamente.

Natercio, o colaborador de Fanuel, aproxima-se do médium e aconselha a oração. Era meia noite, enorme o cansaço, mas Saraiva pede ao amigo que o ajude numa prece. Não deveria inclinar-se á inspiração do alto, antes de penetrar o terreno de serviços novos? O companheiro acedeu e elevaram mente e coração ao plano superior. Meditaram e esperaram. Fanuel considerou chegada a hora de opôr o impedimento prometido.

Tomando a mão de Constantino, escreveu firme:

— Grande é a luta, áspera a discordia. Nossos

irmãos ignorantes da luz espiritual, contendem na ambição e no personalismo destruidores. Necessitam bistruri a-fim-de vasarem o tumor da má vontade. Queria servir de instrumento, meu filho, quando estás sendo utilizado em tarefa superior? Considera as responsabilidades que te cabem. E se prezas nossa humilde opinião, regressa a todo pano, antes do amanhecer.

Fanuel não se estendeu em outras considerações. Constantino sentia amarguras de derrotado. E o festival e as homenagens, os amigos incientes da verdadeira fé? Num átimo, Natercio aplica-lhe fluidos salutaros. Saraiva lê a mensagem em voz alta. Está muito pálido, desencantado. Mas os fluidos de Natercio o envolvem inteiramente, atenuando os efeitos dolorosos da volta á realidade e ao dever. Constantino cria forças e diz:

— Se é assim, vamos voltar.

E ante o amigo admirado, tomou o comboio de regresso, pela madrugada, antes do amanhecer.

Entretanto, somente de volta, cessada a influencia cariciosa de Natercio, Constantino verificou que sua magua era profunda. Viajar mais de mil quilometros, sacrificar-se e voltar sem atingir o menor dos objectivos?

Dias passaram sôbre os seus desgostos e, o medium na primeira reunião recebeu encorajadora mensagem de Fanuel, que lhe dizia contente:

— Estou satisfeito: Se não te posso dar boa nota em prudencia, concedo-te ótima classificação em obediencia. Não te agastes, Constantino. Ninguém pode despertar do sono a toques de ternura. A's vezes, são necessarios jatos de agua fria. E quem poderá afirmar que isso não seja assistencia amorosa?

Saraiva, mais animado, retomou a luta, mas até hoje talvez ignore que, se não ganhara boa nota em prudencia, nem mesmo a obediencia lhe pertencia.

DOIS COMPANHEIROS

Leonel e Benjamin, dois velhos amigos do plano espiritual, mutuamente associados no êrro e na reparação, depois de minucioso exame do passado, decidiram-se a pedir concessão de novas experiencias no mundo. Esposando opiniões diversas entre si, buscaram o orientador, ansiosos da necessaria permissão para o pronto regresso á luta humana.

Após anotar-lhes as observações, sorriu o mentor amigo e obtemperou:

— E' oportuna a solicitação: Vocês necessitam intensificar o aprendizado, iluminar o entendimento, adquirir sabedoria. Escolheram ambos o mesmo genero de provas?

Levantou-se Leonel, explicando:

— Estamos acordes no pedido, mas, não temos a mesma preferencia no capitulo das tarefas. Por minha parte, desejaria a oportunidade de movimentar patrimonios terrestres, nos circulos da fortuna e da auto-ridade...

Antes que êle terminasse, Benjamin embargou-lhe a palavra e esclareceu:

— Ca por mim, escolhi a condição de pobreza e sofrimento. Pediria, se possível, a supressão de toda possibilidade de contentamento na Terra. Encareço problemas de penuria e dificuldades, a-fim-de valorizar o que hei recebido da Providencia.

Estampando no semblante o sorriso sereno da sabedoria, o generoso orientador considerou:

— Não posso interferir na liberdade de ambos.

Conhecem vocês a extensão dos debitos contraídos. De algum tempo, sou testemunha da luta enorme em que se empenharam para o resgate. Fizeram jús, por isto, a novo ensejo de trabalho e elevação. Devo ponderar, todavia, que embora divergentes na escolha, ainda não poderão afastar-se um do outro, na proxima experiencia de redenção. Partilha no erro determina partilha de responsabilidades e consequencias. Ser-lhes-ão abertas as portas do serviço santificador. Não se desunam, pois, nos caminhos da purificação, jámais desprezem a possibilidade de aprender. Fortuna e pobreza são bancas de prova na escola das experiencias terrestres. São continentes da probabilidade. Ambas oferecem horizontes largos a divinas realizações. Que saibam receber as benções de Deus, são os meus votos.

Leonel e Benjamin ouviram os conceitos judiciosos, renovaram promessas e partiram mais tarde. Atendendo a própria escolha, nasceu o primeiro na casa farta de rico proprietario rural, que lhe fôra muito amado noutras existencias. Daí a dias, velha serva da casa rica era igualmente mãe, fornecendo ao segundo o ensejo de realizar os planos traçados.

Enquanto houve paisagens risonhas de infancia, ambos os companheiros, tão unidos pelo coração e tão distantes pelo nascimento, viveram no róseo céu da harmonia; mas quando Leonel começou a sorver o conteúdo dos livros propriamente do mundo, verificaram-se os primeiros sinais de incompreensão. Cada vez que o joven bem nescido regressava ao círculo doméstico em gôzo de férias escolares, assinalava-se maior distancia entre êle e o camarada da meninice. Quando o anel de grau lhe brilhou nos dedos, estava consumada a separação. Passando a administrar interesses da familia nos estabelecimentos do campo e da cidade, era ele o chefe, enquanto Benjamin se classificava no estenso quadro dos servidores.

Nessa zona de testemunho ativo, entenderam que deviam proceder como estranhos, absolutamente separados entre sí. No fundo, admiravam-se e amavam-se

reciprocamente; contudo, as ilusões terrestres enceguciam-nos.

Se Leonel se mostrava mais energico, atento ás responsabilidades do administrador, desfazia-se Benjamin em críticas acerbas e gratuitas, levado pelo despeito. Se Benjamin aumentava, involuntariamente, a lista de necessidades pessoais, multiplicava Leonel o rigor, levado pelo autoritarismo.

A' certa altura da experiencia, não mais se saudaram um ao outro. Atristaram-se, trocaram acusações mutuas. O servo abandonou o trabalho diversas vezes, desejoso de experimentar a sorte em regiões diferentes; todavia, incapaz de iludir o espirito da Lei, voltava sempre, implorando readmissão. Leonel, por sua vez, renovava a concessão de serviço, embora com agravo crescente de exaspero e tirania reciprocos. Se o empregado solicitava melhoria de salario, o patrão restringia a remuneração e os beneficios.

Embriagado na visão de lucros fabulosos, Leonel pusera a mente no egoismo total. Desvairado de inconformação, Benjamin concentrava-se na rebeldia, daí resultando aumento intensivo de vaidade, orgulho, presunção, ciume, despeito e indisciplina no coração de ambos.

A Providencia Divina, que jamais deixou criaturas em abandono, enviou-lhes socorro através da assistencia religiosa. Mas o patrão, afeiçoado ao catolicismo romano, inclinava toda leitura edificante a favor da propria causa, valia-se dos conselhos do sacerdote amigo que o assistia, para justificar os erros e o seu feitio egoistico. Obsecavam-no o apêgo ao dinheiro e a idéia de lucros fáceis. Quanto ao empregado, tornara-se espiritista convicto, porém, cegavam-no a inconformação e a revolta. Qualquer advertencia dos instrutores espirituais era interpretada ao inverso. Se o amigo do outro lado da vida aludia á paciencia, não enxergava ele a inconformação propria e sim o defeito alheio, ou a insuficiencia dos outros. Se ouvia dissertações sôbre a caridade, lembrava os afortunados do mundo, com ironia. Benjamin era, afinal, desses enfermos que consideram o

remedio excelente para outrem, mas, nunca para si mesmos. Enquanto Leonel se valia das consolações da igreja católica por consolidar tradições autocraticas, Benjamin aproveitava as lições do Espiritismo para armazenar indisciplinas e difundir desesperações.

Absolutamente envenenados de teorias mentirosas, terminaram ambos a experiencia humana, na posição de inimigos irreconciliaveis.

Despertando, na vida real, sentiam-se estranhamente algemados um ao outro. Cercavam-nos sombras espessas e tristes, e como se houvessem enlouquecido, perdendo a luz da memoria, sómente a custo de muitos anos conseguiram fixar recordações das existencias obscuras.

Quando a lembrança lhes felicitou o espirito abattido, compreenderam a situação, desolados e puseram-se a procura daquele mentor generoso que lhes havia banhado o coração de sabios conselhos.

Depois de longo tempo, que lhes marcou angústias dilacerantes, foram readmitidos á presença do carinhoso orientador, que, ante as lagrimas de ambos, exclamou serenamente:

— Não estranho a dor que lhes fere o espirito enfêrmo, á face do tempo perdido e do ensêjo malbaratado. Não lhes faltou inspiração divina para o exito necessario. Entretanto, esqueceram, mais uma vez, a lei do uso, internando-se no abuso criminoso, olvidando que pobreza e fortuna constituem oportunidades do serviço divino na Terra. Os que administram são mordomos, os que obedecem são operarios, mas, no coração augusto de Nosso Pai, estamos inscritos indistintamente na categoria de cooperadores de suas obras. Se era justo obter moderação, paciencia, confiança, fé e resistencia sublime com os valores da pobreza e ganhar humildade, ponderação, entendimento, auto-dominio, bondade e paz com os valores da riqueza, adquiriram vocês desesperação, rebeldia, vaidade e ruina. Não posso asseverar que voltaram piôres que no passado escabroso, porque ninguém regride na evolução perpétua da vida; mas posso afiançar que voltaram mais sujos. A crise de ambos é de estacionamento complicado. Enquanto outros ir-

mãos nossos costumam deter a marcha em jardins ou florestas, preferiram vocês a parada em lamaçal inconcebível. Valeram-se das sagradas posições de administrar e obedecer, tão só no proposito de oprimir e menosprezar. Esqueceram que todo trabalho honesto, no mundo, é titulo da Confiança Divina. Não observo qualquer traço de superioridade moral entre um e outro. Ambos faliram desastrosamente. E' a dolorosa experiencia dos que prometem sem saberem cumprir, é o fracasso do aprendiz pelo descuido proprio. Não vos declarei que pobreza e riqueza são continentes da probabilidade? Cultivaram, porém, a terra das concessões benditas enchendo-a de ervas venenosas e povoando-a de monstros e fantasmas. Mascararam-se a si mesmos e caíram no pantano. Que posso fazer, agora, senão lamentar a imprevidencia?

Ambos os companheiros de infortunio ouviam-no em pranto.

Reunindo todo o cabedal de energias proprias, Leonel adquiriu coragem e interrogou:

— Não poderíamos, entretanto, recomeçar juntos a prova da fortuna e da pobreza? Estou convencido de que venceremos agora.

— Sim — respondeu o instrutor sabiamente — a medida é possível. No entanto, segundo observei, vocês regressaram enlameados. A oportunidade desejavel, por enquanto, é a de se lavarem convenientemente, afim de proseguir caminho.

Calou-se o mentor amigo. Leonel e Benjamin entenderam sem dificuldade. E depois de algum tempo renasciam na Terra, procurando o tanque fundo e vasto do sofrimento.

A QUEIXOSA

Benvinda Fragoso tornara-se amplamente conhecida pelas suas queixas constantes. Quem a ouvisse na relação dos fatos comuns afirmaria, sem hesitar, que a infeliz arrematara todos os desgostos do mundo.

Orfã de pai e mãe, vivia a custa de salario modesto, na fábrica de toalhas, onde fôra admitida por osequio de amigos devotados. Todavia, se a existencia era laboriosa, não faltavam recursos por torna-la melhor. Não se casara, mas dois sobrinhos inteligentes e generosos faziam-lhe companhia no ambiente doméstico. Os progenitores não lhe deixaram haveres em especie, mas sempre legaram á filha o patrimonio do lar, edificado a prego de sublimes sacrificios.

Benvinda rodeava-se de oportunidades benditas, mas não sabia aproveitar-las. Cristalizara-se nas queixas dolorosas, aniquilando as proprias energias. A mente enfermeira desfigurava as sugestões mais belas da vida diária.

— Sou profundamente infeliz — dizia á uma colega de trabalho — vivo isolada, á maneira de animal sem dono, ao léu da sorte. Morrer seria para mim uma felicidade. Diz-se que o fim é sempre doloroso. Não será, porém, mais agradável alcançar o termo do caminho no seio de tantas sombras e surpresas angustiosas?

— Não diga isso, Benvinda — observava a companheira com intimidade — temos saude, não nos falta trabalho, teus sobrinhos gostam de ti. Não nos sintamos desditosas, quando a oportunidade de serviço continúa em nossas mãos.

Mal humorada — explodia a queixosa, exasperada:

— Que diz? a existencia esmaga-me e desde a infancia ha sido para mim pesada carga de sofrimentos. Rereferes-te aos sobrinhos e que significam eles em meu caminho senão agravo de preocupações? O mundo é carcere tenebroso, inferno terrível, onde somos convocados a ranger dentes.

Calava-se a colega, ante o transbordamento de revolta insensata.

Na estação do frio, aferrava-se Benvinda em lamentações amargosas; no verão, acusava a natureza, declarava-se incapaz de tolerar o calor; e se chovia, amaldiçoava as nuvens generosas.

Dispondo de muitas horas no ambiente doméstico, a infeliz nunca soube valorizar o santo aconchego das paredes acolhedoras, onde os pais carinhosos lhe haviam dado o beijo da vida.

Enquanto os sobrinhos, quasi crianças, permaneciam no trabalho, Benvinda recorria ás vizinhas e, mãos cruzadas em sinal de preguiça, continuava incorrigível:

— Ah! dona Guilhermina, a vida vai-se tornando insuportavel. Este mundo resume-se em miseria e desengano. Até quando serei humilhada e perseguida pela má sorte?

— Oh! minha filha — respondia a interpelada fazendo gestos de mãe compadecida, por ocultar a verdadeira expressão da personalidade habituada á maledicencia — Deus é bom Pai. Não desanime. Tenhamos confiança na Providencia. Tudo passa neste mundo. A fé pode transformar nossas dificuldades em motivos de vitoria e alegria.

— Fé? — replicava Benvinda exaltada — estou descrente das orações. Deus nunca me atende. Quando sonhava, ha dez anos, a organização de um lar que fosse sómente meu, rezei pedindo a proteção do céu e meu noivo desapareceu para desposar outra joven, mais tarde, longe de mim. Quando meu pai se decidiu á operação, supliquei á Providencia lhe poupasse a vida, atendendo a que eu era orfã de mãe, desde os mais tenros anos, e sobreveiu a infecção que o levou á sepultura. Quando minha unica irmã adoeceu, recorri de novo

á confiança no poder celestial e Priscila morreu, deixando-me os filhos por criar, através de obstaculos numerosos. Como vê a senhora, minha crença não poderia resistir a choques tamanhos. Estou sózinha, abandonada; sou o cão anonimo, desprezado em desvãos do caminho.

Mas, como a assistencia espiritual da esfera superior vale-se de todos os meios por socorrer ignorantes e infelizes, a vizinha, não obstante a má fé, constituia-se em instrumento de consolação ao bafejo de amigos desvelados do plano superior e replicava:

— Entretanto, quem sabe todas as desilusões não resultaram em beneficio? O noivo que a enchia de esperanca, talvez a envenenasse de desesperação, mais tarde; o progenitor teria evitado a operação cirurgica, mas possivelmente se tornaria dementado, percorrendo hospícios ou convertendo-se em palhaço da via pública; a irmã ter-se-ia curado da pneumonia, mas, viuva muito joven, talvez lhe amargurasse o coração fraterno, cedendo a sugestões inferiores no caminho da vida.

Em vez de ponderar as observações amigas, Benvinda retrucava:

— Não me conformo: para mim a vida se resume no drama pungente que aniquila o espirito, ou na comédia que revolta o coração.

A palestra continuava, pontilhada de lamentos e acusações gratuitas ao mundo, até que os rapazelhos chamavam á porta. A tia, que perdera tempo em lamúria improduttiva, aproximava-se do fogão apressada.

— Esta vida não me serve! — dizia em voz alta, amedrontando os jovens — até quando serei escrava dos outros, capacho do destino?! Maldita a hora em que nasci para ser tão desgraçada.

Os sobrinhos miravam-na entristecidos.

— Quando conseguirmos melhor remuneração, tia — exclamava um deles, bondosamente — havemos de auxilia-la, retirando-a da fábrica. Não é a senhora nossa verdadeira mãe pelo espirito?

Benvinda, no entanto, longe de comover-se com a observação carinhosa, multiplicava as impertinencias.

— Não creio em ninguém — bradava de cenho carregado — quando vocês puderem me deixarão na primeira esquina. Não pensam senão em diversões e más companhias. Crêem que resolverão meus problemas com promessas?

Observando-lhe a feição neurastênica, os rapazes esperavam a refeição sisudamente calados. Terminada esta, regressavam naturalmente á rua. O ambiente doméstico pesava. A lamentação viciosa é força destrutiva.

Benvinda não reparava que as amizadas mais intimas a deixavam sózinha no círculo das queixas injustificadas. Ninguém estava disposto a ouvir-lhe blasfêmias e críticas impiedosas. As colegas de serviço evitavam-lhe a palestra desanimadora. As vizinhas refugiavam-se em casa ao vê-la em disponibilidade no quintal invadido de ervas rústicas. Os sobrinhos toleravam-na desenvolvendo imenso esforço. Nesse isolamento, a infeliz piorava sempre. Começou a queixar-se amargamente do serviço e a acusar a administração da fábrica. Enquanto sua atitude se limitava a círculo reduzido, nada aconteceu de extraordinário; todavia, quando resolveu dirigir-se ao gerente para reclamações descaídas, recebeu a ordem inflexível de demissão.

Enclausurada no desespero, não tinha percepção das oportunidades que se desdobram no caminho de todas as criaturas, nem compreendia que não era a única pessoa a lutar no mundo. Crendo-se martir, agravou a ociosidade mental e foi relegada a plano de absoluto isolamento. Nem amigos, nem trabalho, nem colegas, nem sobrinhos. Tudo fugiu, evitando-lhe a atmosfera de padecimento voluntário.

Depois de perder a casa, em venda desvantajosa, por obter recurso á manutenção própria, passou ao terreno da mendicância sórdida.

Foi nessa situação escabrosa que a morte do corpo a compeliu a novos testemunhos.

Desencantada e abatida, acordou na vida real em solidão mais dolorosa. Ninguém a esperava no pórtico de revelações do Além-tumulo. Estava só, sem mão

amiga. E os sofrimentos de que se julgara vítima na Terra? Não esperava convertê-los em títulos de ventura celestial? Descrera da Providencia no mundo e no entanto, no intimo, sempre acreditara que haveria glorioso lugar para os desventurados e famintos da experiencia humana. Depois de longo tempo, em que se multiplicavam provas ásperas, rogou ao Espirito de sua mãe que a esclarecesse na paisagem nova. Tinha sede de explicações, ansias de paz e fome de entendimento.

Depois da súplica formulada com lagrimas angustiosas, sentiu a aproximação da desvelada progenitora.

— Benvinda — murmurou a terna mensageira, carinhosamente — não te dirijas a Nosso Pai lamentando o aprendizado em que te encontras. Toda queixa viciosa, minha filha, converte-se em crítica injusta á Providencia. Estás convicta de que sofreste na Terra; entretanto, a verdade é que envenenaste os poços da Divina Misericordia. Fugiste ás ocasiões de trabalho, desfiguraste o quadro sublime de realizações que te aguardavam a boa vontade nas estradas da luta humana. Hoje aprendes que a lamentação é energia que dissolve o carater e opera o isolamento da criatura. Não conseguiste afeições em ninguém, não soubeste conquistar a gratidão das crituras, nem mesmo das cousas mais ínfimas do caminho. Sofre, minha filha! A dor de agora é tua criação exclusiva. Não imputes a Deus falhas que se verificaram por ti mesma.

— Oh! minha mãe! — suplicou a infeliz — não poderei, porém, voltar e aprender novamente no mundo?

— Mais tarde. Por agora, para que alcances alguma tranquillidade, incorporar-te-ás á extensa falange espiritual que axilia os rebeldes e inconformados da luta humana. Reduziste a existencia a montão de queixas angustiosas, sem razão de ser. Trabalharás agora, em espirito, ao lado daqueles que se fecham na teimosia quasi impenetravel, afim de compreenderes o trabalho perdido...

E a queixosa trabalha até agora, por abrir concienças endurecidas á compreensão das benções divinas.

E' por isso que muitos homens, em momentos de repouso, são por vezes assaltados de idéias súbitas de trabalhos inesperados. Criaturas e cousas enchem-lhe a visão interna, requisitando atividade mais intensa. E' que por aí, ao redor da mente em descanso, começam a operar os irmãos de Benvinda, afim de que a preguiça não lhes aniquile a oportunidade, qual aconteceu a eles mesmos.

O DIAGNOSTICO

Antes da reunião, Tomé Colavida imprimiu a carícia habitual aos bigodes longos, fispou a médium Dona Eulalia com um olhar de prevenção e dirigiu-se ao orientador dos trabalhos, atenciosamente:

— Senhor Martinho, vejamos o caso de meu diagnostico. Iniciados os serviços psicográficos, espero que o receitista me não falte com os esclarecimentos técnicos, relativamente aos meus males organicos. Imagine o senhor que já visitei diversos agrupamentos sem resultado satisfatório.

— Não obteve definições precisas? — indagou o bondoso diretor da reunião, demonstrando fraternal interesse.

— Nunca. Frequentemente, recebo mensagens de Acacio, amorosa entidade que se afirma amigo de outras eras; todavia, suas elucidações não me satisfazem. E vivo desalentado, aflito. Desde muito, permaneço arredo da medicina. Meu sobrinho Sinfronio, clinico de renome, aconselhou-me exames detalhados. Entretanto, perambulei em vão, através de laboratorios, por mais de dois anos e, de alguns meses para cá, vivo interessado no Espiritismo, procurando, porém, inutilmente, a solução do meu caso, pelas salas mediunicas.

— Mas, não terá obtido conselhos, receituário, indicações? — inqueriu Martinho emocionado.

— Sim — esclareceu o doente — semelhantes recursos não me têm faltado; contudo, que me vale o roteiro sem nomenclatura? Necessito obter o diagnostico de minha verdadeira situação. Creio não andaria

bem avisado se usasse remedios ignorando quais os sofrimentos fisicos. Preciso esclarecimentos exatos, diretrizes francas. Apesar, porém, de minha insistencia, os Espiritos nunca traçaram o diagnóstico desejado. Aconselham-me, atendendo talvez a minha ansiedade, com a panacéia das boas palavras. Entretanto, isto não serve o meu temperamento amigo da verdade.

Martinho sorriu paciente e obtemperou:

— Em todas as cousas, meu amigo, ha que considerar os designios providenciais de Deus.

— Mas não estou contra Deus — objetou o doente, numa expressão de superioridade. Se é que os desincarnados vêem nossa maquina organica, externa e internamente, por que semelhantes esquivança aos meus pedidos reiterados? Sabem acima dos medicos, enxergam mais que os raios X, auscultam além da epiderme. Donos de tamanhas possibilidades, por que a negação de algumas palavras que me aclarem as dúvidas? Medicar-se alguém, sem o conhecimento da propria situação, constitue grave perigo. Simples receituário não satisfaz ao homem observador e inteligente.

O orientador da reunião não quis alimentar a palestra e permaneceu em silencio, convidando, em seguida, os presentes á oração habitual.

Terminados os trabalhos, a folha de papel que relacionava o nome de Colavida não exhibia cousa alguma, além de certas indicações para tratamento. Nada de explicações técnicas, nada de terminologia científica.

— E o diagnóstico? — perguntou o enfermo desapontado, fitando a médium, entre a desconfiança e a censura.

— Não recebi qualquer observação, neste sentido — murmurou Dona Eulalia, humilde e timida.

— Ora, ora, senhor Martinho — disse Tomé ao diretor dos trabalhos — ás vezes, chego a pensar que este movimento de comunicações com o outro mundo não passa de grosseira mistificação. Peço definições médicas e respondem-me com apontamentos de alimentação e nomes de tinturas! Onde iremos com isto?

Depois de mirar Dona Eulalia, de alto a baixo, com ares de zombaria, perguntou:

— Quem receita por seu intermedio?

— E' o Dr. João Crisóstomo de Toledo, que foi antigo médico nestes sitios.

Tomé riu, sarcástico, e acrescentou:

— Parece que ele anda desmemoriado e completamente alheio á medicina. Este Espirito deve ser um espertalhão.

A' essa altura, Martinho adiantou-se:

— Mas, senhor Colavida, nesta casa não temos o direito de insultar benfeitores. Não sómente os Espiritos amigos, mas tambem Dona Eulalia não nos pedem retribuição alguma. Os mentores espirituais, certamente, sacrificam-se bastante, vindo até nós, e a médium abandona sagradas obrigações domesticas por atender aos nossos apelos. Não desconheço as nossas deficiencias e admito que a nossa tarefa esteja repleta de falhas e erros que a experiencia corrigirá; mas, seria justo acusar de embusteiros aos que se devotam ao trabalho, com amor e renúnciação?

Tomé percebeu o terreno falso em que se colocara, pediu desculpas, invocou o famoso subconciente e rogou fosse admitido á proxima sessão, recebendo as melhores expressões de fraternidade por parte dos companheiros ali reunidos.

Na semana seguinte, repetiram-se os mesmos comentarios, com a teimosia renitente de Colavida, a boa vontade de Martinho e a natural timidez de Dona Eulalia. O enfermo estava ansioso. Solicitava pareceres do medico desincarnado, emitia observações técnicas e, por ultimo pedia, se possivel, o comparecimento de Acacio, o amigo invisivel, para maior esclarecimento da situação. Findos os trabalhos da noite, verificou-se que João Crisóstomo lançara no papel as mesmas recomendações anteriores, sem omitir uma virgula. Nada de nomear a enfermidade do consultente. Acacio, contudo, escrevera-lhe mensagem ponderada e afetuosa.

— Meu irmão — dizia êle, revelando intimidade e carinho — não aguardes um diagnostico que nos seria

difícil fornecer. Vale-te da cooperação do amigo espiritual que te ministrou indicações tão uteis e procura pô-las em prática. Porque impôr condições aos que te beneficiam? O grande problema não é o de receberes uma frase complicada, á guisa de definição, mas sim buscares a restauração das tuas energias, cheio de boa vontade. O diagnostico, Tomé, nem sempre pode ser perfeito e nem sempre se ajusta ás finalidades da renovação organica. O corpo do homem é uma usina de fôrças vivas, cujos movimentos se repetem no tocante ao conjunto, mas que nunca se reproduzem na esfera dos detalhes. As dores de cabeça são identicas nas sensações que proporcionam, mas quasi sempre desiguais nas origens. Como endereçar-te um diagnostico exato, se amanhã sensíveis modificações podem ocorrer em tuas células mais intimas? Não te furtas ao benefício, apenas porque não podes impressionar os olhos mortais com meia duzia de termos indecifráveis. Trata-te, meu amigo! o tempo é precioso. Cuida da maquinaria fisica, aceita a bondade do Eterno Pai, sem cristalizar o pensamento nas normas secundárias da ciencia terrestre. Lembra que te amamos intensamente e desejamos teu bem-estar”.

Leu Colavida a mensagem afetuosa, volvendo irritado:

— Afinal, estou sem compreender cousa alguma. Sinto-me doente, cansado, peço esclarecimentos que satisfacão e os invisíveis me dirigem exortações?!

E, fixando o olhar na médium, rematava:

— Francamente, minha decepção é sem limites. Martinho, na fé serena que lhe assinalava as atitudes, ajuntou tranquilo:

— E' o que merecemos, meu amigo. Desejavamos receber o diagnostico, mas...

— Tomé coçou nervosamente a cabeça e cortou-lhe a palavra:

— Nada de reticencias. Presenciamos verdadeiros fracassos. O que lastimo é o tempo perdido a procurar elucidacões, quando me asseveravam que o espiritismo é fonte de verdade. Onde a franqueza nestas farsas

em que venho pondo minhas melhores esperanças? Em todos os grupos, apenas encontrei material incompleto, entre médiuns supostamente humildes e doutrinadores pretensamente inspirados. Estou farto. Não vim procurar consolações, mas informes necessarios. Estes Espiritos, contudo, devem andar lá no alto á maneira dos asnos cá em baixo. Em toda parte é dissimulação, ignorancia, fanatismo. Solicito diagnostico e lancam-me recomendações estranhas a todo conhecimento de posologia. Abandonarei minha experiencia, convencido de que Espiritismo e mediunidade são duas tolices mundiais.

Os companheiros já se haviam retirado. Apenas Martinho e Dona Eulalia permaneciam ali, suportando heroicamente a neurastenia do enfermo malcriado. Reconhecendo-lhe a irritação, dispunham-se ambos a abandonar o recinto, em silencio, quando, ao primeiro gesto de despedida, Tomé procurou retê-los ansiosamente:

— Por quem são! ajudem-me!... Não desejo sair, experimentando tamanha impressão de abatimento moral. Quero a verdade, senhor Martinho. Auxilie-me na consecução deste proposito. A falta do diagnostico desejado acabrunha-me. Sinto que tudo é mentira em torno de meus passos.

E, depois de fixar a médium, ansiosamente, concluiu:

— Dona Eulalia, se esses Espiritos que a senhora diz ouvir e ver são personalidades reais, por que razão me negam a verdade? Agora que estamos a sós, atendam-me por amor de Deus. Peçamos diretamente aos invisíveis que se manifestem e me esclareçam.

Havia tamanha emoção naquelas palavras, que Martinho e a médium se entreolharam penalizados. A' interpeleção silenciosa do diretor das sessões, a nobre senhora respondeu bondosamente:

— Estou pronta.

Sentaram-se os três. O orientador orou com lagrimas, invocando a Providência Divina. Foi então que o amigo espiritual, por intermedio de Dona Eulalia, falou em voz triste, mas firme:

— Tomé, em vão temos procurado auxiliar-te na cura. Atende ao teu caso organico, enquanto é tempo, porque teu corpo está dominado pela morfêia nervosa.

Colavida fêz-se palido e esforçou-se por não cair, ali mesmo, fulminado pelo diagnostico doloroso.

Suspenderam-se as preces, sob forte emoção.

No dia immediato, o doente atormentado procurou gabinetes de pesquisas e especialistas em molestias do sangue, obtendo a confirmação amarga. A' noite, insistiu para que Martinho e Dona Eulalia se reunissem na sua companhia. Estava desfigurado, em pranto. Terminada a prece do diretor da reduzida assemblêia, o enfermo exclamou soluçando:

— Oh! benfeitores invisiveis, por quem sois, auxiliai-me no destino cruel! Que surpresa dolorosa me preparastes, dando-me conhecimento da realidade terrivel!...

Mas, nesse instante, a generosa entidade de Acacio tomou o punho da médium e escreveu:

— Conformate, meu querido Tomé! Não querias a verdade completa, o diagnostico aproximado de tua situação organica? Não chores. Lembra-te que Jesus é o Divino Medico e não esqueças que, se tens agora a lepra do mundo, não estás esquecido pela bondade de Deus.

MANIA DE ENFERMIDADE

— Vamos Luisa! — exclamava Inácio Penaranda, dirigindo-se á esposa afetuosamente — creio estimarás o tema evangelico desta noite. Prometem-nos valiosas conclusões, relativamente á mediunidade e no seu exercicio. Ao que suponho, os esclarecimentos apresentarão singular interesse para nós ambos.

Luisa apoiou o rosto na mão direita, num gesto muito seu, e disse com enfado:

— Ora, Inácio, achas que posso cometer a imprudencia de enfrentar a noite chuvosa? E a minha nevralgia? A gripe do Carlos e o reumatismo de mamãe? Não teria ouvidos para as lições a que te referes. Francamente, não posso compreender tuas boas disposições invariaveis.

Inácio aprimorava o nó da gravata e respondia:

— Compreendo os teus cuidados, mas devo lembrar que ha três anos te esquivas á minha companhia. Naturalmente, devo ser o primeiro a encarecer tuas virtudes de filha e mãe; creio, porém, que exageras o sentido das enfermidades. Em vão procuro interessar-te nos problemas da fé, inutilmente busco inclinar-te a mente para os problemas mais nobres da vida. Não sabes falar senão de doenças, insonias, ventosas, injeções e comprimidos. Vives quasi esmagada por expectativas angustiosas. A chuva aborrece-te, o frio te atormenta, o vento leve te atemoriza. Tudo isso é de lamentar, porque nossa casa não se formou no pantano da ignorancia, mas nos alicerces de conhecimentos solidos. Nossa fé consagra a iluminação intima como patrimonio mais

precioso do mundo. Porque, então, viver assim, descrente de Deus e de ti mesma?

A senhora Penaranda esboçou um gesto de sensibilidade ofendida e redarguiu chorando:

— Sempre as mesmas exortações ásperas! Quando me poderás compreender? Sabe Deus minhas lutas, meus esforços para reaver a saúde perdida!...

— Certamente, Deus não desconhece nossos trabalhos, mas também não poderia aplaudir nossas inquietações injustificadas.

Dona Luisa cravou os olhos no companheiro, extremamente excitada, e bradou:

— Céus! Que infelicidade a minha! Que mágua irremediável! Estou só, ninguém me compreende. Valha-me Nosso Senhor Jesus Cristo!...

Após dirigir-lhe um olhar de piedade, o marido despedia-se:

— Não precisas aumentar a lamentação. Até logo.

A companheira torcia as mãos, desconsolada; todavia, escoados alguns minutos, correu á porta de saída, a gritar:

— Inácio! Inácio!

Ele voltou a indagar os motivos do chamamento.

— A capa! — explicava a dona da casa, ansiosamente. — Esqueceste a capa... Lembra que me sinto aniquilada. Não queiras também arruinar a saúde.

Inácio, resignado, vestiu o capote impermeável e saiu calmamente.

Aquela mania da senhora Penaranda, contudo, era muito velha. Dona Luisa não enxergava senão miasmas e pestilencias por todos os lados. Embora as dores que cultivava, grande parte do dia era por ela empregado em esfregar metodicamente o assoalho, receosa do acúmulo de pó. Nunca permitia que o filho se levantasse da cama antes que o sól inundasse as dependencias da casa; trazia a velha progenitora quase totalmente enfaixada num quarto escuro, rodeada de unguentos e caixas de injeções, e para si mesma descobria diariamente os mais extravagantes sintomas. Referia-se a dores nos braços, nas pernas, no rosto. Dizia-se vítima

de todos os sofrimentos físicos. A imaginação enfermiza engendrava molestias nas mais ínfimas sensações e, na residencia dos Penaranda, nos fins de mês, as contas da farmacia superavam todas as demais despesas reunidas. Debalde o marido lhe oferecera as luzes do Espiritismo cristão, ansioso por modificar-lhe as disposições mentais. Dona Luisa furtava-se ás observações mais sérias e não sabia viver senão entre sustos, pavores e preocupações. Raro o dia que ao voltar dos serviços habituais, não a encontrava o companheiro afogada em grosso costume de lã, herméticamente encafuada na alcova, a lamentar o vento, a humidade, a nuvem...

De quando em quando, valia-se Inácio de oportunidades da conversação comum, tentando incutir idéias novas no espirito da companheira, de modo a criar-lhe ambiente diverso. A teimosa senhora não se resignava a omitir comentários a doenças de toda sorte.

Quando a situação doméstica se tornou mais grave, o chefe da familia não se conteve e intimou a esposa a ocupar-se de assuntos mais elevados, compelindo-a a examinar nobres problemas espirituais e a ouvir preleções evangélicas em sua companhia.

Dona Luisa atendeu, porém, constringidamente, a queixar-se amargurada. No curso das reuniões a que compareceu forçada pelo marido, causava compaixão a quantos lhe ouviam a palavra lamentosa. A infeliz criatura não andava; arrastava-se. Suas considerações sobre a vida eram acompanhadas de suspiros comovedores, como se a sua palestra não devesse passar de gemidos longos. Não escutava as dissertações construtivas nem participava das orações no ambiente geral. Apenas prestava atenção ás consolações de Salatiél, o amavel benfeitor invisível, que comparecia a quase todas as reuniões. A' maneira de criança viciada a receber carinhos, cheia de noção exclusivista, Dona Luisa agarrava-se ás expressões de conforto, completamente alheia aos apelos de ordem espiritual. Parecia, contudo, tão esmagada de padecimentos físicos, que a senhora Marcondes, devotada médium do grupo, se ofe-

receu voluntariamente a levar-lhe socorros espirituais na propria residencia. A familia Penaranda aceitou, sumamente reconhecida. Enquanto Inácio examinava a possibilidade da renovação mental da esposa, antegozava Dona Luisa o momento em que pudesse conversar com o Espirito de Salatiel, quase a sós, para comentar as enfermidades numerosas que lhe invadiam o corpo e lhe assaltavam o lar.

Começaram os trabalhos de assistencia, em círculo muito intimo.

O dono da casa não cabia em si de esperança e contentamento.

Na primeira noite de orações, Salatiél discorreu sobre a Providencia do Eterno Pai e as divinas possibilidades da criatura. O verbo amoroso e sabio da veneravel entidade extravazava luz de esclarecimento e mel de sabedoria. Mas, com enorme surpresa dos presentes, finda a preleção, Dona Luisa adiantou-se interpellando o instrutor invisivel:

— Meu caro protetor, antes de vos retirardes gostaria de vos ouvir sobre as dores que venho sentindo no braço esquerdo.

Depois de prolongado silencio, o amigo espiritual, como o homem educado a atender uma criança, respondeu qualquer cousa que a induzia á confiança no poder divino.

A consulente não se deu por satisfeita e pediu explicações para a comichão que sentia nos pés; tambem sobre o abatimento do filhinho e um exame dos orgãos de sua velha mãe. Sentindo-se crivado de interrogações inoportunas o benfeitor invisivel prometeu alongar-se convenientemente no assunto, na reunião da semana seguinte.

Com efeito, na sessão imediata, compareceu Salatiél e endereçou significativa mensagem á senhora Penaranda.

— Minha irmã — dizia êle solicitamente — não construas cárcere mental para as tuas possibilidades criadoras na vida. E' razoavel que o doente procure

remédio, como o sedento se encaminha á fonte amiga que lhe desaltera a sede. Não envenenes, porém, os teus dias no mundo com a idéia de enfermidades. Porque esperar a saude completa, num plano de material imperfeito como a Terra? Se o planeta é, reconhecidamente, uma escola, é justo não possa constituir morada exclusiva de educadores. Se a reencarnação é desgaste de arestas, como aguardar expressão de pureza absoluta nos elementos em atrito? O corpo humano é campo de forças vivas. Milhões de individuos celulares aí se agitam, á moda dos homens nas colonias e cidades tumultuosas. Ha continuos serviços renovadores na assimilação e desassimilação. Se isto é inevitavel, como aguardar perfeita harmonia organica na máquina celular desmontavel e perecivel? Lembra que esse laboratorio corporal, transformavel e provisorio, é o templo onde poderás adquirir a saude eterna do Espirito. Andaria acertado o crente que se deixasse deter voluntariamente no lodo que recobre as paredes da sua casa de oração, indiferente á intimidade sublime e profunda do santuário? E' justo que as figurações externas requisitem a nossa atenção, mas não podemos esquecer o essencial, o imperecivel e o melhor. Pondera minhas despreziosas palavras e liberta a mente encarcerada nas sombras transitorias, recordando o ensinamento de Jesus quando asseverou que nosso tesouro estará sempre onde collocarmos o coração.

Dona Luisa, porém, continuou impermeavel ás admoestações nobres e elevadas. Não valeram conselhos de Salatiel, com amorosas interpretações do marido e dos irmãos na fé.

Os anos agravaram-lhe preocupações e manias, até que a morte do corpo se encarregou de atira-la a novas experiencias.

Qual não lhe foi, porém, a surpresa dolorosa ao ver-se sozinha, abandonada, sem ninguem?! Guardava a nítida convicção de haver transposto o limiar do sepulcro, mas continuava prostrada, experimentando vertigens, dores, comichões. Tomada de pavor, observava os

pés e mãos singularmente inchados, a epiderme manchada de notas gangrenosas dos derradeiros dias na terra. Orava, e contudo as suas orações pareciam sem éco espiritual.

Quanto tempo durou esse martirio? Luisa Penaranda não poderia responder.

Chegou, no entanto, o dia em que pôde lobrigar o vulto de Salatiel, depois de muitas lagrimas.

— Oh! veneravel amigo — exclamou a desincarnada, agarrando-lhe as mãos — por que semelhantes sofrimentos? Não é certo que deixei a experiencia terrestre? Não ouvi muitas vezes que a morte é libertação?

Enquanto o generoso emissario contemplava-a compadecido, a infeliz continuava:

— Onde a justiça de Deus que eu esperava? Nunca fui má para os outros...

A' essa altura, o benfeitor espiritual tomou a palavra e esclareceu:

— Sim, Luisa, nunca foste má para os outros, mas foste cruel contigo mesma. Não sabes que toda libertação ou escravização podem começar na Terra ou nos circulos invisiveis? Sepulcro é mudança de casa, nunca de situação espiritual. A morte do corpo não elimina o campo que plantamos. Aliás, é a sua mão que nos oferece a colheita. Preferiste a idéia de enfermidade, cultivaste-a, alentaste-a. E' natural que teu campo aqui seja o da enfermidade. Não existe outro para quem, como tu, não quis pensar outra cousa.

E, ante o olhar assombrado da infeliz, Salatiel rematava:

— Existe o Reino de Deus que aguarda a glorificação de todas as criaturas, e existem os reinos do "eu", onde nos internamos pelas criações do proprio capricho. Abandonemos os reinos inferiores das nossas ilusões, minha boa amiga! Procuremos o Reino de Deus, infinito e eterno!...

A senhora Penaranda sentiu arfar-lhe o peito, alucinada de esperanças novas.

— Leva-me contigo, generoso Salatiel! Livra-me

destes dolorosos padecimentos!... Ensina-me o caminho da Liberdade!...

O mensageiro lançou-lhe um olhar fraterno e fazendo menção de retirar-se, acentuou:

— Posso, como outrora, convidar-te, mas não posso arrastar-te. O problema pertence ao teu fôro individual. O trabalho é do teu campo. Arranca-lhe a erva daninha e semeia-o de novo. Vem conosco, Luisa. Ajuda-te. Se te sentes verdadeiramente cansada da escravidão em que tens vivido, recorda que para a libertação do espirito todo minuto é tempo de começar.

O DOUTRINADOR RIGORISTA

Palavra vigorosa e inflamada, o pregador espiritista alongava-se na exposição de sempre:

— Nunca haverá acôrdo entre o mundo e nós outros. Fugamos desta Babilonia incendiada, onde a perdição corrompe o carater e perverte as melhores energias. Neste pantano terrível, as viboras peçonhentas do crime rastejam em todas as direções. Salvaguardemo-nos, á distância, das sombras densas do pecado. Observai o abismo sob vossos pés! Trevas por todos os lados... Nas mais ínfimas estradas, a visão invariavel de poeira e lama, pedras e espinhos, desencoraja o viajor anteriormente dominado de idealismo e esperança. Revele-mos nossa repugnancia, frente ao mundo criminoso e perdido. Recordemos os santos magnanimos que iluminaram o quadro das civilizações, nos dias mais escuros. Todos êles fugiram ao planeta perverso! E' que neste lamaçal imenso, as melhores aspirações do espirito se perdem na borrasca do mal, longe de Deus!...

Macario Barroso era assim, rigorista e implacavel.

Dirigindo consideravel agrupamento espiritista, sua attitude desconcertante alcançava a comunidade inteira, dilatando preocupações e tristezas e fazendo escassear alegrias. As jovens colaboradoras nos seus trabalhos de difusão doutrinaria, não deveriam manifestar os jubilos próprios da mocidade cheia de sonhos e as gargalhadas infantís, chilreios de passaros felizes nos galhos fartos da vida, considerados por Macario como impulsos inconvenientes da meninice, requisitando repreensões ásperas.

— Não concordo com traço algum que nos recorde as perdições do mundo. Simplifiquemos tudo, combatamos a falsidade de certos principios que escancaram a porta aos pecados miseraveis.

Não reconhecia, porém, o orientador, que simplicidade não significa violência, e que os enganos de concepção tanto podem permanecer naquele que se atira á irreflexão, como no homem que deseja amadurecer o fruto quando a fronde verde apenas oferece flores tenras.

Macario, todavia, apresentava fenomeno singular. Extremista de opinião, impressionava favoravelmente a quantos lhe ouvissem pareceres, porque, no fundo, era homem devotado e sincero. Não concedia a si mesmo nenhum entretenimento, nenhum prazer. Sacrificara-se quase totalmente aos principios de que se tornara emérito pregador. Revelava gestos de profunda nobreza aos companheiros na fé e a sinceridade é sempre sedutora, onde quer que permaneça. Por isso mesmo, a psicologia de sua individualidade brilhante apresentava situações de enorme complexidade. E' que o prestigioso orientador não sabia identificar as necessidades alheias senão através dos prismas que lhe eram peculiares. No seu modo de observar, todos os casos deveriam estar afinados pelas características do que lhe era próprio. Porque guardava escabrosas impressões do passado individual, em virtude de experiencias cruéis na luta humana, criara padrão exclusivo e errôneo para julgar os outros. Pintava a negro qualquer paisagem do mundo, condenava seu tempo, não tolerava os amigos que se decidissem ao trabalho da coletividade em ambientes até agora estranhos á expressão religiosa, quais a política, a ciencia, a autoridade administrativa e o círculo das finanças. Compreendia á sua maneira que Jesus não poderia partilhar trabalhos diferentes da atividade puramente mística em si mesma, e se algum companheiro manifestava propositos de cooperar nesses setores, Macario exhibia profunda admiração e observava:

— Não concordo. Semelhante attitude é o escandalo da volta ao mundo, que deveremos detestar.

Se, em plena rua, alguém lhe mostrasse uma casa de esporte ou algum recanto de alegria popular, Barroso afastava-se intencionalmente, baixava os olhos e tomava outro rumo, esclarecendo:

— São remanescentes de Sodoma e Gomorra, redu-
tos do crime, que o fogo consumirá algum dia.

Furtava-se deliberadamente a toda palestra em que houvesse preocupação, embora correta, pelos problemas da vida social e fugia á conversação onde o bom humor estivesse amenizando as agruras do caminho comum dos homens.

Apesar de bondoso e sincero, isolou-se aos poucos, afastando-se de amigos, de companheiros e de afeições. Cheio de preocupações salvacionistas, era sempre fecundo em apelos, conselhos e advertências, onde quer que estivesse, sem a necessária seleção de valores, lugares e situações. O que definia, no entanto, como intenção regeneradora, não era mais que a imposição das idéias próprias, com o esquecimento de que para beneficiar com proveito, deveria dirigir-se á esfera mental de cada um dos irmãos na luta, sem obriga-los a procurar o plano em que se mantinha.

Debalde a carinhosa mãe lhe observou os perigos da situação. Inutilmente os amigos solicitaram-no á transformação precisa. Macario foi implacável. Preferiu a solidão, a necessidade, o abandono. Declarava-se amedrontado do mundo, onde a bagagem de seus erros tornara-se volumosa e exigia que todos os companheiros exteriorizassem receios iguais aos dele. Via monstros em todos os recantos, perversão nas alegrias mais inocentes.

El foi assim, rígido e inflexível, sem ceder absolutamente a ninguém, que o generoso doutrinador regressou á esfera espiritual.

Desprendera-se da zona carnal, quase sozinho, como preferira viver, no radicalismo dos princípios pessoais.

Muita gente passou a cataloga-lo na relação dos santos, tais os supostos sacrifícios que Barroso revelara na existencia terrestre, os quais, na realidade, não pas-

savam de imposições de sua personalidade intransigente. Todavia, enquanto reduzido grupo erigia ao desincarnado mundo de homenagens, o doutrinador passou ás surpresas inesperadas na esfera diferente de ação. Fundamente desapontado, não encontrou a paisagem que aguardava. Achou-se sem ninguém, exclusivamente sozinho. Que região era aquela constituída de montanha gelada? Contemplava á distância os vales que a neblina convertia em quadros cinzentos e indefiníveis. Frio cortante dilacerava-lhe o coração. Como interpretar a novidade constrangedora? O pobre amigo chorou amargamente, implorando elucidações da Providencia Divina. Não fôra combatente implacável dos erros e mentiras de seu ambiente e de sua época?

Decorrido muito tempo na expectativa dolorosa, foi visitado por benevolente emissário que lhe estendeu auxílios carinhosos.

— Ah! meu amigo! que fiz por merecer tamanhas flagelações? — perguntou Macario, após agradecer-lhe a presença amorosa — cumpri meus deveres, não olvidei obrigações assumidas...

O mensageiro contemplou-o afetuosamente e falou, tomando-lhe as mãos num gesto paternal:

— O' meu filho, quanto lastimo o teu desentendimento. Não posso negar-te o esforço e a boa vontade, entretanto...

— A que incompreensão vos referís? — interrogou o ex-doutrinador conturbado, — acaso não me afastei do mundo por servir a Deus?

A bondosa entidade fixou um gesto significativo e esclareceu:

— Esta simples afirmativa demonstra o teu engano fatal. Como poderia o servo atender ao senhor que lhe contratou a atividade, abandonando a zona de serviço confiada ao seu esforço? Reconhecendo a Terra integrada na criação de Deus, como cumprir os designios do Pai, fugindo-lhe aos serviços?

Enquanto Macario denunciava intraduzível angústia

no pranto que lhe borbulhava dos olhos, o amigo continuava:

— Muitas vezes procurei restituir-te o coração ao verdadeiro caminho, falando-te através de familiares e amigos prudentes, mas cristalizaste os raciocínios, cerrando as portas do plano mental aos meus apelos.

— E' que o mundo sempre me pareceu insondável abismo, de crimes sem conta... nunca pude contemplar-lo sem máguia e condenação — exprimiu-se o recém-desincarnado, lacrimoso.

— Procedeste á maneira do homem tirânico que intenta violentar quantos lhe cruzem os caminhos, obrigando-os a partilhar o resgate das dividas que lhe são próprias. Por estares endividado com a Terra, pretendeste doutrinar orgulhosamente, impondo aos outros inquietações e pesares que te pertencem ainda. Porque tamanha aversão á escola benfeitora? Acaso, meu filho, não te alimentavas do mundo, não te vestias dele? Não foi o mundo que te ministrou os primeiros conhecimentos, que te proporcionou a benção do corpo, a possibilidade de renvação individual, o reencontro de afeições divinas? Desejarias insultar a Terra, porque te concedeu a dedicação dos pais, o templo da reencarnação, a tepidez do lar, o olhar amigo dos que te amam? Recebeste com abundancia as inspirações de ordem superior, mas preferiste a solidão com a teimosia de quem não sabe renunciar aos caprichos próprios. Pregaste a palavra em nome de Jesus, convocando os ouvintes a receberem imposições, olvidando que o Mestre Divino não esperou pelas criaturas, na esfera de sua glória, mas veiu até nós, ajudando-nos a cada um.

Valendo-se da pausa intencional que o mensageiro imprimira á alocação, clamou Barroso desalentado:

— Amedrontavam-me os antros de perdição!...

— Por que pavor e não piedade? — inqueriu o sabio, serenamente. — Não te interessavas pelos enfermos do corpo? Como desprezar cheio de asco injusto os doentes da alma? Não te aproximavas carinhosamente dos mutilados físicos? Porque a repugnancia para com

os aleijados espirituais? Não ha lugares desprezíveis para o cristão fiél, porque, em toda parte, é possível praticar o bem com Jesus.

Macario, muito triste, arregalava os olhos. Começara a entender a amarga situação. Tentando, porém, a derradeira justificativa, exclamou:

— Seduzia-me a lembrança dos santos...

No entanto, antes que se alongasse em considerações novas, o mensageiro acrescentou:

— Não conheces, todavia, os santos de Jupiter ou Saturno. Tens noticias apenas dos que se glorificaram na Terra. Forçoso, pois, é reconhecer que do mundo que detestaste, saíram os Simão Pedro e os Paulo de Tarso que tanto admiras. Deste modo, claro está que o mundo somente será perverso para quem o fixe nutrindo intenções ou reminiscencias dessa natureza.

Macario Barroso experimentou tremendo choque. Entendera, enfim, o equívoco ruinoso de suas antigas concepções, caíndo em amarguroso silencio.

Daí a instantes, o emissário endereçava-lhe um gesto de adeus.

— Oh! amado benfeitor — suplicou o infeliz, banhado em lágrimas — por quanto tempo ficarei aqui, abandonado neste monte gelado?

— Esta montanha — esclareceu a generosa entidade — deve representar profundo simbolo ao teu coração. Não basta subir ao tope da cultura e do conhecimento intelectual; é preciso que haja sol de compreensão e amor que ilumine e aqueça a culminancia.

Emocionado, Barroso suplicou ainda:

— Abençoado amigo, mensageiro do Altissimo, ensinai-me a reparar meus erros, para redenção de minha pobre alma! Auxiliai-me, não me negueis vossas mãos!...

O benfeitor, prestes a partir, endereçou-lhe significativo olhar e acrescentou:

— Tens bastante conhecimento para compreender a magnanimidade de Nosso Pai. Tua questão, Macario, é com o mundo. Antigamente erraste, enlameando-lhe as estradas; presentemente renovaste o êrro, fugindo-lhe

aos serviços. Não tenho outro conselho para teu coração além da fórmula de procurares o credor e conhecer a propria conta. Quanto ao mais, meu irmão, confia na bondade do mundo e que Deus te conceda acrescimo de misericordia no resgate justo.

A CRENTE INTERESSADA

Dona Marcela Fonseca vivia os ultimos instantes na Terra.

Não obstante a gravidade do seu estado organico, a moribunda mantinha singular lucidez e dirigia-se á familia, com voz comovedora:

— A confiança em Deus não me abandonará... A Celeste Misericordia nunca desatendeu minhas rogativas... O Mestre Divino estará comigo na transição dolorosa...

Alguns parentes choravam, em tom discreto, buscando, em vão, reter as lagrimas, no amarguroso adeus.

— Não chorem, meus amigos — consolava-os a agonizante — o espirito de minha mãe, que tantas vezes ha socorrido minha alma, ha de estender-me os braços generosos!... Ha mais de trinta dias, soffro neste leito pesado de tormentos fisicos. Que representa a morte senão a desejada benção para mim, que estou ansiosa de liberdade e de novos mundos?!... Se me for permitido, voltarei muito breve a conforta-los. Não esquecerei os companheiros em tarefas porvindoiras. Creio que a morte não me oferecerá dilacerações, alem da saudade natural, por motivo do afastamento... Sempre guardei minha crença em Deus, não só na qualidade de católica e protestante, como tambem no que se refere ao Espiritismo, que abracei tomada de sincera confiança... com o mesmo fervor de minha assistencia ás missas e cultos evangelicos, dei-me ás nossas sessões, esperando assim que nada me falte nos caminhos do

Alem... Devemos aguardar as esferas felizes, os mundos de repouso e redenção!...

Os familiares presentes choravam comovidíssimos.

Dona Marcela calou-se. Depois de longos minutos de meditação, pediu fossem recitadas súplicas á Providencia Divina, acompanhando-as em silencio. Suor gelado banhava-lhe o corpo emagrecido e, pouco a pouco, perceberam os circunstantes que a moribunda exalava os ultimos suspiros.

Qual succede na maioria dos casos, portas a dentro da sociedade comum, a camara mortuaria transformou-se imediatamente em zona de prantos angustiosos, onde os que não choravam se referiam em voz alta ás virtudes da morta, e, em surdina, aos seus defeitos.

A desincarnada, contudo, não mais permanecia no ambiente de velhos desentendimentos e reiteradas dissimulações.

Sentira-se bafejada por sono caricioso e leve, após a crise organica destruidora. Branda sensação de repouso adormentara-lhe o coração. Sem poder, todavia, explicar quanto durara aquele estado de tranquilidade espiritual, Dona Marcela despertou num leito muito limpo, mas extremamente desguarnecido de conforto. A seu lado, uma velhinha carinhosa abraçava-a, chorando de júbilo, a exclamar:

— Até que enfim, querida filha! Marcela, minha adorada Marcela, que saudades do teu convívio!...

A filha respondeu ás manifestações afetivas, porém, depois de fixar detidamente a paisagem nova, não disfarçou o desapontamento que lhe dominava o espirito voluntarioso. Já não era a mesma criatura, que revelava tamanha humildade na agonia corporal. Estava agora sem o influxo das dores. Experimentava plena liberdade para respirar e mover-se. Não mais o suor incômodo, nem a martirizante dispnéia a lhe torturarem o organismo. Não mais a agonizante vencida, mas a Dona Marcela da estrada comum, atrabiliaria, exigente, insatisfeita. Embora o impulso natural de prosseguir bei-

jando a carinhosa mãezinha, não sopitou o orgulho ferido e perguntou:

— Mamãe, explique-me. Porque permanece nesses trajes? Que significa esta choupana sem conforto? Que região de vida é esta, onde a vejo tão fortemente desamparada? Será crível que seja este o seu lugar? Não foi uma crente sincera, no curso das experiencias terrestres?

A velhinha, com o olhar sereno de quem não mais teme a verdade, acentuou resignada:

— Estamos no mundo de nossas proprias criações mentais, minha filha. Segundo nossas reminiscencias, fui catolica fundamente arraigada aos meus velhos principios; contudo, não podes negar minha antiga preocupação de descansar nos esforços alheios. Recordas como torturava os servidores de nossa casa? Lembras minha tirania no lar, nos serviços de teu pai, nos atos da igreja? Quando acordei aqui, meus sofrimentos foram ilimitados, pois minhas criações individuais eram pessimias. As feras da inquietação, do remorso, do egoismo, observavam-me de todos os lados. Foi quando, então, roguei a Deus me permitisse destruir os trabalhos imperfeitos, para reconstruir concientemente de novo. E aqui me tens. Tudo pobre, humilde, desvalioso, mas para mim que já desacertei demasiadamente, ferindo ao proximo e desprezando as cousas sagradas, esta choupana pauperrima é a benção do Pai, no começo de santas experiencias.

A recém-desincarnada contemplou a escassez dos objetos de serviço, fixou a miserabilidade das peças expostas, arregalou os olhos e exclamou:

— Meu Deus! quantas situações estranhas! Mamãe, sempre a julguei nas esferas felizes!...

— Esses planos começam em nós mesmos — retrucou a progenitora, com a tranquilidade da experiencia vivida.

Recordando as inumeras manifestações religiosas a que emprestara o concurso de sua presença, a senhora Fonseca redarguiu:

— Não me conformo com a miséria a que a senhora parece andar presentemente habituada. E o meu lugar proprio? Visitei milhares de vezes os templos da fé, no mundo. E' impossível que esteja esquecida de nossos guias e benfeitores. Onde estão Bernardino e Conrado, os amorosos diretores espirituais de nossas reuniões? Preciso interpela-los relativamente á minha situação.

A velhinha bondosa sorriu e informou:

— Ambos prosseguem na abençoada faina de orientar, distribuindo beneficios; mas, as reuniões continuam na esfera do globo e nós nos achamos em círculo diferente. Que seria dos trabalhos terrestres, minha filha, se os servos de Deus abandonassem suas tarefas, apenas porque uma de nós fosse chamada á nova expressão de vida?

Marcela entendeu o profundo alcance daquelas palavras e observou:

— Qualquer outra autoridade espiritual pode servir-me. Necessito receber elucidacões directas, a respeito de minha actual posição.

A velhinha carinhosa fixou na filha o olhar afetuoso e compadecido, explicando-lhe prudentemente:

— Poderei conduzir-te á presença do generoso director de nossa comunidade espiritual. Da bondade dele, recebi permissão para buscar-te no mundo. Creio, pois que a sabedoria de nosso benfeitor será bastante aos esclarecimentos desejaveis.

Com efeito, na primeira oportunidade, foi Marcela conduzida por sua mãe á presença do veneravel amigo. Recebeu-as o sabio, com espontaneo carinho, o que a senhora Fonseca interpretou como subalternidade, sentindo-se livre de manifestar as mais acerbas reclamações, a lhe explodirem da alma revoltada. Após minuciosa e irritante exposição, concluia lamentando:

— Como sabeis, minha crença foi invariavel e sincera: Na igreja católica, no templo evangelico, como no grupo espiritual, fui assídua nas manifestações de fé e nunca olvidei a devoção. Não me conformo, portanto, com este abandono a que me sinto votada.

O orientador solícito, que ouvira pacientemente a relação verbal da interlocutora, acentuou a essa altura:

— Não se encontra, porém, desamparada. Autorizei sua mãe a busca-la nas zonas inferiores, com o maximo de carinho.

— Mas a propria situação de minha progenitora, a meu ver, merece reparos especiais — clamou a senhora Fonseca, intempestivamente.

Sorriu o bondoso mentor ao verificar-lhe o nervosismo e explicou em seguida:

— Já sei. Sente-se ferida no amor á personalidade. Entretanto, talvez esteja enganada.

E, chamando um auxiliar, recomendou:

— Traga as anotações de Marcela Fonseca.

Daí a instantes, o portador reaparecia, sobraçando um livro de proporções enormes. Curiosa e inquieta, a visitante leu o título: — "Pensamentos, palavras e obras de Marcela Fonseca".

— Quem escreveu esse volume? — perguntou aturada.

— Não sabe que este livro é de sua autoria? — perguntou o mentor tranquilamente — é um trabalho de substancia mental, que sua alma grafou, cada dia e cada noite da existencia terrena, pensando, falando e agindo.

A interessda não sabia disfarçar a surpresa; mas, o orientador, abrindo as paginas, acrescentou:

— Não posso ler todo o livro em sua companhia. Vejamos, porém, o resumo de suas atividades religiosas. Fixamos a mão em determinada folha, o sabio esclareceu:

— Conforme se vê, assistiu no-mundo a seis mil e setecentas e cinco missas, a duas mil e quinhentas cerimoniaes do culto protestante e a sete mil e doze sessões espiritistas. No entanto, é curioso notar que seu coração nunca foi a esses lugares por agradecer a Deus ou desenvolver serviços de iluminação interior, ou fóra do seu círculo individual. Seu unico objetivo foi sempre pedir ou reiterar solicitações, esquecendo que o Pai colocara inumeras possibilidades e tesouros no seu caminho. Reci-

tando fórmulas, cantando hinos ou concentrando-se na meditação, sómente houve um proposito em sua fé — o pedido. Mudou rotulagens, mas não transformou seu intimo:

Ante o assombro de Marcela, o sabio continuava generoso:

— E' justo pedir; entretanto, é preciso igualmente saber receber as dadivas e distribui-las. A propria natureza oferece as mais profundas lições neste sentido. Deus dá sempre. A fonte recebe as aguas e espalha os regatos cristalinos. A arvore alcança o beneficio da seiva e produz flores e frutos. O mar detêm a corrente dos rios e faz a nuvem que fecunda a terra. As montanhas guardam as rochas e estabelecem a segurança dos vales. Sómente os homens costumam receber sem dar cousa alguma.

Mas... — concluiu o sabio orientador — não disponho de tempo para prosseguir na leitura. Finda esta, restituirás o volume aos arquivos da casa.

A senhora Fonseca iniciou o serviço de recapitulação das proprias reminiscencias e só terminou daí a cinco meses.

Extremamente desapontada, restituiu o livro enorme e, após encorajadora advertencia do magnanimo diretor espiritual, explicou-se humilhada:

— Sempre fui sincera em minha crença.

— Sim, minha filha, mas a crença fiél deve ser lição viva do espirito de serviço. Sua convicção é incontestavel. Sua ficha, contudo, é a dos crentes interessados.

Com enorme tristeza a lhe transparecer dos olhos, a recém-desincarnada começou a chorar. O generoso mentor abraçou-a e disse parternalmente:

— Renove suas esperanças. Seu pesar não é unico. Existem coletividades numerosas nas suas condições. Alem disso, ha fichas muito pióres que a sua, em materia de fé religiosa, como, por exemplo, as dos simoniacos, mentirosos e investigadores sem consciencia. Anime-se e continue confiando em Deus.

Reconhecendo a propria indigencia, Marcela recebeu o acolhimento pobre de sua mãe, como verdadeira benção celestial.

Todavia, a nota mais interessante foi a sua primeira visita ao círculo dos irmãos incarnados. Em plena sessão, contou a experiencia comovedora e relacionou as surpresas que lhe haviam aguardado o coração no plano espiritual. Sua historia era palpitante de realidade, mas todos os presentes lembraram a velha Dona Marcela Fonseca e concordaram, entre si, que a manifestação era de um Espirito misticador.

OBSESSÃO DESCONHECIDA

Os pais de Isolina Faria aproximaram-se do grupo espirita, ansiosos de curar a filha.

Desde muito, vivia a jóven sob o imperio de singulares manifestações. Olhos cerrados a denunciar profunda insensibilidade na expressão fisionomica, gestos rudes, Isolina contorcia-se estranhamente e dava guarida a uma entidade ignorante e sofredora, que a tornava possessa. O Espirito perturbado, que parecia ter-se-lhe agarrado, prorrompia então em blasfemias, lagrimas, soluços. Lastimava-se, praguejava, acusando pessoas e envenenando circunstancias, á maneira de louco, que fôrça alguma conseguia deter. Esgotados os recursos comuns, a familia deliberou apelar para o Espiritismo, antes de qualquer providencia, para interna-la no manicómio. Vizinhos e amigos não poupavam definições. Aquilo deveria ser obsessão cruel. Tanta gente não se havia curado, em trabalhos da consoladora doutrina dos Espiritos? Porque não tentar as melhoras de Isolina mediante esses recursos? Quando o chefe da casa se inclinou á decisão, o generoso Nolasco Borges, velho conhecido de infancia, prontificou-se aos serviços iniciais.

— Sossegue, meu amigo — esclareceu ao companheiro inquieto — em nossas reuniões a doente encontrará as melhoras precisas. Hoje mesmo começaremos os trabalhos de doutrinação da infeliz e, a breve tempo, Isolina será restituída á saude e á alegria a que sua mocidade tem direito.

De fato, na noite imediata, pequena caravana, Nolasco á frente, penetrava o modesto salão dos Pachecos, onde se efetuavam sessões intimas.

O velho Araujo, doutrinador carinhoso e esclarecido, organizou a reduzida assembléa, cõncio da responsabilidade que lhe cabia.

Logo após a oração de abertura, a moça doente caía em contorsões estranhas. Palidissima, boca espumejante, gritava dolorosamente, reproduzindo emoções da entidade desconhecida.

— Oh! meu irmão — exortava Araujo bondosamente — porque violentar desta maneira uma pobre criança, necessitada de equilíbrio para atender aos proprios deveres? Por quem és, meu amigo, esquece o mal e ouve a lição de Jesus. Estamos aqui votados á prática do bem. Somos imperfeitos, inferiores. Tateamos nas sombras da ignorancia e não te desejamos impôr ensinamentos. Sabemos que a obra de redenção final pertence ao Mestre Divino; entretanto, creio que podemos advertir teu coração, pois aqueles que caíram como nós outros, neste mundo, estão habilitados a comentar os proprios males e evitar que outros incidam nos mesmos erros. Por vezes, poderá parecer que somos excessivamente ousados, tentando estabelecer normas aos que vivem em esfera indevassavel aos nossos olhos; contudo, este esforço obedece ao amor fraternal que Jesus abençoa. Volta, amigo! Abandona a tarefa ingrata de subjugação desta jóven, que deve enriquecer-se com as experiencias da vida terrestre. Solicitamos tua boa vontade, por amor de Deus!...

A voz do generoso doutrinador sofria ligeiro estacato. Araujo, emotivo e bondoso, enxugava os olhos humidos, enquanto a reduzida assistencia permanecia sob enorme impressão. O Espirito ignorante demonstrava aflição. A palavra do doutrinador tocava-o profundamente, mas, como se estivesse preso a inflexiveis algemas, soluçava mais fortemente e bradava:

— Ai de mim! Não posso!... não posso!...

— Não podes? — tornava Araujo dedicado — quan-

do temos vontade, Jesus nos confere o poder. Anima-te. Porque perseverar no sofrimento do mal, quando o bem nos oferta alegrias eternas? Levantemo-nos para Deus, edificando-nos na propria fraqueza. Se guardas reminiscencias amargas, esconde-as de ti, desfaze-te do vinagre acumulado no coração. Se foste ofendido, perdoa! Se as feridas te reclamam vingança, aplica-lhes o balsamo do amor que sabe viver da esperança em Cristo.

O corpo fragil da jóven contorcea-se violentamente, ao passo que o sofredor murmurava em pranto:

— Sou infame, desventurado! Não posso... não posso...

As reuniões de esclarecimento prosseguiram sem alteração. Duas vezes por semana, agrupavam-se os companheiros, repetindo-se as mesmas cenas.

Araujo não podia ser mais generoso. Ensinava bondosamente, como quem sabe corrigir amando. A entidade perturbadora, porém, não correspondia ao esforço senão com gritos, protestos e soluços de causar dó.

Decorridos alguns meses, a pequena assembléa começou a impacientar-se. Tão logo se manifestava o infeliz, formavam-se pensamentos contrários á simpatia fraternal. Na opinião da maioria, aquele Espirito requiritava punições e conselhos ásperos. Isolina era tida como vitima infortunada nas mãos de audacioso algoz da esfera invisível. Admirava-se a paciencia do dedicado orientador das sessões, que punha em jogo todos os recursos afetivos.

Nolasco, porém, á certa altura da tarefa, não se conteve, e depois de tumultuosa reunião, interpelou Araujo amigavelmente:

— Não julga você necessario e conveniente punir esse perseguidor implacavel? Creio tratar-se de perverso bandido das trevas.

O velho doutrinador percebeu as dúvidas que pairavam no ambiente geral e acrescentou:

— Ha muito, venho lidando por compreender que cada cousa permanece no lugar que lhe é proprio. Em nossa apreciação fragmentária, o perturbador de Iso-

lina é um Espirito diabólico; entretanto, é imprescindível não esquecer que as nossas definições são incompletas. Ha oito meses trabalhamos por levantar-lhe as energias, sem resultados satisfatorios. A' primeira vista, estamos fracassados no serviço de socorro espiritual; mas, como firmar nosso ponto de vista neste sentido, se desconhecemos as causas profundas?

Nolasco e os demais companheiros respeitaram-lhe o parecer, mantendo-se em silêncio expressivo.

— Esgotadas nossas possibilidades de compreensão — prosseguiu o amavel velhinho — não será justo apelar para o plano superior? Nós que desejamos socorrer, precisamos igualmente ser socorridos. Peçamos a Melanio, amoroso guia de nossos trabalhos, que se pronuncie. E' possivel que a sua bondade fraterna nos conceda a chave do enigma.

Ninguém discordou da sugestão criteriosa.

Na noite seguinte, a reunião em casa dos Pachecos foi mais intima. Acorreu Melanio gentilmente e depois de recomendar a cessação temporaria dos trabalhos de doutrinação, prometeu chamar o obsessor a esclarecimentos. Examinaria o caso com atenção, a-fim-de tentar providencias justas. Em seguida, voltaria a notificar aos irmãos, relativamente ás tarefas que se impunham.

Dias decorreram antes que o emissário regressasse com as instruções espirituais. Após três semanas de expectativa, em sessão comum do agrupamento, eis que Melanio se manifesta, e, depois das carinhosas audações usuais, discorre, bondosamente, com surpresa geral:

— Quanto ao caso da irmã Isolina Faria, devo esclarecer preliminarmente que os aprendizes da Terra conhecem a obsessão sómente em sentido unilateral. O infeliz perturbador, que atende pelo nome de Juliano Portela, em sua ultima existencia terrena, não foi encontrado facilmente. Precisei reunir-me a companheiros da espiritualidade, a-fim-de chama-lo á explicações directas. Tendes, nas vossas sessões, a presença do enfermo incarnado, ao passo que nas nossas, examinamos os doentes invisíveis a vós outros. Entreguei-me á solu-

ção do assunto, com a maior boa vontade; entretanto, o perturbador de Isolina queixa-se amargamente do assédio que experimenta, na esfera em que se encontra. Declara-se perseguido, atormentado por ela. Não tem paz, nem rumo certo. A mente da jóven, com o seu grande poder magnético, requisita-o em toda parte. O pobrezinho não consegue progredir, nem furta-se ao ambiente de inquietação a que ela o sujeita. Se ao vosso olhar permanece a nossa amiga assediada, á nossa vista surge o infortunado Juliano em terrível desespero do coração, como quem se sente prisioneiro de garras inflexíveis. Diante do que observamos, o verdadeiro obsessor é a médium obstinada. A vigorosa potencialidade magnetica de Isolina é a gaiola, e Juliano o passaro cativo. E' preciso restabelecer o equilibrio da verdadeira situação. Tanto existem perseguidores na esfera invisível, quanto nos círculos de vossa atividade comum. Aclarai o proprio espirito, amigos meus. Expulsemos a sombra de nossa região interior. Desincarnados e incarnados não significamos duas grandes raças diferentes e irreconciliáveis. Todos somos semelhantes na vida eterna, com as mesmas possibilidades, deveres e obrigações. Nos dramas pungentes dos obsidiados, lembrai que, se na justiça humana não ocorrem processos absolutamente iguais nos detalhes, no resgate divino cada situação apresenta característicos diferentes. Guardai o brilho do cristal e refletireis a luz na sua pureza; retende o mel do bem e as abelhas da sabedoria cercar-vos-ão as pétalas interiores!...

Melanio calara-se enquanto a assembléa chorava comovida. O bondoso Araujo agradeceu com lagrimas de alegria:

— Obrigado, meu irmão!

O mensageiro orou ainda, emocionadamente, e declarou ao despedir-se:

— Em vista do que observamos, queridos companheiros, não bastará espantar as moscas do mal. E' indispensavel, antes de tudo, curar as feridas da imperfeição.

A CONSELHEIRA INVIGILANTE

A' frente da amiga alarmada, Dona Deodata Chagas prosseguia aconselhando:

— Não debes proceder levemente. E' necessario aprender a tolerancia, minha irmã. Ignoras, acaso, os principios da nossa consoladora doutrina? Quantas criaturas se perdem diariamente, por ignorancia das verdades que Jesus nos confia?

— Mas — perguntava a intepelada timidamente — e meu martirio doméstico? Será justo suportar a perseguição de pessoas sem consciencia? Meu marido parece olvidar comezinhos deveres do homem de bem.

— E porque não perdoar o pobrezinho? — atalhava a outra, firme e resoluta. — Não dês ouvidos a intrigas, nem te detenhas na observação do mal, ainda mesmo quando se positivem as tuas desconfianças. Lembra o perdão evangelico, minha boa Cacilda. Esquece a infelicidade dos espiritos inferiores que te não podem compreender. Alem disto, convem não esquecer que o ciúme é o monstro insaciavel. Foge-lhe ás garras enquanto é tempo. Afinal de contas, a espôsa e mãe precisa fortaleza e serenidade.

A ouvinte enxugava o pranto copioso, mostrava-se mais calma e despedia-se resignada, recebendo novos apelos da amiga solícita.

Deodata Chagas era sempre assim. Dona de maravilhosos recursos verbais, tinha imensa facilidade para dar conselhos. Ninguem conseguia ausentar-se de sua porta, sem um punhado de exortações.

Era interessante observar, porém, que seu espírito se revelava sumamente despreocupado do próprio lar. Os filhos menores viviam habitualmente á gandaia, sem qualquer expressão de vigilância materna. A progenitora nunca examinou o problema dos seus costumes, conversações e companhias. O espôso, Edmundo Chagas, homem do comércio, chegava á casa a horas determinadas, durante o dia; mas, não raro, ao almoço, Dona Deodata permanecia na sala de visitas a esboçar orientações para as amigas desesperadas.

— Germana, não posso compreender-te a exaltação descabida. Não te deixes dominar tanto assim.

— E os filhos, Deodata? — inqueria Dona Germana, olhos inchados de chorar. — São eles o motivo de meus sofrimentos invariáveis. Nos tempos de hoje, raríssimos consideram deveres, poucos se dispõem a obedecer.

— Entendo-te — replicava a conselheira, revelando forte interesse — entretanto, é imprescindível renovar energias próprias. Ninguém se entregará á dor sem prejuízos graves. Reanima-te! Que é isto?

Enquanto a amiga soluçava, prosseguia traçando diretrizes, demonstrando valor e superioridade:

— E a fé? Onde colocaste os ensinamentos recebidos?

O chefe da casa, após consultar a mesa deserta, onde se não reconhecia o mínimo sinal de almoço, observava, neurastênico, o colóquio amistoso da sala, enterrava o chapéu na cabeça e voltava á rua, encaminhando-se á pensão da esquina próxima.

Sómente muito depois, erguia-se Deodata por atender ás crianças famintas.

A' noite, frequentemente, de regresso ao lar, ansioso de aconchego doméstico, o chefe da família encontrava a mesma cena, embora a modificação de personagens

A espôsa continuava aconselhando:

— Dona Lisota, a vida pede a sua compreensão e boa vontade. Desaprovo a sua atitude de inconformação aos designios do Eterno.

Dessa vez, era uma velhinha de cabelos brancos que considerava chorando:

— Nunca esperei, no entanto, por isto... meu unico amigo morreu. Os filhos desprezaram-me, os parentes relegaram-me ao abandono!...

— Todavia — exclamava Deodata, sempre disposta a ensinar — é preciso revelar coragem na luta. Guarde intacta a sua confiança em Deus. Tenha fé. E' indisponível atender á vontade superior e não á nossa. Presentemente, não posso concordar com seu modo de agir.

Enquanto a anciã fazia o possível por levantar-se do abatimento doloroso, a conselheira rematava:

— E a fé, minha amiga? Onde coloca você tão imenso tesouro? Já pensou nisto? O crente não deve respirar outra atmosfera que não seja a do otimismo sadio e franco.

Edmundo relanceava o olhar pelo interior, reconhecendo a inutilidade de qualquer chamamento afetivo. A companheira tomara o hábito de aconselhar, qual se fôra venenoso excesso do espírito, tal a insistência com que desejava regenerar pessoas, reavivar as forças alheias, consertar o mundo, enfim. Muitas vezes, tentara arranca-la de semelhante situação, mas todo esforço redundara inutil. Mergulhado em amargas reflexões, Edmundo percebia que os rapazes se entregavam a terríveis disputas na copa e, desanimado, entristecido, tornava á rua sem esperança. Aos poucos, adquiriu o costume de beber, cousa quen unca lhe ocorreria em tempo algum. Sem forças para corrigir o desentendimento da companheira, sufocava no copo as desditas do coração.

Dona Deodata parecia não perceber o curso dos acontecimentos e mantinha a mesma atitude mental.

Almas desesperadas, ociosas e viciosas, batiam-lhe á porta em onda crescente.

— Porque tão grandes demonstrações de amargura? — exclamava para a inquieta visitante de bairro longinquo. — Não posso justificar o teu desânimo.

A interpelada, revelando os profundos padecimentos que lhe roiam a alma, observava aflita.

— Quando o marido nos abandona, tudo parece escuro em nossos caminhos. A senhora é feliz, Dona Deodata. Nunca experimentou sofrimento igual a este. Não posso conformar-me com a separação!...

— E' preciso, porém, perdoar e ser forte — interpunha a conselheira, imperturbavel — estamos neste mundo para testemunhar espiritualidade na procura de Deus. Pareces demasiadamente enfraquecida no trabalho comum. Levanta o ânimo. Resiste! Não te deixes levar por arremedos de tempestade.

Despedia-se a infeliz, reconhecidamente.

Chegou, entretanto, o momento em que Deodata Chagas deveria tomar conhecimento da sua propria situação. Depois de alguns dias, nos quais supunha o marido em viagem de serviço, veio a saber que Edmundo montara nova casa em bairro distante. O alcool trouxera-lhe o olvido de obrigações sagradas. O bar incumbira-se de conduzi-lo a relações diferentes, e com a embriaguez dos sentidos, veio a embriaguez dos sentimentos.

A senhora Chagas, contudo, sempre eficiente na orientação dos outros, recebeu a notícia sem ocultar a máguia imensa. Aquela alma tão forte e tão clara, que sabia traçar os caminhos alheios, semelhava-se agora a um lago turvo, face ás pedras da tempestade e ás rajadas do vento. Humilhada, chorosa, procurou os filhos por torna-los partícipes da sua profunda revolta; entretanto, encontrou neles as mais ásperas observações. Alguns estavam dispostos a seguir, sem hesitação, para a nova casa paterna. Inconformada, a pobre senhora buscou os recursos da justiça do mundo, mas, a cada passo encontrava a ironia, o desprêzo, o desconhecimento deliberado de sua dor.

Incapaz de manter a resistencia necessaria, surda agora aos apelos que as amigas lhe traziam ao espirito desalentado, Deodata recolheu-se ao leito, dominada de

traumatismo singular, que lhe envenenou o organismo para sempre.

Depois de três anos de reclusão, entre meditações e lagrimas, voltou novamente ao plano espiritual. Com surpresa, todavia, experimentava o mesmo abatimento e desolação. Embora atendida por generosos enfermeiros da esfera invisivel aos olhos mortais, a desincarnada, por muito tempo, permaneceu enliada no fundo obscuro de suas impressões de amargura e revolta íntima. Chegou, porém, o instante em que conseguiu lobrigiar o vulto de um daqueles emissarios do bem, que lhe balsamizavam o coração. Extenuada de angústia no conflito consigo mesma, a pobre criatura ajoelhou-se e rogou ansiosa:

— Oh! mensageiro de Deus, explicai-me por piedade a razão de minhas enormes desditas. Sinto-me cansada, oprimida... Porque a dolorosa tragedia que me destruiu o destino cheio de esperanças?

O benfeitor contemplou-a com expressão fraternal e elucidou amorosamente:

— O drama infeliz da tua última experiencia na Terra é o das almas que transportam a luz por fóra do coração. Os que ensinam sem aprender e aconselham sem praticar, são também filhos pródigos na Casa do Pai. Dissipam tesouros espirituais sem cogitar das necessidades proprias e acordam, mais cedo ou mais tarde, com a miseria e o desconforto.

Deodata compreendeu o alcance profundo daquelas palavras, mas, desejosa de lavar a culpa, objetou:

— Será, então, êrro grave ensinar o caminho aos outros? E Jesus? Não trabalhou o Mestre no mundo por traçar diretrizes ao homem sofredor?

O amigo espiritual contemplou-a afetuosamente e respondeu:

— Jesus indicou a estrada e seguiu-a; pregou a fé e viveu-a; induziu discipulos e companheiros á coragem e demonstrou-a em si mesmo; difundiu a lição do amor, entregando-se amorosamente a cada um, expôs a necessidade do sacrificio pessoal e sacrificou-se; exaltou a

beleza do verbo dar e deu sem recompensa; engrandeceu a confiança no Pai e foi fiél até o fim.

A espôsa de Edmundo estava perplexa. E, quando se esforçou por emitir observação nova, o sábio instrutor sorriu carinhosamente e concluiu:

— Renova o padrão de esperança em Jesus Cristo e não argumentes com a verdade. O campo continúa repleto de trabalhos e continuamos ricos de possibilidades. Realmente, não constitue êrro o indicar o caminho ao que se desviou, porque o benefício é sempre um tesouro para quem o recebe com sabedoria; mas, quanto a nós mesmos, é sempre perigoso aconselhar aos outros antes de haver aconselhado a nós próprios.

PROSELITISMO DE ARRASTAMENTO

Virgulino Rocha era médium de qualidades apreciáveis no serviço do bem, no entanto, não conseguia furtar-se á preocupação de insistir com os amigos para que lhe seguissem os passos na interpretação religiosa.

Na oficina do ganha-pão, era trabalhador corretíssimo, considerando o carater sagrado de suas responsabilidades e obrigações, mas na vida comum, discutia a mais não poder, no intuito de intensificar o proselitismo. Quando surgiam conhecimentos novos, nas atividades diarias, revelava imediatamente a posição extremista. Tratava-se de alguém com opinião igual a dele, em materia de fé? Estava disposto a todos os favores. Caso contrario, porém, Virgulino se retraía. Não odiava, mas tambem não dispensava ás novas relações o menor interesse fraternal. Em se aproximando de alguém estranho aos seus pontos de vista, deixava-se dominar firmemente pelo espirito de discussão e disputa. Nesse capitulo, não esclarecia, nem convidava. Preferia arrastar. Em vão os amigos espirituais ofereciam-lhe novas diretrizes. Por vezes, contra todas as suas espectativas, o orientador invisível tomava-lhe a mão e escrevia sem rebuços:

— Virgulino, meu amigo, cada arvore tem condições diferentes para produzir. No que se refere á fé religiosa, procede á maneira do agricultor inteligente. Fornece adubos, protege as plantas tenras, não olvides a irrigação, mas não exijas fruto antes da epoca adequada. Será justo insistamos pela obtenção de pêsse-

gos, de um pessegueiro mirrado, em terrenos desertos? Antes da colheita substancial e perfumada, não será razoável ministrar à planta elementos de vida, concedendo-se-lhe tempo indispensável, a-fim-de que se verifique a produção?

Recebia o médium a mensagem sem esconder a própria admiração e inqueria naturalmente:

— Como pôde ser isto?

Replicava a entidade generosa:

— O nobre cumprimento do dever com Jesus e com os homens é a melhor pregação. O discípulo que execute semelhante programa é o cultivador previdente e amigo da natureza.

— Mas o Divino Mestre — observava Virgulino contrafeito — no próprio Evangelho, não determina que se deve pregar as verdades do céu a todas as criaturas?

— Sim — tornava o benfeitor amável — mas o Cristo expôs o ensinamento sem violentar a ninguém, convidou ao banquete da Boa Nova, mas não arrastou a quem quer que fosse. Além disso, deixou bem claro que a pregação eficiente não é problema de palavras apenas e sim de exemplificação. O aprendiz leal do Evangelho é uma carta viva do Mestre. Todos poderão ler-lhe os caracteres e afeição a experiência própria pelo padrão da conduta dele. Por isto mesmo, o homem honesto e trabalhador, em todos os gestos do dia, está pregando às criaturas que o vêem.

O companheiro inquieto anotava ligeiramente as considerações recebidas, mas, certa vez, quando os conselhos se repetiam, Virgulino acentuou:

— Afinal de contas, não sei como proceder. Sinto-me animado das melhores intenções. Se encontrasse uma lição mais explícita ao menos...

O generoso amigo espiritual não o deixou terminar e traçou no papel levemente:

— Te-la-ás.

O médium manifestou estranheza, em face da resposta laconica e continuou nos mesmos hábitos, sem emprestar maior atenção ao prometido. Passou um ano e as

observações criteriosas não se repetiram. Em razão disto, o nosso amigo prosseguia mais ardoroso no trabalho de arrastamento ao proselitismo doutrinário.

Os antigos conselhos já estavam quase integralmente esquecidos, quando Virgulino conseguiu o que representava para ele uma vitória de apreciável importância. O Jeronimo Castro, seu vizinho, com quem discutira durante dez anos, rendera-se-lhe às opiniões. A cura dum garoto doente inclinara-o ao espiritismo, afinal. E o antigo companheiro, seguido da mulher e nove filhos, colocou-se á inteira disposição do médium, para o que desse e viesse, submetendo-se-lhe completamente aos pontos de vista. Virgulino não cabia em si de contentamento. Humilde operário em cidade grande, cooperando no seu grupo de realizações doutrinárias, ao lado de outros inúmeros trabalhadores, não saboreava ainda alegria igual àquela, trazendo às suas idéias mais de dez pessoas de uma só vez.

Não pudera perceber que semelhante satisfação era fogo fatuo de vaidade mal dissimulada, e que o triunfo fictício era somente agravo de responsabilidades na bagagem de deveres a lhe pesar nos ombros. Incapaz de compreender o que reputava agradável sucesso, dava largas ao júbilo infantil e comentava:

— Ah! o Jeronimo, vocês hão de ver. A doutrina efetuou notável conquista. Recordemos que por trás de sua figura, existe bloco enorme de criaturas a considerar. Os filhos, os parentes todos, enfim, serão chamados á luz da verdade e do bem!

E as esperanças lhe brilhavam nos olhos claros e ingenuos.

Em breve tempo, contudo, a realidade surgia diversamente. Jeronimo Castro e os seus não se interessaram pelos ensinamentos que a doutrina lhes oferecia, á maneira de manancial abundante e inestancável. Em vão, Virgulino Rocha trazia livros, anotações e esclarecimentos. Os neófitos não queriam saber senão de vantagens. Não desejavam certificar-se de que haviam chegado á zona espiritual de trabalho e realização pelo esforço in-

dividual, apenas saboreavam gostosamente a perspectiva de haverem encontrado guias invisíveis para a solução de todos os problemas do caminho humano.

A' noite, quando o médium visitava a família, a conversação era quasi sempre a mesma:

— Jeronimo — indagava Virgulino, curioso — leu você aquelas apreciações evangélicas que mandei?

— Ainda não consegui — esclarecia o vizinho — não posso saber o que ocorre. Tão logo tomo a leitura, sobrevêm o sono imediatamente. As letras baralham-se, frente a meus olhos e as palpebras se fecham, sem que possa atinar com a causa. Um verdadeiro fenomeno!

A' essa altura, a espôsa intervinha:

— Estou convicta de que se trata de influenciação dos maus espiritos. Jeronimo não era assim. Antes das noções espiritistas, estava bem disposto para o refresco, sem esquecer o cinema e o teatro. Mas agora...

E antes que a mulher terminasse, voltava Jeronimo exibindo expressão de vitima:

— São cousas da vida!...

Virgulino compreendia bem a ausencia de atenção sincera e tentando imprimir novo aspecto ao quadro de impressões, perguntava, afetuoso, á dona da casa:

— E a senhora, dona Ernestina? qual é a sua opinião referente á leitura?

— Oh! quem me dera tempo ao menos para rezar — respondia a interpelada, evidenciando dificuldades intimas — quanto mais para ler! Então o senhor julga que a casa me concede ocasião? Quando não é a cozinha que me requisita, é a sala que me pede atenção. Dum lado, está Jeronimo cheio de exigencias; do outro, os meninos cheios de caprichos. Ah! estes pirralhos!... quanto sofrem as mães neste mundo! já não sei como resistir.

E cruzava os braços, dando mostras de esgotamento.

Ante a paisagem sentimental, repleta de sombras e obstaculos, com desapontamento ensaiava o médium outro genero de conversação. Comentavam-se as notas do dia. Todos haviam lido os jornais. As crianças aproxima-

vam-se. Estavam a par do suicidio na vizinhança, do crime que se verificara no bairro, relacionavam amar-guras de famílias diversas. Conheciam detalhes ignorados do reporter sagaz. A palestra vibrava. Nem Jeronimo sentia sono, nem dona Ernestina experimentava angústia de tempo. E Virgulino computando a bagagem de suas boas intenções, retirava-se entristecido. A situação, todavia, apresentava complicações crescentes. Na residencia dos Castros, espiritismo era recurso para applicações de menor esforço. Guardava-se mesmo a impressão de que a família vagava em plano de profunda indiferença, no que dizia respeito a fé religiosa. Se um filho tornava-se desatento, pela ausencia de govêrno doméstico, chamavam o Virgulino; se Jeronimo atritava com os chefes de serviço pela propria ociosidade, buscavam o Virgulino; se uma das jovens da casa excedia-se nas festas sociais, recorriam ao Virgulino. O médium não ocultava o doloroso abatimento. Não se passava um dia sequer, sem que os supostos convertidos apresentassem indagações intempestivas e inconvenientes. Dona Ernestina queria conhecer a intenção dos noivos que surgiam para as filhas, esclarecer intrigas da vizinhança, assinalar as pessoas defeituosas que lhe frequentavam o ambiente doméstico, enquanto Jeronimo se interessava pelas promoções faceis, pelos favores da sorte e condescendencia dos seus chefes de serviço. De quando a quando, reclamavam do Rocha certas explicações, como se Virgulino fosse obrigado a se responsabilizar por todos os assuntos e questões da familia. Porque o espiritismo era doutrina tão perseguida das demais confissões religiosas? Porque se restringia ás reuniões, sem espetáculos para demonstrações públicas? Segundo os Castros, as procissões e outros ajuntamentos populares faziam falta. Via-se o médium em apuros na elucidação daqueles espiritos preguiçosos.

Decorreram quatro anos. A situação, entretanto, piorava gradativamente. Jeronimo e os seus começaram a buscar Virgulino em sua oficina de trabalho.

— Agora, não posso — explicava-se o rapaz muito palido, tentando desvencilhar-se.

— Oh! não foi o senhor quem nos levou para a doutrina? — interrogava a joven mais inquieta.

E lá se ia o nosso amigo para atividades mediunicas sem proposito serio. Finalmente, certo dia, o chefe imediato de trabalho, chamou-o com bondade, para admoestação justa:

— Virgulino — disse, em tom grave — sempre estimei em você o auxiliar competente e honesto. Jamais interfeiri nas crenças religiosas de meus subordinados, mas a sua ficha de serviço vem sendo prejudicada pelas saídas sem justificação. Desde muitos meses, suas obrigações passaram a ser olvidadas, na maior parte do dia. Acredito chegado o tempo do reajuste. Sempre ensinei a todos que esta é uma casa de trabalho e realização.

O médium baixou os olhos, envergonhado, e respondeu tímido:

— O senhor tem razão.

Nessa noite, chegou á casa humilde, trançou-se no quarto e chorou, em longo desabafo. Implorou sinceramente o socorro dos amigos espirituais. Foi quando reapareceu o antigo benfeitor invisível, exclamando:

— Porque choras, meu amigo? Cada qual recebe o que pede. Não desejavas uma lição prática?

Respondeu o médium, mentalmente, em lagrimas:

— Sempre fiz a propaganda da verdade com sincera intenção de fazer o bem.

— Sim, Virgulino — voltava a dizer a amorosa entidade — ensinar exemplificando é seguir os passos de Cristo, mas arrastar é perigoso. Além disso, Nosso Pai Celestial concedeu pés a todos os homens. Não será indispensavel que cada um caminhe por si mesmo? Quem espalha a verdade amando como Jesus amou, edifica na vida eterna; mas quem arrasta uma criatura, suportará naturalmente a carga pesada. Continúa adubando e amparando as plantas que vicejam nos teus caminhos, mas não cometas o disparate de arranca-las com violencia!...

No dia seguinte, muito cedo, antes que Jeronimo se

dirigisse á repartição, Virgulino bateu á porta dos Castros e, valendo-se do ensejo que reunia a familia para o café matinal, explicou resoluto, em voz muito firme:

— Meus amigos, venho solicitar-lhes grande favor. Não me procurem doravante, na oficina do meu ganhão. Tenho ordens terminantes para não relaxar o serviço.

E antes que os ouvintes voltassem a si do espanto enorme, prosseguiu serenamente:

— Não é só isto. Valho-me da oportunidade para apresentar-lhes minhas despedidas. Circunstancias imperiosas obrigam-me a transferir a residencia.

— Que é isto, homem? — respondeu Jeronimo pasmado — não podemos dispensar-lhe a companhia.

— Não é possível! — exclamava a filha mais velha — que será de nós todos doravante? Não foi o senhor quem nos levou para a doutrina dos Espiritos?

O médium não se deixou impressionar e esclareceu:

— Desfaçamos equívocos enquanto é tempo. Não precisam manter determinadas atitudes religiosas tão sómente para meu agrado. São livres para o caminho que melhor lhes pareça. Quanto a mim, devo conhecer minhas proprias necessidades. E nunca devemos esquecer que todos precisamos união cada vez mais intensa com o Cristo. Ele, sim, é a nossa companhia indispensavel.

— Entretanto, são mais de quinze anos de vizinhança e convivencia — aventurou Dona Ernestina, chorosa — então isto não se levará em conta?

— Deus opera a mudança para o bem — esclareceu o visitante ao sôpro de elevada inspiração.

E antes que os Castros acordassem do assombro, o vizinho esboçou um gesto de adeus e concluiu:

— Não tenho tempo a perder. Jesus os abençõe.

E depois de longas correrias pelos suburbios, Virgulino Rocha contratou a cooperação de varios veículos de transporte e lá se foi com a familia para os confins de Cascadura.

F I M

Bittencourt Sampaio

De Jesus Para as Crianças

A presente obra, na qual não se sabe que mais admirar, se a beleza da fôrma, se a pureza da verdade, abrange o periodo compreendido, desde a salvação de Moisés por Temutis, filha do faraó, até o ressurgimento de Jesus ante o incredulo Tomé. Nela se verá como Moisés soube abalar todos os recônditos do Egito na reivindicação da raça Israelita e abrangendo tambem toda a vida do Mestre. Ver-se-á ainda, neste livro, como Jesus, com o bafejo de seu halito divino, por seus apóstolos, enviou ao mundo essa palavra de salvação que é traduzida á infancia para que, compreendendo-a, tenha sempre a dominar seus pensamentos o amor ao Criador e ao proximo como a si mesmo.

Broch. CR\$ 4,00; enc. CR\$ 7,00.

As vidas sucessivas

ADAUTO DE OLIVEIRA SERRA.

Tudo quanto se escreva em pról das reincarnações vale por distinguir o Espiritismo das demais seitas em que se dividiu o Cristianismo. A reincarnação, constituindo o fundamento principal da doutrina, bem merece ser exaltada por todas as provas que se possam colher em seu abono.

E foi isso que fez o Snr. Adauto de Oliveira Serra no seu livro "AS VIDAS SUCESSIVAS". Catando aqui e ali exemplos de estudos notaveis a que se dedicaram sabios do maior renome universal, transcreve o autor de VIDAS SUCESSIVAS grande parte dessas experiências. E' um trabalho de pesquisa que ele poupa aos leitores, pois, tais narrações se encontram esparsas em varias e copiosas obras, cujo manuseio dispenderia muito tempo. Os factos descritos, com as proprias palavras dos cientistas, trazem o cunho da autenticidade que não pode ser contestada.

Encontram-se ainda no livro outros capitulos interessantes sobre a inteligencia precoce dos grandes genios da humanidade e sobre a pluralidade dos mundos habitados. São assuntos correlatos com a tese da obra e o seu autor fez bem em ligá-los como complemento uns dos outros.

E aí temos, no trabalho do Snr. Adauto de Oliveira Serra, um excelente repertório de fenomenos scientificos do Espiritismo que os estudiosos da doutrina encontrarão condensados em pequeno volume de 106 paginas.

Br Cr\$ 4,00 — Enc. Cr\$ 7,00.

O CRISTIANISMO DO CRISTO E O DOS SEUS VIGARIOS

Raramente, como neste caso, o titulo de uma obra faculta fazer-se idéia bastante aproximada, senão exata, da materia nela explanada, do objetivo que colima e, portanto, do seu alto valor e da sua importância exceccional, principalmente quando se sabe que o autor, além de invulgar competencia, comprovada por trabalhos outros de grande fôlego, tinha ao escrever este, a vantagem da posição de onde lhe era dado submeter, como submeteu a uma análise ampla, mesmo exaustiva, os fatos que lhe traçavam o caminho conducente á meta que visava. Essa posição era a de um talentoso e ilustrado sacerdote romano, de conciencia emancipada e espirito independente, com todos os elementos e requisitos, pois, para apreciar, conforme o fez, toda a série longa de transformações e adulterações mediante as quais o Cristianismo se mudou em catolicismo.

Essa circunstância bastaria para dizer do alcance imenso da obra que a Livraria da Federação acaba de expôr á venda, traduzida com particular carinho por Guillon Ribeiro, como bastaria tambem para dizer da oportunidade inigualavel da sua divulgação agora, em nosso país, que dia a dia se vai tornando, mais que tudo, vastissimo e incomparavel viveiro de toda a clerezia que não pode permanecer em muitas outras nações, assim do velho, como do novo continente.

Em *O Cristianismo do Cristo e o dos seus vigarios*, o autor, partindo da afirmativa de que não ha mister se sonhe hoje com uma nova religião, após tantas religiões velhas, que morreram, ou ainda vivem, mas de simples vida vegetativa, se propôs demonstrar e o conseguiu fartamente, que uma análise imparcial, não imperfeita, leva a descobrir-se, sob todas as formas das diversas religiões que disputam, ha tantos seculos, a docilidade humana, uma só e unica Religião fundamental, como pensavam os primeiros filosofos cristãos, e cuja doutrina devera ser a de todo espirito que erê num Deus unico, sobretudo dos que atribuem a origem da Religião (no singular) a uma revelação única, feita pelo mesmo Deus unico, á mesma humanidade unica, desde o primeiro dia da historia humana neste mundo.

Tal a gênese da obra, cujo termo ele alcança, depois de haver mostrado, através da formação sucessiva das igrejas e dos dogmas, a deformação progressiva da Religião do Cristo, que, entretanto, ressurge para congregar todos os espiritos que desejam a religião do espirito, todos os corações que sonham com a religião do coração os quais todos virão a unir-se, acima dos sectarismos e das explorações, pelo verdadeiro Cristianismo, que é o do Cristo

Br. Cr\$ 9,00; enc. Cr\$ 12,00.

A DIVINA EPOPEIA

Poeta de grande éstro, classificado entre os mais notaveis e maviosos do seu tempo, BITTENCOURT SAMPAIO, hoje o luminoso Espirito cuja elevação e superioridade transparecem evidentes de todas as mensagens autenticas que transmite do Além aos seus irmãos, prisioneiros da carne, arrebatado pela sublimidade da narrativa evangelica do Apostolo a quem o Divino Mestre muito amava, empreendeu — «por fazer a sua oração, como ele proprio disse, tributando de publico o seu obulo de gratidão, ao unico Senhor da verdadeira gloria» — transplantar para versos heroicos aquela narrativa.

Fe-lo, compondo então um verdadeiro e legitimo poema épico, a que deu a unica denominação que lhe cabia de — DIVINA EPOPEIA, dando a de Cantos aos capitulos do Quarto Evangelho. Fe-lo, segundo tambem ele proprio o declarou na «Advertencia» que abre o volume, tão só — «para elevar a Deus o seu Espirito, pedindo ao Vidente do Apocalipse as azas da sua aguia de Patmos, afim de remontar num vôo aos pés da Divindade».

Eis como surgiu e o que, em substancia, é a inigualavel composição poetica — A DIVINA EPOPEIA.

Cada Canto do poema é precedido de um «argumento» das materias nele contidas, para maior facilidade e compreensão dos assuntos. A segurda parte do volume é constituída de largos comentarios sobre os Cantos, comentarios esses através dos quais se apreende a interpretação que comportam os ensinios e revelações que formam o poema, na construção de cujos versos o autor empregou as mesmas palavras de que usou o Evangelista, circunstancia que realça de muito o valor e a beleza do trabalho de fino labor, já de si mesmo portentoso, com que nos ocupamos.

Tal, numa breve e ligeira noticia, a obra, em realidade monumental, que, publicada pelo autor, logo depois de concluída, em reduzido numero de exemplares, de ha muito exgotados, pôde agora a Federação dar á publicidade, pela sua Livraria, em segunda edição, certa de oferecer aos estudiosos das sagradas letras um dos mais fulgurantes primores que fica possuindo a já opulenta bibliografia espirita e a riquissima literatura a que o Evangelho á luz do Espiritismo tem originado. Ótima enc. Cr\$ 20,00.

O Mistério das Sombras

Alexandre Dias, autor de *Fazenda Mal Assombrada* e de *Trajectoria das Almas* — romances que alcançaram grande sucesso e têm destacado lugar na literatura espírita acaba de lançar mais um novo livro desse genero, a que deu o nome de "O Mistério das Sombras".

O festejado escritor apresenta, desta vez, um romance de cunho policial, envolto nas tramas do ocultismo em que se embarçam as ações humanas.

A narração empoiga desde logo a atenção do leitor, que acompanha os Sherlocks empenhados na descoberta de um crime barbaro e misterioso. Desenrolam-se as cenas com o sensacionalismo natural desses casos, ao mesmo tempo que, insensivelmente, vai surgindo o argumento espírita, o qual constitue o fundo e a essencia da obra.

Desse modo o enredo policial não passa de uma moldura do quadro em que se exhibe uma tēla da maior profundeza filosofica. De um motivo banal, onde ha conspiratas e conspiradores, estes arrogando-se pretensiosamente o direito de resolver problemas sociais cuja solução não pode estar ao alcance deles, passa-se a uma tēse de alta transcendencia, como sōe ser o destino que governa os povos e lhes marca as verdadeiras diretrizes e os predestinados condutores.

"O Misterio das Sombras" constitue, pois, uma verdadeira novidade em literatura e chega num momento muito oportuno, quando a mentalidade dos homens se acha conturbada pelos impulsos da força e da violencia.

Recomendando esse livro do consagrado escritor, fazemo-lo com a convicção segura de prestar um bom serviço á esclarecida intelligencia dos nossos letiores. — br. CR\$ 5,00; enc. CR\$ 8,00.

CARLOS IMBASSAHY

O Espiritismo à Luz dos Factos

Como o titulo indica, trata-se da demonstração da realidade do Espiritismo perante os factos que o atestam.

A obra é uma cerrada argumentação contra os que atacam a parte scientifica daquela disciplina.

Nela o autor procurou refutar os autores que se vêm manifestando contra o Espiritismo e lhe negando a parte que lhe cabe no quadro das ciencias, ou contestando o fundamento que possui para inscrever-se naquele quadro.

O escritor refere-se nesta obra a varios adversarios do Espiritismo em nosso país, contestando-lhes as asserções com as mais robustas provas.

São mirados, de preferencia, os autores que se têm distinguido nos seus ataques, procurando com eles trazer a desmoralização á prática e á doutrina espírita. Vol. broch. Cr\$ 7,00 — Enc. Cr\$ 10,00.

Porte: 1 vol. Cr\$ 1,00; diversos Cr\$ 0,50 por exemplar.

Os pedidos devem ser feitos por meio de chéque, vale postal, carta registrada ou ordem ao Administrador da Livraria, ou então pelo SERVIÇO POSTAL DE REEMBOLSO que significa o pagamento da encomenda sómente no ato de retirá-la do correio.

LIVRARIA EDITORA DA FEDERAÇÃO
ESPIRITA BRASILEIRA

28, Avenida Passos, 30 — Rio de Janeiro

Cartilha da Natureza

E' a mais recente obra da série coletada pela mediunidade de Francisco Xavier.

Nada menos que 100 poesias de um bucolismo encantador, vasadas noutros tantos capitulos e decametras, por assim dizer. São 4.000 versos setessílabos, suaves e simples como os fazia, entre os homens, o bardo vassourense Casimiro Cunha.

Cartilha da Natureza é um titulo feliz, pois nela se exploram assuntos triviaes, por extrair-lhes conceitos profundos, em perfeita consonancia evangélica, acessivel a todas as mentes. Livro de proveito a moços, velhos e crianças. Com expressiva prefacção de Emmanuel, que lhe ressalta as belezas em magnifica síntese, esta obra é mais um atestado inconfundivel da originalidade inacessivel aos plumitivos da rechan terrena.

ANTONIO LUIZ SAYAO

Elucidacões Evangélicas

á Luz da Doutrina Espirita

Contém esta obra, como o seu proprio titulo o indica, um estudo completo dos Evangelhos chamados canonicos, com referencias á Lei Antiga, aos Profetas, aos Atos dos Apostolos, ás Epistolas e ao Apocalipse, estudo esse feito por meio de comentarios inspirados na *Revelação Espirita*.

Reunindo e conjugando todas as explicacões e ensinamentos trazidos até hoje aos homens pelo Consolador que *Jesus* lhes prometeu, para a compreensão, em espirito e verdade, dos seus ensinamentos, esta preciosa obra põe ao alcance de todas as inteligencias o conhecimento da moral verdadeiramente cristã, cujo estudo e applicacões facilita.

Sua leitura é, pois, util, necessaria, indispensavel mesmo, aos que desejem substituir em suas almas o fanatismo dos milagres, dos dogmas e dos misterios, por uma crenca racional, assente em convicção profunda e firme acerca da veracidade e da exequibilidade dos preceitos evangelicos.

Formam-lhe a segunda parte, tornando-a mais preciosa ainda, comunicacões, em grande número, dadas por Espiritos da maior elevação, a cuja frente se destaca *Ismael*, e nas quais se encontram explanados, com impressionante sabedoria, pontos doutrinarios da mais alta relevancia.

Varias dessas comunicacões se referem ás obras mediúnicas de Bittencourt Sampaio: *Jesus perante a Crisandade*, *De Jesus para as crianças* e *Do Calvario ao Apocalipse*, e através delias notaveis ensiuamentos se colhem acerca das lutas, perseguições, sofrimentos que cabem em partilha ao medium que toma sobre si uma importante tarefa, como foi a daquelle que serviu de instrumento á transmissão das obras citadas.

As *Elucidacões Evangélicas* são, assim, uma obra que, pela sua contextura singular, merece a atencão, sobretudo, dos que procuram no conhecimento das verdades eternas, alimento puro para seus Espiritos, porque ela oferece esse alimento, que dá á criatura forças para vencer as vicissitudes da existência, luz para devassar os horizontes da espiritualidade e capacidade para achar o caminho da regeneração humana, aos pobres peregrinos do infinito.

Impressa esmeradamente e superiormente encadernada, revista e ampliada por Guillon Ribeiro. — Vol. enc. Cr\$ 20,00

Jesus: nem Deus, nem homem

A determinação clara e precisa da posição espirita do Mestre divino, com relação a Deus e ao planeta terreno, ou á sua humanidade, é um dos pontos capitais da Nova Revelação. Elucidado por ela de modo peremptorio e conclusivo, como o foi, esse ponto, por si só, dissipando todas as dúvidas acerca da verdadeira natureza do Cristo de Deus, faz se desvanecerem todas as sombras de misterio que lhe envolviam a personalidade e que obscureciam muitos dos lanços da sua missão, tornando, ao mesmo tempo, ininteligiveis, segundo o espirito que vivifica, diversas partes das narrativas evangelicas.

De que modo, porém, a Nova Revelação solucionou o problema da verdadeira natureza de Jesus? Fazendo compreensiveis, em espirito e verdade, as palavras que Ele proferiu com relação a si proprio, as do Precursor, as do Apostolo Paulo e as do Velho Testamento, todas consideradas apenas, até então, segundo a letra que mata porque conduz ao erro.

E fe-lo de forma irrecusavel, como o verificará quem, sem idéias preconcebidas, de animo imparcial e com o desejo sincero de adquirir o conhecimento da verdade, que o Cristo personifica para o nosso mundo, perlustrar o pequeno volume, que a Livraria da Federação acaba de reeditar, sob o titulo expressivo e de significação real — “Jesus: nem Deus, nem homem”, extraído da obra monumental e indestrutivel: “A Revelação da Revelação”, obra que coube a J. B. Roustaing divulgar na Terra, desempenhando tarefa complementar da do Mestre Allan Kardec.

Volume: Cr\$ 3,00 — Porte: Cr\$ 1,00.

M. QUINTAO

FENÓMENOS DE MATERIALIZAÇÃO

De ha muito era reclamada, com insistencia, a reunião, em volume autónomo, dos principais trabalhos doutrinarios de Manoel Quintão, principalmente dos que não figuram nas colunas do “Reformador”.

Atendendo á justa solicitação, iniciamos a coletanea de tão valiosos escritos com a publicação do primeiro tomo que abrange, entre outros trabalhos, um erudito estudo sobre a mediunidade e outros sobre os notabilissimos fenomenos de materialização.

E' escusado dizer, um livro que dispensa elogio, reclame, recomendação. O seu autor que se impõe, de ha muito, pela cultura espirita e pelos dotes de elegante escritor, tem nesse livro um repositorio de ensinamentos dignos do melhor aprego e profunda meditação. São trabalhos que ficarão classicos na literatura doutrinaria, valendo por verdadeiras sinteses das verdades contidas no conjunto da doutrina dos Espiritos.

Um nitido volume de esmerada confecção. — Br. Cr\$ 5,00; enc. 8,00.



Obras básicas

Para o estudo do Espiritismo

O Livro dos Espiritos	Allan Kardec
O Livro dos Médiuns	Allan Kardec
O Evangelho segundo o Espiritismo ..	Allan Kardec
Os Quatro Evangelhos	Roustaing

— E todas as demais de Allan Kardec —

Para estudos complementares, recomendamos os seguintes autores: Dénis, Delanne, Bezerra de Menezes, Pietro Ubaldi, Bozzano, Bittencourt Sampaio, Saião, Flammarion, Crookes, Gibier, Dejean, Imbassahy, Pellicer, Fernando Lacerda, Moses, Vinicius, Aguarod, Marchal e muitos outros cujos nomes figuram em nosso Catalogo.

Como obras de grande valor literário e filosófico, aconselhamos as recebidas pelo médium Francisco Candido Xavier

Como leitura atraente, educativa e emocional, indicamos os romances e obras literárias constantes do nosso Preçário

Enviamos, gratuitamente o nosso Catalogo a quem não-lo solicitar, bem como atenderemos a pedidos para qualquer localidade do interior. O comprador só pagará no momento em que receber os livros das mãos do seu Agente do Correio.

Livraria Editora da Federação Espirita Brasileira

Avenida Passos, 30 — Rio de Janeiro

